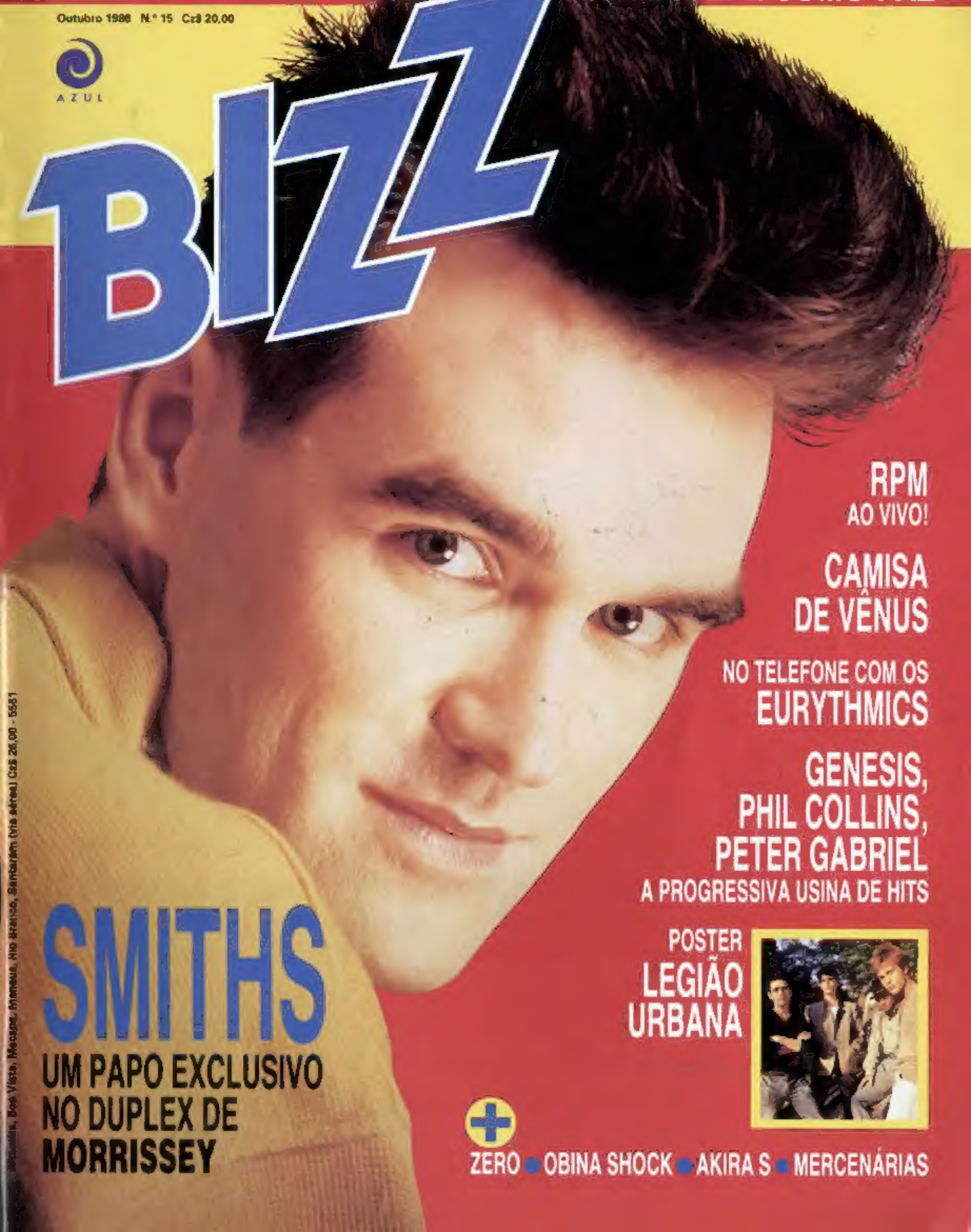
CINEMA: EFEITOS ESPECIAIS - QUEM FAZ E COMO FAZ

Outubro 1986 N.º 15 Cz$ 20,00

AZUL

BIZZ



RPM
AO VIVO!

CAMISA
DE VÊNUS

NO TELEFONE COM OS
EURYTHMICS

GENESIS,
PHIL COLLINS,
PETER GABRIEL
A PROGRESSIVA USINA DE HITS

SMITHS
UM PAPO EXCLUSIVO
NO DUPLEX DE
MORRISSEY

POSTER
LEGIÃO
URBANA

ZERO • OBINA SHOCK • AKIRA S • MERCENÁRIAS

...n (vhs adreal) Cz$ 26,00 - 5561

KIKO ZAMBIANCHI

O ARTISTA REVELAÇÃO DO ANO
DE VOLTA COM SEU NOVO LP/K-7
QUADRO VIVO
incluindo ALGUÉM tema da novela
Roda de Fogo
EMI

BIZZ

As Mercenárias, um petardo feminino nas fuças do bom-mocismo, estão lá na pag. 64

Toda vez que abre a boca — para cantar ou falar — **Morrissey** gera polêmica. É uma equação infalível e que vem encontrando ecos interessantes por estas plagas tropicais. Para tirar as dúvidas sobre a vida, a obra e as roupas dos **Smiths**, corra para a extensa entrevistona que Morrissey deu a **Ian Pye**, escriba do *New Musical Express*, cujo relato está aqui na íntegra.

Outra relíquia exclusiva é o papo telefônico e internacional com **Dave Stewart** e **Annie Lennox**, os fundadores do grupo mutante **Eurythmics**. E **Marco Antônio de Menezes**, nosso homem em Nova York, destrinchou em seis curtidíssimas páginas os efeitos especiais que a firma de **George Lucas, Industrial Light and Magic**, criou para os filmes *Retorno de Jedi* e *Indiana Jones e o Templo da Perdição*.

Pepe Escobar, mais polemizador do que o próprio Morrissey, desfere o golpe de misericórdia no dengue **dark** que vem contaminando nossos conterrâneos. E, por falar em conterrâneo, os baianos do **Camisa de Vênus**, foram devidamente radiografados por **Sônia Maia** na primeira matéria de fôlego publicada sobre o grupo na imprensa nacional — não fica pedra sobre pedra. Ainda no *front* nacional, o **Zero de Guilherme Isnard** mira no estrelato, **Akira S e As Garotas Que Erraram** abrem para **Luisa de Oliveira** as portas do estúdio onde estão gravando seu primeiro álbum e **As Mercenárias** — o mais furioso rock feminino a surgir por aqui — apresentam suas armas e perguntam: "Cadê as armas?"

De volta ao Brasil após longa ausência, **Airto Moreira** conta seu caso de amor com instrumentos de percussão justo no momento em que o país é invadido pelos ritmos afro do **Obina Shok**, o grupo pan-cultural de Brasília que **Márcia Álvaro** entrevistou na Capital Federal.

Para arrematar a democrática química desta edição, um **Ao Vivo** especial com **Titãs, Djavan, Baden Powell**, as feras do **Free Jazz** e, *last but not least*, o **RPM**.

José Emilio Rondeau

ESTE MÊS

26 CAMISA DE VÊNUS
Pauleira com sotaque "baianista" > *Sônia Maia*
32 GENESIS, PETER GABRIEL, PHIL COLLINS
O reencontro no topo das paradas > *José Emilio Rondeau*
36 ZERO
O histórico de *Guilherme Isnard* e cia.
38 OBINA SHOK
Caldeirão de ritmos no Planalto > *Márcia Álvaro*
42 EURYTHMICS
Annie e *Dave* atendem nossa ligação
48 AKIRA S & AS GAROTAS QUE ERRARAM
Avant-funk regado a samba e futebol > *Luiza de Oliveira*
64 MERCENÁRIAS
Enfim, o primeiro vinil
66 ESTILO ROCK
Dark, para que te quero > *Pepe Escobar*

TODO MÊS

6 SHOWBIZZ
Notas, notícias e boatos
14 PARADAS
Estados Unidos, Grã-Bretanha e Parada do Leitor
16 LANÇAMENTOS
Discos quentinhos da boca do forno
24 VÍDEO BIZZ
Uma garimpada no acervo dos videoclubes
51 ENTREVISTA
Morrissey, o garoto da capa
60 HEAVY METAL
Um noticiário especial para o mundo da pauleira
72 AO VIVO
RPM, Djavan, Baden Powell, Free Jazz Festival e *Titãs*
80 CINEMA
Os efeitos especiais da *Industrial Light & Magic*
90 CLIP
"Love Missile F-1 11", com *Sigue Sigue Sputnik*
92 PORÃO
Sonic Youth, TNT e *Picassos Falsos*
96 LETRAS
"Sledgehammer", *Peter Gabriel*
98 MEU INSTRUMENTO
Airto Moreira
100 AIR MAIL
Pepe Escobar de volta a Londres
102 CARTAS E SERVIÇOS
104 DISCOTECA BÁSICA
As obras-primas. Nesta edição, *Roxy Music*
106 CLAUDETTE POODLE E SUA POLAROID
Ela não perdoa, lembra!

GRADIENTE APRESENTA TRISTAR.

O SOM É ÓTIMO E O PREÇO VOCÊ TIRA DE LETRA.

Produzido na Zona Franca de Manaus.

Digital System Tri Star DS-10.

Este lançamento da Gradiente tem tudo o que você quer de um equipamento de som. E mais uma vantagem: o preço.

Vamos ver o que ele oferece.

É um sistema integrado. Isso significa um conceito mais avançado em som. Um sistema que reúne em um só módulo toca-discos, sintonizador AM/FM e cassette-deck.

Na verdade, o inusitado é a maneira como esses equipamentos são integrados. E o que eles oferecem de possibilidades sonoras.

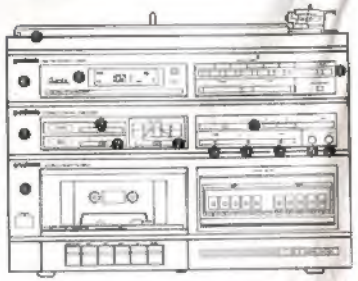
Vamos começar pelo receiver ①, de concepção moderna, que opera as seções de amplificação e pré-amplificação, proporcionando o som puro e limpo do Tri Star.

Todos os controles são deslizantes ②, garantindo ajustes de níveis mais suaves e precisos.

As funções são indicadas por LEDs ③. E, ainda no corpo do receiver, você vai encontrar tomadas frontais para fone de ouvido ④ e microfone ⑤.

O sintonizador AM/FM ⑥ tem ajuste de freqüência automática e circuito a quartzo, o que possibilita precisão absoluta.

Mais ainda, o Tri Star tem memória programável ⑦. Você pode escolher seis estações AM e seis estações FM da sua preferência e programar. Daí, apertou o botão e a sua emissora preferida entra imediatamente em sintonia.



O Tri Star é também o único em sua categoria que tem display de sintonia em cristal líquido ⑧. Nada é mais moderno.

Outro item importante: seleção automática de funções. Quando você quer passar do toca-discos para o cassette-deck, por exemplo, basta acionar a tecla de reprodução de fita. O som do toca-discos ⑨ é automaticamente desligado e você passa a ouvir a fita colocada no cassette-deck ⑩, que tem ajuste automático de nível de gravação.

O toca-discos é o melhor no seu gênero. Belt Drive, braço retilíneo, retorno automático.

Caixas acústicas Bass Reflex, em dois tamanhos, para você escolher a que melhor se adapta ao seu ambiente.

Aliás, o Tri Star também dá a você a opção de escolha da cor do próprio equipamento: grafite ou prata.

E, por fim, loudness automático. Que garante graves e agudos perfeitos, mesmo a níveis muito baixos de audição.

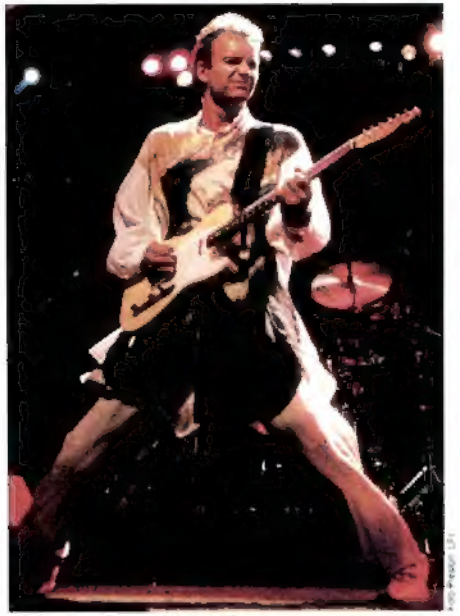
Esta é, sem dúvida, a melhor relação de composição de recursos sonoros e preço que você pode encontrar.

Venha ouvir o Tri Star num revendedor Gradiente. Você vai adorar o som. E o preço vai ser música para seus ouvidos.

TRI★STAR
gradiente

SHOW BIZZ

A VOLTA DO POLICE II (A GRAVAÇÃO)



Sting, entre o Police e Kathleen Turner

Os órfãos do **Police** que acompanham estas páginas devem ter ficado animadinhos com a reunião do trio no recente show para a Anistia Internacional (eles tocaram sem se querer olhar um para a cara do outro, mas fizeram um p* som).

Pois a reunião lentamente se efetiva com planos mais concretos. O que se sabe, por enquanto, é que **Sting, Andy Summers** e **Stewart Copeland** estão juntos em estúdio gravando "algumas coisinhas" que — segundo o empresário **Miles Copeland** — "acompanhariam uma coletânea a ser lançada" no final do ano. Outra possibilidade contemplada pelos policiais é a "regravação de algumas coisas de seu primeiro e segundo LPs".

Isso não quer dizer, porém, que **Sting** esteja esquecendo sua carreira de ator. Terminadas as gravações, ele começa a rodar o filme *Julia, Julia*, contracenando com a deusa **Kathleen Turner**.

O RETORNO DAS DEUSAS

Duas deusas que andaram sumidas, por razões diferentes, mas alternaram os rumos do rock nos anos 70, fazem agora seus retornos triunfais.

A primeira é a poetisa e cantora **Patti Smith** — que passou uns bons seis anos em casa cuidando do filho, desde que se casou com **Fred "Sonic" Smith** (guitarrista do lendário grupo **MC5**). Detalhe importante: ela volta com sua banda original, **Lenny Kaye** (guitarra), **Richard Sohl** (teclados), **Ivan Kral** (guitarra) e **Jay Dee Daugherty** (bateria).

A segunda é a vênus loira **Debbie Harry**, que, desde o fim do **Blondie** em 84, tem se dedicado exclusivamente a cuidar de seu marido (e ex-guitarrista do grupo) **Chris Stein**, acometido por uma rara doença. O disco solo de Debbie sai dia 20 deste mês.

A louraça Debbie Harry está de volta

FÃ DO QUEEN ASSASSINADO

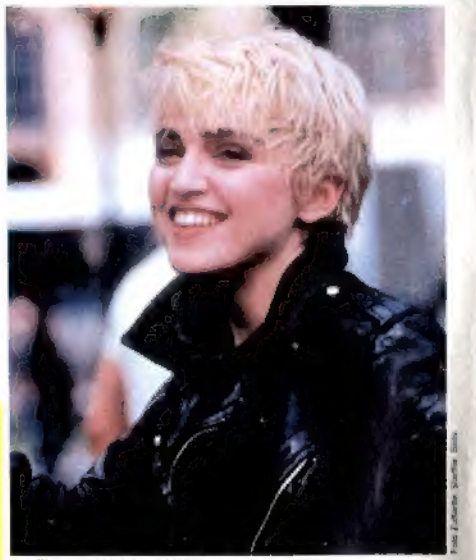
O incidente deplorável ocorreu durante um show do **Queen** no já tradicional festival inglês de Knebworth, em agosto. Thomas McGuigan, um escocês de 21 anos, foi morto à facadas numa briga que irrompeu na frente do palco.

Uma porta-voz do grupo declarou que os quatro estavam "horrorizados" com o ocorrido, mas negaram que houvesse culpa da organização do evento, em resposta ao rapaz da ambulância que disse não ter conseguido chegar perto de Thomas a tempo por causa da superlotação do festival (mais de 120 mil pessoas).

MADONNA NO TEATRO

Está difícil que **Madonna** volte a excursionar tão cedo, mesmo com um LP recém-lançado. Isso porque ela, no momento — mais uma vez com o marido **Sean Penn** — ensaia a peça *Goose and Tom Tom*, para fazer sua estréia como atriz de teatro no Lincoln Center de Nova York. Não se sabe muito sobre a peça, além de ser "sobre gangsters" e estrelar também o ator **Harvey Keitel** (o traficante de *Taxi Driver*), pois não entra ninguém da imprensa nos ensaios.

Enquanto isso, o ator **Danny Aiello** — que faz o papel de pai da Cicone no clip para "Papa Don't Preach" — aproveita o embalo para gravar uma canção-resposta intitulada "Papa Wants the Best for You" ("Papai Deseja o Melhor para Você"). Será que cola?



La Ciccone entre gangsters

ENTRA E SAI NO PROPAGANDA

O grupo alemão **Propaganda** — cujo disco foi lançado aqui pela WEA — ameaçou bater as botinas quando, no final de agosto, a vocalista **Claudia Brucken** decretou sua saída para uma carreira solo.

Uma semana depois, veio o desmentido: o grupo não só já está à caça de uma nova cantora como incorporou o ex-Simples Minds **Brian McGee** (bateria) e **Derek Forbes** (baixo) como membros fixos. Enquanto isso, o Propaganda sai do selo ZTT (uma ação na Justiça corre nesse sentido) e Claudia permanece.

A-HA E DIRE STRAITS PAPAM OS PRÊMIOS DA MTV

Aí vai a lista dos premiados pela MTV, anunciados na cerimônia realizada na noite de 5 de setembro:

Melhor vídeo do ano: o favoritíssimo e vencedor dos *Melhores de 85* da BIZZ, "Money for Nothing", dos **Dire Straits**; *Melhor Clip Masculino*: "Addicted to Love", de **Robert Palmer**; *Melhor Clip Feminino*: "How Will I Know?", de **Whitney Houston**; *Melhor Clip Conceitual*: "Take On Me", do **A-ha**; *Melhor Clip de Grupo*: "Money for Nothing"; *Melhor Atuação de Palco num Clip*: **Bryan Adams** e **Tina Turner**, em "It's Only Love"; *Melhor Artista Estreante em Clip*: A-ha, em "Take on Me"; *Melhor Atuação Total num Clip*: **David Bowie** e **Mick Jagger**, em "Dancing in the Street"; *Efeitos Especiais*: "Take on Me" de novo; *Direção de Arte*: "Rough Boy", do **Z Z Top**; *Edição*: "The Sun Always Shines on TV", *também* do **A-ha**; *Cinematografia*: "The Sun Always Shines on TV" (epa!?); *Coreografia*: **Prince & the Revolution**, em "Raspberry Beret"; *Direção*: **Steve Barron**, por "Take on Me"; *Clip Experimental*: "Take on Me" (êêê...).

Além disso, **Madonna** e o diretor **Zbigniew Wicynsky** receberam prêmios especiais. A cobertura completa da festa está na BIZZ do mês que vem.

SURPRESA DOS COCTEAU TWINS

Boas novas sopram da Inglaterra! Os **Cocteau Twins** estão, ao que parece, fabricando o disco que tem tudo para ser um marco em sua carreira. "Tudo", no caso, é a colaboração — em todas as faixas — do compositor e tecladista norte-americano **Harold Budd**. Para quem não o conhece, Budd lançou — entre outras coisas — um LP fundamental para a história da música eletrônica, *The Pavillion of Dreams*, além de dois preciosos discos em colaboração com **Brian Eno**: *The Plateaux of Mirrors* e *The Pearl*.

A RCA — que prometeu o lançamento de *Treasure* e *Victorialand* dos Cocteau no Brasil — que se considere avisada.

Os Cocteau eletronizam geral

PRINCE NO *PRAVDA*

Sheila E e o "arauto do Apocalipse" na Dança do Juízo Final

Cada uma! Pois não é que o popular *Pravda*, o diário soviético, publicou uma matéria intitulada "Alegres Coveiros" em que **Prince** é colocado como "arauto do Apocalipse" para exemplificar o rock mundial como Dança do Juízo Final.

Enquanto isso, o pequeno príncipe púrpura arrasava em sua turnê européia, com *todos* os ingressos para *todas* as apresentações esgotados no dia de abertura das bilheterias. Relatos do show foram na base do "uma vez na vida e outra na morte".

YOKO VEM AÍ?

Pois é... Yoko Ono vem cantar "Imagine" e outros sucessos de seu falecido marido em palcos brasileiros. O show deve ser o mesmo apresentado na *Starpeace Tour*, que percorreu a Europa no primeiro semestre e deveria chegar ainda este ano à América do Sul, não tivesse o Luna Park de Buenos Aires sido vetado pela produção. Com isto, ficou *tudo* adiado para o começo de 87.

TRAGÉDIAS DO ROCK

Quatro grandes figuras do rock dos anos 50 estão tendo suas vidas transpostas para a tela, nos estúdios de Hollywood.

Ritchie Valens, do hit "La Bamba" (que será o título do filme), será interpretado pelo estreante Lou Diamond. No mesmo filme, Marshall Grenshaw e Buddy Holly (que morreu no mesmo desastre de avião que Valens, em 59) e Brian Setzer e outro gênio de morte prematura, Eddie Cochran, morto num acidente de carro aos 21 anos.

Na sua biografia, Cochran será interpretado por Rob Lowe.

O terceiro da lista é Gene Vincent, um dos reis do rockabilly que morreu doente e na miséria, aos 36 anos, em 1971.

Por último, vem a hora e a vez do "Matador" Jerry Lee Lewis, o único da lista ainda vivinho da silva. Cogitou-se Mickey Rourke para o papel de Jerry.

SMITHS EM SUPER 8

Todo mundo sabe que os **Smiths**, principalmente o membro que está na capa da revista, *odeiam* videoclips e que isso já criou muitos problemas com sua gravadora (a independente Rough Trade) e sua distribuidora ao redor do globo (a Warner Bros). Para a promoção de *The Queen Is Dead*, porém, conseguiram chegar a um acordo comum: os clips serão substituídos por um único filme — rodado inteirinho em super 8 — que ilustra, de uma só enfiada, as faixas "There Is a Light that Never Goes Out", "The Queen Is Dead" e o novo compacto (não incluído no LP), "Panic". A qualidade é garantida pela direção de **Derek Jarman**, responsável por *cult movies* ingleses como *Sebastian*, *Jubilee* e o recente *Caravaggio* (nunca exibidos no Brasil).

Por falar nos rapazes, foi um grande sucesso sua mini-excursão pelos States. Em Nova York, por exemplo, tocaram ao ar livre para sete mil pessoas — entre elas os srs. **Mick Jagger** e **Ron Wood**, a cantora **Suzanne Vega** e a atriz **Margot Kidder** (a Lois Lane dos filmes do *Superman* e, dizem, lá de caderneta do grupo).

A VINGANÇA DE KEITH

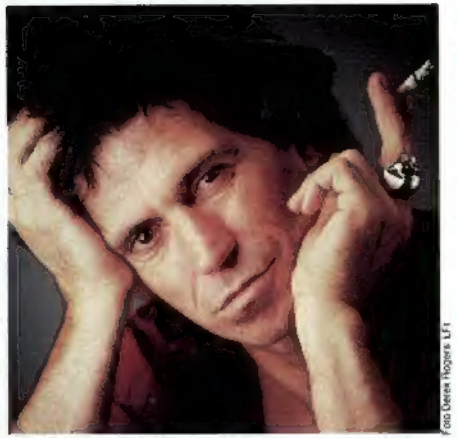


Foto Derek Hopper LFI

Mr. Richard, tocando seu próprio barco

Já que *Dona* **Jagger** se recusa a excursionar com os **Stones**, **Keith Richards** resolveu testar outras águas. E se meteu com o cinema. Ele está colaborando com o diretor Taylor Hackett no filme *Hail! Hail! Rock'n'Roll*, que mostra cenas ao vivo do herói supremo de Keith, **Chuck Berry.** E também participa da trilha de *Jumpin' Jack Flash*, filme baseado na letra do clássico dos Stones que será estrelado por **Whoopi** "A Cor Púrpura" **Goldberg.** Para a ocasião, Richards regravou a música numa versão arrasa-quarteirão com **Aretha Franklin** nos vocais. E não só isso: também rodou um clip, do qual **Ron Wood** também participa.

Além disso, corre solto o boato de que Keith estaria preparando, enfim, o seu primeiro disco solo.

CURE NAS TELAS

Descrito como um cruzamento entre *A Hard Day's Night (Os Reis do Iê-iê-iê)*, dos Beatles, e *Pink Floyd at Pompeii*, o filme sobre o **Cure** — dirigido por **Tim Pope**, responsável pelos clips da banda — teve suas seqüências de show filmadas em agosto, num anfiteatro romano do sul da França.

Numa das passagens de som, inclusive, a banda tocou inteirinha uma das gemas do **Pink Floyd**, "Set the Controls for the Heart of the Sun" — "perfeitamente", segundo uma testemunha, o escriba **Steve Sutherland** do *Melody Maker*.

No mais, **Bob Smith** foi também convidado para um filme estrelado por **Nastassja Kinski.** Comentário pós-recusa: "Ela não faz meu gênero".

COBRA FATIADA

Ou é muita burrice ou é má fé. A pretexto de que o filme *Cobra*, com o troglodita **Sylvester Stallone**, incitaria o público à violência (só porque um sargento bruta, ou coisa que o valha, saiu da sessão aos tiros, em um cinema da Bahia), o ministro da Justiça **Paulo Brossard** determinou cinco minutos de corte na fita e também o aumento da idade mínima de censura. Isso depois de ameaçar a proibição sumária do filme.

Repete-se, assim, o episódio *Je Vous Salue, Marie* — com a diferença de que Stallone não é Godard. E que *Cobra*, até então um filme com queda acentuada de freqüência, teve seu público imediatamente aumentado graças à polêmica...

Foto cortesia Warner Bros.

O brucutu Stallone: bode expiatório?

OUÇA ESSAS

"Eu gosto dos discos de Elvis Presley, alguns deles pelo menos, mas isso não quer dizer que eu vá comer cinco hambúrgueres por dia"
Mark E. Smith, *The Fall*

***

"Ele continua com a velha capacidade de *warm up* uma platéia"
Paulo Ricardo sobre **Ray Charles**

Nota do tradutor: "Warm up" significa "esquentar", "despertar os ânimos". De "warm up acts" são chamados os grupos que abrem shows de outros, mais famosos.

***

"Os punks do Madame Satã e dos Jardins não gostam do nosso som porque estão procurando a garota de Berlim"
Mauro, *Garotos Podres*

A REUNIÃO DOS STRAY CATS

Eles voltaram, mas não para ficar. O que aconteceu foi o seguinte. O trio original — **Brian Setzer** (vocal e guitarra), **Lee Rocker** (baixo) e **Slim Jim Phantom** (bateria) — resolveu se encontrar para "fazer as pazes e tomar uns tragos". Aí bateu aquela fissura de entrar no primeiro estúdio e o resultado é *Rock Therapy*, um LP gravado e mixado em apenas uma semana. Metade do repertório é constituído por músicas dos próprios Stray Cats, a outra metade versões de clássicos de gente como **Chuck Berry** e **Gene Vincent.** No mais, tudo continua como estava, ou seja, Brian Setzer prepara seu segundo LP solo, enquanto Rocker e Phantom também voltam para o estúdio com o guitarrista **Earl Slick** (com quem lançaram um LP o ano passado).

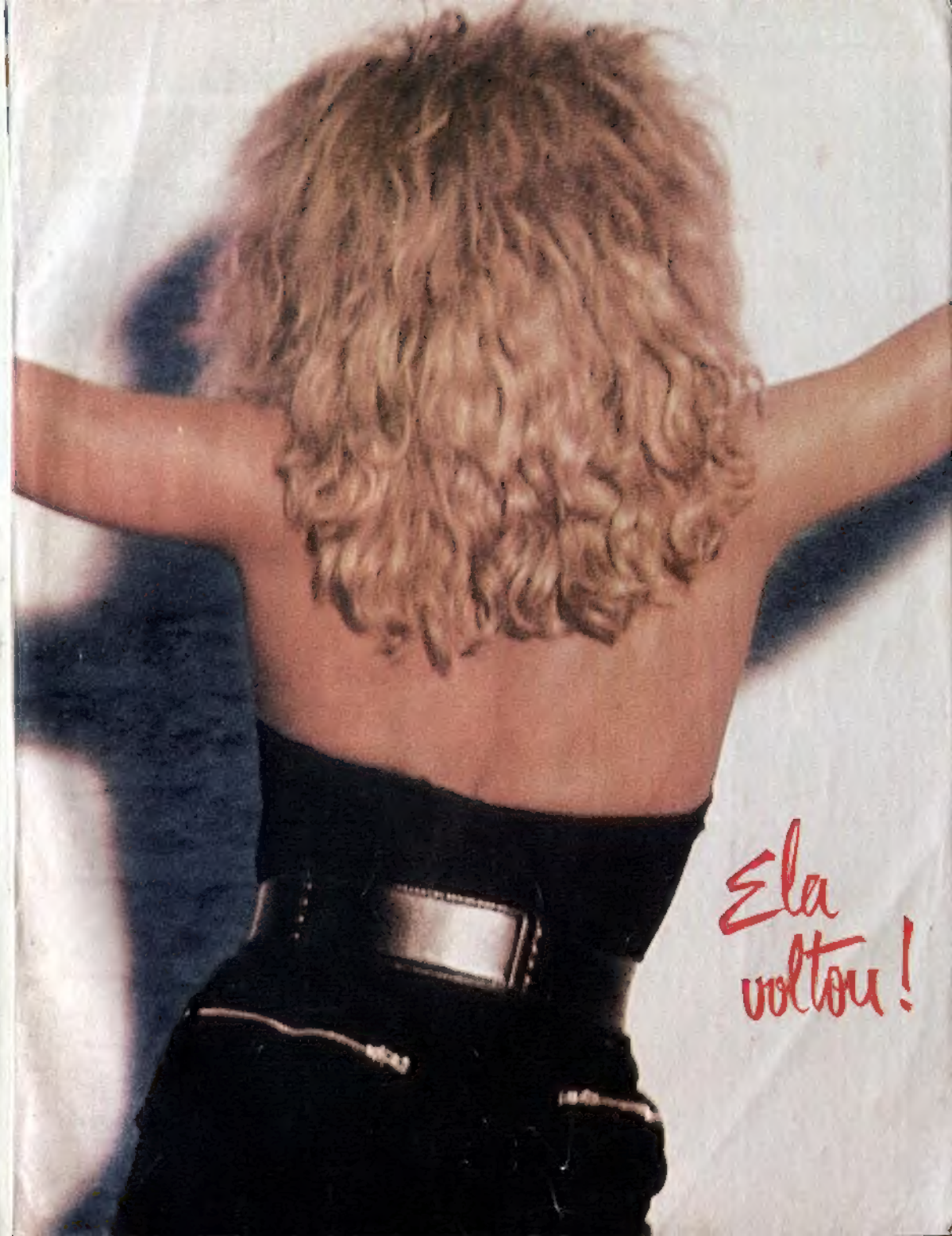
MOVIMENTAÇÃO DE ESTÚDIO

Algumas gravadoras começam a investir (de leve!, de leve!) nos novos. A Odeon, por exemplo, colocou **Kongo** ("Porão" de BIZZ 4) em estúdio, que terá produção de **Bi Ribeiro.** Além disso, estão gravando **Dulce Quental** e **Vinicius Cantuária,** aproveitando para inaugurar, com todos eles, seu novo estúdio de 24 canais.

A WEA contratou o **Patife Band** ("Porão" de BIZZ 13) e está com **Ultraje a Rigor** esquentando as turbinas. A Copacabana continua com **Raul Seixas** e **Antônio Marcos,** arranjados pelo maestro **Chiquinho de Moraes.** A CBS está com **Roberto Carlos** e prepara o LP de duas bandas recém-contratadas: **Nau** ("Porão" de BIZZ 9) e **Cabine C** (BIZZ 10). Já a RCA está só com **Alceu Valença** em estúdio.

Foto Gerardo Luiz Gomes

Ciro Pessoa (Cabine C): agora em vinil



NOTA PRETA PARA SIMON

Paul Simon num show em Paris, em 82

Às vesperas do lançamento de seu novo álbum, o africanizado *Graceland*, **Paul Simon** entrou na Justiça com um processo contra a Embassy Home Entertainment, reclamando uso indevido de clássicos da dupla **Simon & Garfunkel** na versão em vídeo do filme *A Primeira Noite de um Homem*. Ele alega que havia autorizado a inclusão de suas músicas na trilha somente na versão em cinema. Nota preta à vista.

AIRTO DESCE A RIPA

Assim que se viu cara a cara com **Airto Moreira** (escalado para a seção "Meu Instrumento" desta edição), a intrépida **Sônia Maia** foi logo disparando: "Por que você demorou tanto para voltar a se apresentar no Brasil?" Ao que respondeu o homem que percute e repercute:

"Eu não queria tocar com mozinho de jazz para a alta sociedade. Eu e Flora temos um grupo muito forte. Esperei, tive a paciência para vir com maior respaldo da imprensa e poder tocar em lugares mais populares. Apesar de termos acabado tocando no Anhembi, queremos mesmo é nos apresentar na praça, para muita gente, a preços baixos. O problema no Brasil é que só se esforçam para trazer grupos que, inclusive, eram fabricados só para vir tocar... ninguém tinha ouvido falar deles lá fora e aqui eram vendidos como um grande sucesso. Mas as coisas estão melhorando, principalmente a partir dos jovens. Admiro muito os jovens daqui porque estão muito bem informados. Agora, o público em geral é muito desinformado. O Free Jazz, por exemplo. Trazem um pessoal chato, velho, sem energia... e por aí vai..."

MERCENÁRIAS CONTRA-ATACAM

Foi no final de agosto que o público paulista pôde quebrar um jejum de meses e assistir ao show de lançamento do primeiro LP, *Cadê as Armas?* — neste caso, um jejum de três anos —, das **Mercenárias** (matéria nesta edição).

E as armas revelaram ser todas as músicas na boca do forno, além daquelas que já existiam há um ano e as que fazem parte do primeiro LP — reunindo, assim, um repertório suficiente para três LPs.

Uma hora de show, mais três bis e muita gente no palco — **Theo Werneck** (artista plástico), **Vange Leonel** (Nau), **Marcinha** (Chance) e **João** (Ratos de Porão) — celebrando junto com o público um dos rocks mais vigorosos, peculiares e poéticos que já surgiram por estas plagas. Alguns comentários ouvidos de orelhada:

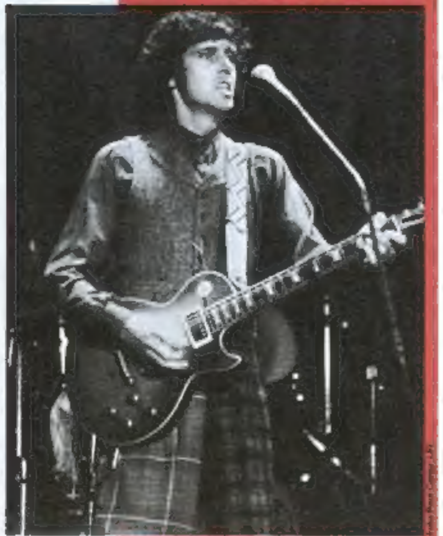
Charles Gavin (Titãs): "Que repertório!"

André Jung (Ira!): "Elas são a melhor banda feminina do mundo!"

Só os diários paulistas não acharam nada. Ou seja, nenhuma vírgula sequer sobre o show, nem antes, nem depois.

... PEIXINHO NÃO É

Tal pai, tal filho? Nem sempre. Pelo menos este não é o caso de Donovan Leitch Jr., rebento de um dos ícones do *flower power* dos anos 60, Donovan. Como quase todo o mundo de sua geração, Donovan, o pai, está preparando uma volta à ativa, com uma turnê em que cantará gemas antigas, como "Atlantis". Enquanto isto, o filho progride a passos largos como ator de cinema. Os dois não se vêem há mais de 15 anos, desde que um divórcio dissolveu a família quando Donovan, o filho, tinha 3 anos.



Donovan sênior, longe do júnior

VISITA ILUSTRE

Patrick escolhe bem suas leituras...

Esteve no Rio, em meados de agosto, o tecladista suíço **Patrick Moraz**, que já atuou no **Yes** e está atualmente no **Moody Blues**. Ele veio para visitar sua filha brasileira, Rana, de dez anos, e aproveitou para promover o novo disco dos Moodies, *The Other Side of Life*.

Patrick disse que, embora não tenha tido tempo para observar como está o Brasil desde sua última passagem por aqui, notou um certo clima evolutivo e esperançoso.

De seus ex-companheiros do **Vímana** (Ritchie, Lulu Santos, Lobão, Fernando Gama) disse não ter ouvido nada, apenas soube do estouro de Ritchie. Acha Fernando o mais talentoso da turma.

Sobre a volta do Moody Blues, ele disse que é puramente questão de grana, embora diga também que não precisa disso, pois seus discos solo vendem muito bem na Europa e Japão. E arrematou: "O melhor caminho para a música comercial é o do banco". Acrescentou que não incluiria os discos de Yes ou do MB nem entre os seus 100 favoritos, pois prefere música clássica, sobretudo Bartók e Stravinski. Fez questão de frisar que nunca copiou ninguém e de que essa é uma de suas metas de trabalho, ser original. No momento, Patrick está compondo a trilha sonora do próximo filme de **Arnold Schwarzenegger**, *Predator*.

NO MEIO DA RUA TEM UMA PEDRA ROLANDO.

"Tem gente que diz que o rock é um sonho. Uma utopia de transformação disso tudo que taí e a gente já sabe que não vai levar a lugar nenhum. Eu só sei é que ele não pode parar de rolar. Pra mim, o rock é uma real que eu vivo todo dia no estúdio, na rua e onde quer que a rapaziada chame a gente pra se apresentar. Eu tô sempre a fim de novo, aquela estória do bizarro e do inusitado, manja? Agora, isso é uma alternativa de cadá um. Acredita quem quer".

A moda do mundo da rua.
ALTERNATIVA®
Aqui e Agora. Só na Mesbla.

PARADA BIZZ

CONVENÇÕES
( ) indica a posição na parada anterior
(N) indica novidades na parada
(R) indica retorno à parada

Leitor! Sua participação é importante na Parada BIZZ!

Escreva para BIZZ, Caixa Postal 2372, dizendo quais foram os últimos discos que você comprou. Acrescente seu nome, endereço e telefone para que possamos voltar a consultá-lo

LPs (EUA)

1	(5)	*Top Gun* — **Trilha sonora do filme** (Columbia)
2	(N)	*True Blue* — **Madonna** (Sire)
3	(6)	*Invisible Touch* — **Genesis** (Atlantic)
4	(4)	*So* — **Peter Gabriel** (Geffen)
5	(1)	*Control* — **Janet Jackson** (A&M)
6	(N)	*Eat'em and Smile* — **David Lee Roth** (Warner Bros)
7	(N)	*Raising Hell* — **Run D.M.C.** (Profile)
8	(7)	*Love Zone* — **Billy Ocean** (Jive)
9	(N)	*Back in the High Life* — **Steve Winwood** (Island)
10	(3)	*Whitney Houston* — **Whitney Houston** (Arista)

LPs (GB)

1	(2)	*True Blue* — **Madonna** (Sire)
2	(N)	*Into the Night* — **Chris De Burgh** (A&M)
3	(9)	*The Final* — **Wham!** (Epic)
4	(5)	*Revenge* — **Eurythmics** (RCA)
5	(4)	*A Kind of Magic* — **Queen** (EMI)
6	(N)	*Riptide* — **Robert Palmer** (Island)
7	(10)	*Back in the High Life* — **Steve Winwood** (Island)
8	(N)	*Rat in the Kitchen* — **UB40** (Dep International)
9	(N)	*Every Beat of My Heart* — **Rod Stewart** (Warner Bros)
10	(N)	*Dancing on the Ceiling* — **Lionel Richie** (Motown)

LPs Independentes (GB)

1	(1)	*The Queen is Dead* — **Smiths** (Rough Trade)
2	(5)	*Giant* — **The Woodentops** (Rough Trade)
3	(N)	*The Gift* — **The Sisterhood** (Merciful Release)
4	(N)	*High Priest of Love* — **Zodiac Mindwarp** (Food)
5	(3)	*Born Sandy Devotional* — **The Triffids** (Hot)
6	(N)	*Step on It!* — **Bogshed** (Help Yourself)
7	(2)	*Contenders* — **Easterhouse** (Rough Trade)
8	(4)	*Manic Pop Thrill* — **That Petrol Emotion** (Demon)
9	(6)	*Back in the DHSS* — **Half Man Half Biscuit** (Probe Plus)
10	(N)	*Best Before 1984* — **Crass** (Crass)

Compactos (EUA)

1	(N)	"Papa Don't Preach" — **Madonna** (Sire)
2	(9)	"Glory of Love" — **Peter Cetera** (Warner Bros)
3	(N)	"Higher Love" — **Steve Winwood** (Island)
4	(N)	"Mad About You" — **Belinda Carlisle** (IRS)
5	(3)	"Sledgehammer" — **Peter Gabriel** (Geffen)
6	(N)	"Venus" — **Bananarama** (London)
7	(N)	"Dancing on the Ceiling" — **Lionel Richie** (Motown)
8	(1)	"Invisible Touch" — **Genesis** (Atlantic)
9	(N)	"Take My Breath Away" — **Berlin** (Columbia)
10	(6)	"Danger Zone" — **Kenny Loggins** (Columbia)

Compactos (GB)

1	(N)	"The Lady in Red" — **Chris De Burgh** (A&M)
2	(N)	"I Want to Wake Up With You" — **Boris Gardiner** (Revue)
3	(N)	"So Macho" — **Sinitta** (Fanfare)
4	(1)	"Papa Don't Preach" — **Madonna** (Sire)
5	(N)	"Camoullage" — **Standard Ridgway** (IRS)
6	(N)	"Ain't Nothin' Goin' On" — **Gwen Guthrie** (Boiling Point)
7	(5)	"Let's Go All the Way" — **Sly Fox** (Capitol)
8	(N)	"Calling All the Heroes" — **It Bites** (Virgin)
9	(N)	"Anyone Can Fall in Love" — **Anita Dobson/Simon May** (BBC)
10	(N)	"Find the Time" — **Five Star** (Tent)

Compactos Independentes (GB)

1	(10)	"Like a Hurricane" — **The Mission** (Chapter 22)
2	(N)	"Panic" — **Smiths** (Rough Trade)
3	(N)	"This Boy Can Wait" — **The Wedding Present** (Reception)
4	(N)	"Wild Child" — **Zodiac Mindwarp** (Food)
5	(4)	"The Singer" — **Nick Cave & The Bad Seeds** (Mute)
6	(2)	"Serpent's Kiss" — **The Mission** (Chapter 22)
7	(1)	"I Almost Prayed" — **The Weather Prophets** (Creation)
8	(3)	"Whole Wide World" — **The Soup Dragons** (Subway)
9	(N)	"Better Dead Than Wed" — **Class War** (Mortamais)
10	(N)	"Heart Full of Soul" — **Ghost Dance** (Karbon)

Fonte: Cash Box e Billboard (EUA); New Musical Express e Melody Maker, publicadas entre 02/06/86 e 30.08.86

Stay Ok.

STAY

LANÇAMENTOS

ALBUM - PiL (RCA)

Los Angeles, 1985. Na meca do luxo e da opulência, sob a colina que tem *Hollywood* em letras garrafais, a cidade onde John Lydon escolheu sua residência acorda para um crime hediondo. Um garoto de 15 anos é encontrado morto. No asfalto ao seu lado, escritas com seu próprio sangue, as letras *F F F*. Uns cinco anos antes, esta sigla batizara um grupo punk da cidade que deu origem a um movimento (Fight for Freedom) entre adolescentes que sucumbiram à confusão entre "anarquismo" e "fascismo", tristemente comum entre os punks. O assassinato de Mark Miller foi a última consequência.

Imagine-se na pele do ex-"Joãozinho Podre" lendo esta notícia no jornal de manhã cedo. Não é à toa que "F F F" é o nome da faixa que abre este bombardeio batizado de *Album* — Lydon, na letra, transcreve os *efes* para "farewell, my f... friend" ("adeus, muchachos compañeros...") e enterra de vez sua participação no punk.

O que se segue é uma pauleira high-tech cinco estrelas (da produção de Bill Laswell às canjas de gente como Ginger Baker e Ryuichi Sakamoto). A resposta de Lydon a si mesmo segue fulminante, de "Rise" (que inclui o velho dito de despedida celta: "que a estrada se erga com você") e "Fishing" às fortíssimas "Round" e "Home". Agora, que a RCA não pare por aí e lance, pelo menos, os primeiros dois LPs do PiL, a verdadeira revolução do rock. *J.A.L.*

ABSOLUTE BEGINNERS (RCA)

O filme está prometido para exibição comercial no Brasil até o fim do ano. Enquanto isso, desfruta-se a trilha sonora, que chega incompleta. Originalmente um álbum duplo, a edição nacional sai simples, como a americana, onde ficaram de fora pérolas da cafonália como "Volare" (*Nel Blu Te Pinto Di Blu*), interpretada cafajestalmente por David Bowie.

Mas o melhor está aqui. Tem Bowie com a canção-título, Sade, Ray Davies (Kinks), Working Week, Jerry Dammers (ex-Specials), Eight Wonder com a tesudinha Patsy Kensit mostrando que ainda falta muito para alcançar a tesudona Madonna, o magnífico Gil Evans e o Style Council com "Have You Ever Had It Blue?", regravação reintitulada de "With Everything To Lose", do álbum "Our Favorite Shop". Pelo menos é uma trilha diferente das que pintam atualmente. *Tom Ledo*

DIALECTS — Zawinul (CBS)

O austríaco Josef Zawinul foi o tecladista, principal compositor e catalizador do Weather Report, um dos poucos grupos realmente inovadores no jazz de fusão durante a década passada. Em seu novo trabalho solo, Zawinul transpõe para sintetizadores, percussão eletrônica e vozes (Bob McFerrin e um trio vocal liderado por Carl Anderson) o estilo definido pelo grupo: ritmos afro, latino-americanos e orientais, seqüências melódicas repetitivas, a liberdade harmônica do jazz e a grandiosidade da música erudita. Zawinul plasma o tribal e o tecnológico em um som muito pessoal, denso, combinando perfeitamente momentos de tensão e relaxamento, além de um raro bom gosto na seleção de timbres e programas rítmicos. Apenas na última faixa ele faz certas concessões ao pop-jazz tipo Pat Metheny, o que não chega a comprometer o disco. Boa recuperação, após o desgaste do Weather Report. *A.A.*

SO - Peter Gabriel (RCA)

"Peter Gabriel ficou comercial", proclamaram as manchetes no final do semestre passado, quando "Sledgehammer" atingiu o cume da parada de compactos da *Billboard*.

Que bom para ele — afinal, foi a primeira vez que Gabriel esfregou seu carão inglês no grande (mas eu digo grande, mesmo) público norte-americano desde que deixou o Genesis.

Mas será que este talento de cultivar a acessibilidade danificaria o gume cortante e o sentimento de perigo tão característicos de seus discos solo anteriores?

So responde esta pergunta em parte. Não é um disco que surpreenda pela estranheza; pelo contrário, é morno na primeira audição. Mas — no melhor estilo Gabriel — cresce (e bastante) aos poucos.

Kate Bush empresta sua voz singular a um dueto doce com Peter em "Don't Give Up" (pensando bem, esta faixa caberia melhor num disco de Kate), Stewart Copeland toca contra-tempo (no duro!) em "Red Rain" (uma das melhores canções do álbum) e a veia funkeira de Gabriel é acanciada (afora a classudérrima e imperdível "Sledgehammer") em "Big Time". *J.C.R.*

EUGÉNIA MELO E CASTRO (Polygram)

Terceiro LP brasileiro de uma cantora portuguesa que por aqui anda desde 1981. Uma espécie de Joni Mitchell do ultramar, Eugénia tem uma voz ao mesmo tempo solta e intimista, com um belo timbre. Aqui, aparece em parcerias com Wagner Tiso, Toninho Horta, Caetano, Francis Hime e Milton Nascimento (de quem gravou a inédita, e algo insossa, "Vaga no Azul"). A produção e os arranjos são bem cuidados, mas fica da audição uma sensação de *déjà vu*. O baixo de Zeca Assumpção é tão Jaco Pastorius, o piano de Túlio Mourão é tão Keith Richard, há uns climas tão Clube da Esquina... Mas, se for daqui por diante atrás de um trabalho mais denso, Eugénia certamente ainda vai chegar muito longe. *J.E.M.*

TAKEN BY FORCE - Scorpions (RCA)

É o LP de 77 do Scorpions e levou quase dez anos para sair no Brasil. Aliás, foi só depois do Rock in Rio que seus inéditos saíram aqui. O disco é de uma época de conquista européia do conjunto e em suas fileiras ainda estava Ulrich Roth, tido como o Hendrix chucrute. Após este disco, ele seguiu carreira solo. Aqui mesmo estréia o baterra Herman Rarebell. Mais interessantes são as desconhecidas (para quem não tem o importado) "The Sails of Charon" e "Your Light" (com bons momentos de Roth) e os consagrados "SteamRock Fever", "He's A Woman, She's A Man" e "We'll Burn The Sky". E um trabalho com muito mais energia e raça que os de hoje.

L.R.

GTR (RCA)

Iék! Os dois Steves — Howe e Hackett, respectivamente ex-Yes e ex-Genesis — tentam arrecadar alguns trocados e, no final, tudo soa como um desses insípidos e anônimos grupos de arena que os cigarros "ao sucesso" botam em suas propagandas de TV.

Uma pitada de Genesis e duas de Yes (levando em conta que o vocalista não passa de um Jon Anderson de araque) e, no final, tudo soa como... lembra do Styx? Pois é, os originais acabam se confundindo com os que, na época, os imitavam.

Não podia faltar um solinho para cada — "Sketches in the Sun" de Howe e "Hackett to Bits" do próprio. Evite a qualquer custo. *J.A.L.*

ONE NIGHT WITH BLUE NOTE — Diversos (EMI-Odeon)

Os três LPs foram gravados ao vivo em Nova York, em fevereiro de 1985, como uma justa homenagem a Alfred Lion, que criou o selo Blue Note em 1939 e estabeleceu assim uma discografia na qual figuraram ao longo dos tempos algumas das melhores gravações do gênero. Lion manteve em sua gravadora talentos como Horace Silver (piano), McCoy Tyner (piano), Jimmy Smith (o reinventor do órgão no jazz), Stanley Turrentine (sax tenor) e Herbie Hancock (piano). Todos estes subiram ao palco, num espetáculo tão eclético quanto memorável, onde figuraram ainda Art Blakey (bateria), Kenny Burrel (guitarra), Grady Tate (bateria), Jack DeJohnette (bateria) e Cecil Taylor (piano), entre outros. No repertório, desde recriações de clássicos como "Summertime", de Gershwin, ao piano irrequieto e esquizofrênico de Taylor tem "Pontos Cantados". Uma rara e preciosa antologia do jazz pós-década de 50. *J.E.M.*

CLOSER TO THE SOURCE — Dizzy Gillespie (WEA)

Dizzy já foi o responsável por algumas das melhores canções e arranjos de todos os tempos. Músico que um dia ostentou a estatura de um Charlie Parker ou um Thelonius Monk, o trompetista parece ter abandonado sua esfuziante criatividade pela comodidade (e as vendas maiores) dos funkinhos efêmeros e de melodias e harmonias rastaqüeras, como se viu em sua recente temporada brasileira e como se ouve neste LP. Mesmo acompanhado por feras como Marcus Miller (baixo), Branford Marsalis (sax), Kenny Kirkland (teclados) e até de Stevie Wonder, num solo de gaita, o efeito resultante é o da nostalgia de um monstro que se domesticou. *J.E.M.*

SLADE ON STAGE — Slade (RCA)

Outro que vem antes tarde do que nunca. O disco é de 82 e só agora sai aqui. Traz o Slade como gosta, no palco, passando muita energia para uma platéia participante com alguns de seus sucessos da época. As guitarradas, os andamentos e riffs são aqueles conhecidos de todos, porém, são eles e a garganta de Noddy Holder que mantêm esse pessoal aceso até hoje. Queime adrenalina à vontade, principalmente em "Rock'n'Roll Preacher", "We'll Bring The House Down", "A Night To Remember", "Gudbuy T'Jane" e a arrasadora "Mama Weer All Crazy Now" (coitado do Quiet Riot), culminando com todos cantando a tradicional "You'll Never Walk Alone", de Rodgers e Hammerstein. *L.R.*

RAISED ON RADIO - Journey (CBS)

O motivo das mudanças talvez interesse a alguns, porém o fato é que agora o Journey é um trio de rock arena: Steve Perry, vocalista, compositor, produtor (até da capa); o guitarrista Neal Schon e o tecladista Neal Schon. Dividiram as composições, os backing vocals, convidaram alguns músicos de estúdio para tampar os buracos e o resultado é aquele mesmo. Rock adocicado, dirigido, romântico e com um som forte para arrasar em grandes ambientes. E também para tocar bastante em FM. Não falta nem andamento moderninho, aquele sax plangente, aquela guitarra viajante (e plangente também) e a bela voz de Perry. Tudo certinho, bonitinho. *Bonitinho demais*, até quando ameaçam decolar num rockão. Ainda bem que só ameaçam. Então, somente é recomendado a fãs menos exigentes que estejam ouvindo sozinhos em seus carrões numa solitária auto-estrada. A faixa-título é a melhorzinha. *L.R.*

BUILD UP/HOJE É O PRIMEIRO DIA DO RESTO DE SUA VIDA/ATRÁS DO PORTO TEM UMA CIDADE — Rita Lee (Polygram)

"I want to be a star", cantava em tom premonitório em seu primeiro LP solo uma Rita Lee ainda bafejada pelo tropicalismo, recém-egressa de uma longa, criativa e caótica trip com os Mutantes. "Não vou viver mais ao lado de ninguém, aqui eu me despeço", definia ela em "Calma". Suave, romântica, mandando ver uma balada atrás da outra, cercada de cordas e harpas, ainda debochada (em "Prisioneiro de Amor,", um tango), Rita não fazia prever o mergulho freak de seu próximo LP, *Hoje é o primeiro dia...* Aqui, ela abria perguntando: "Que tal um chá pra gente se achar?", em "Vamos Tratar da Nossa Saúde". Sem qualquer inovação formal, envolta pela fumaça e pelos devaneios lisérgicos, miss Lee aludia à paranóia em torno (rolava a cavernosa ditadura Médici, num disco de 1972) em "Beija-me Meu Amor" ("Não participaremos destas mortes vis, beija minha boca varonis"). Citando interminavelmente o Yes de *Fragile* e os Doors, fazia um uso incipiente de um sintetizador Moog no "Samba em Branco e Preto", uma homenagem ao Corinthians, e parecia, de resto, longe de qualquer consistência. E aí segue *Atrás de Cada Porto...*, que ela abre pregando a necessidade de pé no chão. O som era o rockão, e ela exorcizava o passado em "Ando Jururu": "Só quero fazer parte do rock e cantar o tempo todo chubidudowdow". A trilogia recém-lançada mostra, assim, um importante trecho na trajetória que lastrearia um talento hoje maduro e, depois da banheira de espuma, mais uma vez criativo.

José Eduardo Mendonça

DOIS — Legião Urbana (EMI-Odeon)

A princípio, concordo em gênero, número e grau com a crítica ao Legião feita por Marcelo "Camisa de Vênus" Nova, nas páginas desta mesma edição. Minha primeira impressão deste disco foi através da "faixa de trabalho", a *smithiana* descarada "Tempo Perdido". E a primeira audição do disco foi contaminada por esse mal-estar, aliado a outro sério tipo de preconceito: eu esperava muito desse disco. Todos nós tínhamos o direito de esperar muito e tudo, a começar pela esperança de descoberta de uma identidade instrumental digna de emparelhar com as letras e o vocal de Renato Russo.

Aos poucos, a cada audição motivada pela incerteza desse descrédito inicial, foram saltando aos ouvidos os detalhes, o espectro emotivo que alcança ternura e ódio, música em palavras que vêm das entranhas — e nesses detalhes, o conjunto. Uma perseguição ao plexo solar que desemboca, aqui e ali, no berço: o blues em violão de cordas de aço. "Eduardo e Mônica" e "Acrylic On Canvas" — só a carga descarregada pela voz de Renato Russo poderia salvar essas letras do prolixo.

Não são só essas duas. "Daniel na Cova dos Leões", "Música Urbana 2" e "Índios" devem ser, antes de tudo, ouvidas e não vítimas de uma penca de adjetivos. A temperatura cai um pouco mesmo em faixas como "Metrópole" e "Fábrica", em que desgastada equação punk/realismo urbano assume toda sua obviedade, sob a sombra do brilho das faixas citadas.

Aí voltamos à questão inicial. Essa queda momentânea pelos arpejos de Johnny Marr (e a anterior adoção dos harmônicos marca registrada The Edge) acaba abrindo o flanco para os poréns e as críticas como as de Marcelo Nova e Lobão (que os incluiu entre os "pasticheiros osmóticos"...) *J.A.L.*

Foto Eduardo Abel

TRUTHDARE DOUBLEDARE — Bronski Beat (Polygram)

Com um pouco menos de seu frescor vocal, devido à saída do cantor Jimmy Somerville, que formou com outros coleguinhas o Communards (deve estar saindo aqui agora), o grupo inglês de tecnopop Bronski Beat volta com um bom disco dentro dos padrões da música que propõe fazer. Bem produzido, com letras romântico-homossexuais e dançantes.

Permaneceram o fundador Steve Bronski, responsável pela programação eletrônica e teclados, e Larry Steinbachek, mais teclados e computador rítmico. O novo vocalista, John Jon, e o hit single, "Bit That Perfect Seat", garantem boas reboladas nos night-clubs daqui ou da Europa. *T.L.*

TRUE BLUE — Madonna (WEA)

O terceiro álbum sempre foi um divisor de águas. Geralmente ele determina a stamina, o real talento e a capacidade de vida útil de um artista. Por isso, não é anormal ver toda a atenção do mundo voltada para os fatídicos terceiros álbuns. *True Blue* encaixa nesta categoria específica e se sai muito bem. Não apenas Madonna reafirma seu controle absoluto sobre material, arranjo, produção e carreira, como também amadurece (até onde pode) sua fórmula de pop adolescente. Mas a inocência antiga — muitas vezes confundida com pura sacanagem — foi substituída por introspecções como "Live To Tell" e "Papa Don't Preach". *J.E.R.*

FREAKEY STYLEY — Red Hot Chili Peppers (EMI-Odeon)

Este treslouco quarteto de Los Angeles não é um assunto estritamente musical — trata-se de um conceito artístico que mistura a bobeira desengonçada dos Três Patetas, a azucrinação sônica do hardcore, o experimentalismo blue de Jimi Hendrix e a funkadaria maciça de James Brown e Sly Stone.

Mas não ache que *Freakey Styley* é um disco de piadas metido a besta. A maluquice beleza dos Peppers é inteligente e subversiva — atiça os neurônios enquanto agita os quadris.

A esperta produção de George "Funkadelic/Parliamente/Atomic Dog" Clinton funciona de maneira eficiente e não ofusca os talentos de seus *protegés*, mesmo que em nenhum momento se ouça sequer um sussurro de Clinton. Mas a marca registrada dele está na descabelada "Catholic School Girls Rule" (ainda que seja hardcore), em "Hollywood" (uma releitura clássica de Sly Stone) e "American Ghost Dance". *J.E.R.*

LIVE IN COOK COUNTY JAIL — B.B. King (WEA)

Um disco que abre, curiosamente, com vaias e apupos. Dirigidos não ao mestre do blues, mas ao diretor da prisão e ao juiz local, num show gravado ao vivo para presidiários, em Chicago, 1970. Depois desta curiosa abertura, B.B. entra rachando, num longo solo de introdução a "Everyday I Have The Blues". Algumas das músicas foram tocadas por ele aqui, em maio último, como "How Blue Can You Get" "Worry, Worry, Worry" (onde faz um longo e divertido diálogo com o público masculino e feminino). Há sucessos há tempos guardados na gaveta, como "3 o'Clock Blues", um dos primeiros hits, e a clássica "Sweet Sixteen". Para os blueseiros, mais um LP imperdível. *J.E.M.*

STANDING ON A BEACH — The Cure (Polygram)

Uma panorâmica e preciosa coletânea, onde desfilam cronologicamente (de 79 a 85) todos os compactos da banda. O que fica evidente é que nosso caro garoto da capa foi quem forjou o *pós-pós-punk*. Pois o golpe dos Sex Pistols e seus asseclas londrinos bateu fundo no norte da Inglaterra, berço do pós. E o que é o Cure senão uma banda do sul que partiu da batidinha seca e acelerada dos Buzzcocks (que os Smiths também adotaram) para chegar à *cold wave* do Magazine e do Joy Division e ao diletantismo psicodélico dos Bunnymen. Isto é, pop da melhor qualidade. *J.A.L.*

Com o novo Vídeo Cassete Sharp a sua televisão só vai ter horário nobre.

A Sharp está lançando a mais completa linha de videocassetes do mercado. São 3 modelos, no formato VHS, que incorporam o que de mais avançado existe em matéria de videocassete:

- controle remoto sem fio com 17 funções.
- timer para 14 dias, 3 eventos.
- proteter de memória.
- "Front Loading".
- leitura automática, PAL-M/NTSC.
- função Editing.
- chave Picture.
- tecla SRT, para gravações de 1 minuto até 4 horas e 59 minutos.
- conexão direta para câmera.
- display Digitron duplo.
- assistência técnica em todo o Brasil.
- garantia total de 1 ano.

VC-4290 B

Agora você pode gravar e rever os seus programas favoritos na hora que quiser, com o modelo de videocassete que mais se adapte às suas necessidades. Contanto que seja um Sharp. O único com a tecnologia que você vê e revê.

VC-4590 B

VC-4040 B

SHARP

A tecnologia que você vê.

JIMI PLAYS MONTEREY (Polygram) / JOHNNY B. GOODE — Jimi Hendrix (EMI-Odeon)

Criticar Hendrix por que? E chover no molhado, pois tudo ja se falou sobre ele e seus discos. Agora, que existe um pessoal que todo ano desde sua morte em 70, continua faturando, lançando coletâneas de inéditos (e como encontram inéditos), lá isso existe mesmo. Falemos de *Monterey*, onde metade do LP já fora lançado naquele disco dividido com Otis Redding e lançado no exterior anos atrás, recordando o festival "Like A Rolling Stone", "Rock Me Baby", "Can You See Me" e "Wild Thing" (com uma passagem por "Strangers In The Night"). Dos temas restantes é bom destacar o ainda inédito "The Wind Cries Mary" e, claro, "Purple Haze", "Foxy Lady" e "Hey Joe". Mais importante é a qualidade de som obtida numa remixagem digital, o que melhora tudo.

Já o *Johnny B. Goode* é um mini-LP trazendo momentos não lançados em discos (foram tirados de vídeos) ainda, com Jimi no Festival de Atlanta em julho de 70 ("Voodoo Chile", a ótima "All Along The Watchtower" e trecho do hino americano) e em Berkeley (com "Johnny B. Goode" e o seu protesto pela Guerra do Vietna em "Machine Gun"). *Leopoldo Rey*

ELE E ELAS, VOL. II — Nelson Gonçalves (RCA)

Ele voltou, o boemio voltou novamente. So que continua (este é o terceiro da serie) dividindo seus LPs com convidados especiais e convidados "especiais".

E claro que a voz mais elegante e de emotividade contida do país combine melhor com a sobriedade lapidar de Gal (em "Dos Meus Braços Tu Não Sairás", demais!) e Elizete Cardoso (em "As Rosas Não Falam"!) do que com o histrionismo descabelado de Teté. "Petrobrás" Espindola e Elza Soares (para cima da obra-prima de Lupicinio, "Se Acaso Você Chegasse"). Em "Camisbemos", Maria Bethania saca o x da questão e conversa com Nelson sutilmente melodrama.

Para não dizer que não falei de perobas, Nelson canta *sozinho* em seis faixas, algumas absolutamente deliciosas como "Minha Rainha", "Vejam So e "Palavra que Falou" (a unica do genial Adelino Moreira). *J.A.L.*

SAMPA MIDNIGHT (ISSO NAO VAI FICAR ASSIM) — Itamar Assumpção MPA.

O "Nego Dito" chega, enfim, ao terceiro LP. Recapitulando. *Beleléu* (81) era um primor, reggae bluesificado a navalhadas. *As Próprias Custas S.A.* (83) foi um belíssimo show mas pessimamente transposto para o vinil, e talvez, ainda hoje, gravar "ao vivo" continue uma utopia quixotesca para musicos independentes, é preciso uma puta infra). Neste *Sampa Midnight*, Itamar acaba preso tambem em problemas de gravação: todos os instrumentos não só estão sem brilho como se aglomeram no mesmo plano, e ha uma variedade potencialmente opulenta deles — desde as vozes e violões sobrepostos a um trompete que nunca encontra o seu lugar. A textura resultante e como um lamaçal ruinho ruinho.

Fora isso, o disco padece de um sério complexo de "Beleléu requentado" — como na faixa "Desapareça Eurico" (a "Tete Tentes" e "Z da Questão" mantem a esperança de que, no próximo, tudo seja bem diferente. *J.A.L.*

RADIO PIRATA AO VIVO — RPM (CBS)

São duas as questões levantadas pela mera existencia deste disco:

1) Nunca, em momento algum da história do rock, aqui ou fora do Brasil um disco de estreia foi sucedido por um álbum ao vivo.

2) Nunca, em momento algum da história do rock brasileiro, foi gravado um disco ao vivo com som tão cristalino, tão gorduchão, tão decente.

Isto é bom ou mau? Por um lado é ótimo que finalmente ingressemos na era dos bons discos ao vivo (embora desconfie de determinados trechos limpos e perfeitos demais em empreitadas do gênero). Por outro, a gana de ganhar muita grana em cima do sucesso inegável dos shows do RPM pode ser extremamente prejudicial para a banda, que, até onde eu saiba, planejou uma carreira de *longa* duração.

Quanto ao conteúdo do disco, todas as músicas de sucesso dizem presente, mais algumas inéditas no vinil. De novidade, só. Abre o olho, RPM. *J.E.R.*

ROD STEWART (WEA)

Quem ainda leva a sério o velho Rod? Não foi este gogózão ensandecido que trocou os bicos pela vida fácil a primeira acenada de um par de pernas repousadas sobre vison? Não foi este mau-caráter que se negou a fazer a música que sempre amou para ganhar um trocado extra no mundo de faz-de-conta de Los Angeles?

Pois bem: Rod é um tremendo bundão. Mas este bundão sabe cantar pra caceta.

Aqui Rod garante (como se fosse preciso) seu lugar no panteão das grandes gargantas do rock em pelo menos três faixas. "Another Heartache", "In My Own Crazy Way", e numa releitura emocionante e imperdível de "In My Life", dos Beatles. *J.E.R.*

KING OF AMERICA — The Elvis Costello Show (RCA)

O 12.º álbum da prolífica e flexível carreira de Elvis Costello é justamente o último de sua carreira. Explicando, daqui por diante ele resgatará seu nome original, Declan McManus. Para todos os efeitos, este disco comemora a morte de Elvis Costello.

E que morte! Mais uma vez Elvis/Declan costura canções ultra-emotivas de desilusão amorosa. Só que aqui ele embrulhou temas brilhantes como os de "American Without Tears" e "Lovable" numa instrumentação tradicionalíssima, basicamente acústica. É como se trata de um artista brilhante em sua extrema flexibilidade, pouquíssimo os nada aqui lembra rolos-compressores, como "Peace, Love & Understanding", do antológico *Armed Forces*. *J.E.R.*

Walk on Water.

O nome é Walk Sider.
Há anos este original e autêntico boat shoe tem ajudado a dar mais aderência as superfícies escorregadias da vida.

RÁPIDO & RASTEIRO RÁPIDO & RASTEIRO RÁPIDO

Depois da tempestade vem a bonança. E vice-versa. Outubro está repleto de abobrinhas, bem pior que o mês passado. A área mais bem servida, apesar de tudo, é a do jazz. O retorno do selo Blue Note nos traz **SPONTANEOUS INVENTIONS**, de **Bobby McFerrin**, e **TOGETHERING**, de **Kenny Burrell**, **Grover Washington Jr.** (EMI-Odeon), dois discos de um certo brilho. McFerrin, o homem-orquestra, continua com um certo quê de atração circense, mas compensa com a presença de um sax e um piano reais, tocados por Wayne Shorter e Herbie Hancock, em duas faixas. O guitarrista Burrell e o saxofonista Washington também convidam um belo time: Ron Carter, Jack de Johnette e Ralph McDonald ⊗ Overdose de **David Sanborn:** a WEA lança **HIDEWAY, BACKSTREET** e **DOUBLE VISION**, o último compartilhado pelo tecladista **Bob James.** Ela saxofonezinho meloso, muzak puro ⊗ Bem mais interessante é **ROSSITER ROAD** (WEA), do pianista **Ahmad Jamal.** Terceira impecável, secundada por uma cozinha fina e a percussão de Manolo Badrena ⊗ **Lionel Hampton,** o vibrafonista, ataca com sua orquestra os *standards* das big bands, em **SENTIMENTAL JOURNEY** (WEA), mas o vocal branco de Sylvia Bennett compromete ⊗ Jazz nacional **VICTOR BIGLIONE** (WEA), o guitarrista argentino radicado no Brasil explora os clichês da geração Berklee. Muita competência e *déjà-vu* ⊗ Uma pausada, o anarquico **Damião** retorna a sua **EXPERIÇA** (Planeta Lamma. R. Barata R. beiro, 502. RJ) plena de guitarradas e filosofias rusticas. Brilhante ⊗ Outro apocalíptico, porém posado — **Ze Ramalho** e seu **OPUS VISIONARIO** (CBS), derrubado pela brega eletrônica de Lincoln Olivetti ⊗ **Elba Ramalho** cuidou com carinho de seu repertório em **REMEXER** (Polygram), com boas composições de Luis Caldas, Cazuza e João Bosco/Martinho da Vila, além da dose regulamentar de forró e frevo. Mas o seu timbre de cabra berrando continua o mesmo ⊗ Já **Kim Carnes,** o Rod Stewart de saias, tem uma bela voz rouca. O repertório de **LIGHT HOUSE** (EMI-Odeon) é que é perfeitamente insípido ⊗ A trilha de **PRETTY IN PINK** (CBS) é uma boa; compensa perfeitamente as babas (**Belouis Some, INXS, OMD**) com **Suzanne Vega e Joe Jackson, New Order, Smiths** e **Echo** ⊗ **Leila Pinheiro** demonstra em **OLHO NU** (Polygram) a que veio. É uma mocinha afinada e perfeitamente inexpressiva ⊗ Mais brega eletrônica. **Guilherme Arantes** está pior do que nunca em **CALOR** (CBS) ⊗ **Falco** é um fenômeno esquisito, um rapista austriaco (!) que perpetrou um hit muito simpático, "Der Kommissar". Em seu terceiro LP, **FALCO 3** (CBS), ele dá uma de intérprete cancato, adaptando Ric Ocasek e Bob Dylan. Há também "Rock Me Amadeus", e nada que vá muito além das pistas de dança ⊗ **CABEÇA DE PRAIA** é mais um EP do setor nacional da coleção **Rock dos Anos 90** (WEA). É, também, mais um subsub-Police, tão oitavo quanto o Elemento Vasado e o Artigo 17, seus predecessores. Meu Deus, quem precisa disso?"

A.A.

BOLSA DE DISCOS

Carlos Arruda	☹	😐	😐	😐	●	😐
José Augusto Lemos	☹	😐	😐	😐	☹	😐
Alex Antunes	☹	☹	😐	😐	☹	😐
José Emilio Rondeau	☹	😐	😐	😐	●	😐
Alfredo Borba Jr	☹	●	●	😐	☹	●
Tom Leão	😐	😐	😐	😐	😐	😐
Leopoldo Rey	☹	☹	😐	😐	●	😐

Sublime
Bom
Interessante
Razoavel
Lixo

LANÇAMENTO

COM LICENÇA, EU VOU À LUTA (1986)

Direção: Lui Farias. Com Fernanda Torres, Carlos Augusto Strazzer, Marieta Severo, Reginaldo Faria. Globovídeo

Inspirado no livro autobiográfico de Eliane Maciel, o filme consegue ser menos parcial que o "dramático" relato da adolescente em conflito com os pais. Por não ser na primeira pessoa, ultrapassa os problemas da menor, compondo um rápido retrato da família classe média brasileira sem cair no estereótipo. Nada de excepcional mas competente, principalmente pelas ótimas interpretações de Fernanda e Marieta. A trama às vezes se perde em flashes de viagens/encontros/despedidas: única falha da adaptação para o cinema. *C.G.L.*

COMÉDIA

AND NOW, FOR SOMETHING DIFFERENT (1972)

Direção: Ian MacNaughton. Com o grupo Monty Phyton: Graham Chapman, John Cleese, Michael Palin, Eric Idle, Terry Jones, Terry Gilliam

Primeiro filme do grupo, até então conhecido por um programa na televisão inglesa. E essa comédia se assemelha ao programa: não tem história, mas vários (e hilariantes) quadros independentes. Alguns, em versão ligeiramente diferente, já são conhecidos, tendo aparecido no *Monty Phyton no Show de Hollywood*. Mas a maior parte é inédita e engraçadíssima, destilando o humor corrosivo do sexteto inglês em *sketches*, como o do programa de chantagem pela TV, o do aviário que quer empurrar um papagaio morto para o freguês e o do pelotão gay marchando. Delirante.

MEU TIO (Mon Oncle, 1958)

Direção: Jacques Tati. Com Tati, Jean Pierre Zola.

Tati, o maior comediante da França, é um caso único no humor e no cinema. Iniciando-se como mímico, soube trazer para a tela um humor visual sofisticado, conduzido pela figura ligeiramente desastrada de Monsieur Hulot, o tio do título. Não há gags grosseiras ou óbvias. Há o sobrinho dileto, filho de sua irmã com o mais entojado novo rico, gerente de uma indústria de plásticos. Esse senhor constrói uma casa *high-tech* de gosto muito duvidoso, cheia de truques eletrônicos e adornos absurdos com os quais Hulot vive esbarrando. Finíssimo.

KENTUCKY FRIED MOVIE (1977)

Direção: John Landis. Com David Zucker, Jim Abrahams e Jerry Zucker, Bill Bixby, Donald Sutherland

O Kentucky Fried Theater é uma espécie de réplica americana ao Monty Phyton. Zucker, Zucker & Abrahams, responsáveis pelo hilário *Apertem os Cintos, O Piloto Sumiu*, aqui assinam o roteiro e fazem diversos personagens, dirigidos por John Landis (*Um Lobisomem Americano em Londres*). Satirizam a programação da TV americana: na tela se sucedem programas idiotas, noticiários, anúncios e também um filme de kung-fu. Convidados ilustres abrilhantam os quadros. Entre os melhores, a entrevista de um explorador com o microfone-girafa ensandecido.

MUSICAL

BAUHAUS — SHADOWS OF LIGHT (83) / ARCHIVE (84)

Estes são os dois vídeos longos oficiais da banda. *Shadows*, coleciona os clips e algumas performances ao vivo, e *Archive* registra as imagens de um dos últimos shows do Bauhaus, no Old Vic Theatre.

É curioso notar como, apesar de todo o carisma de Peter Murphy e da excelência do instrumental, a banda funciona melhor em videoclip. Parece que só as imagens inspiradas no expressionismo alemão ou em filmes de terror dão o complemento necessário à pose sombria da banda. O repertório nos dois vídeos tem muitos pontos em comum. Em clip, os melhores são "Telegram Sam", em um porão, "Spirit", em cenários que lembram o hotel de *O Iluminado*, e "She's in Parties", em clima de filme de espionagem.

ROXY MUSIC — THE HIGH ROAD (1983)

Gravado durante a última turnê mundial do Roxy, mais exatamente no anfiteatro de Fréjus, na França, *The High Road* é um banho de elegância e melodia. Os vocais de Mr. Ferry, os escudeiros Manzanera e Mackay (guitarra e sopros) e uma grande banda (Neil Hubbard, guitarra; Alan Spenner, baixo; Guy Fletcher, teclados; Andy Newmark, bateria; Jimmy Maelen, percussão; Fonzi Thornton, Michelle Cobbs e Tawatha Agee, *backing vocals*), todos em grande forma, desfiam o repertório clássico do grupo. Além das faixas registradas no mini-LP homônimo, gravado na mesma excursão, estão entre os pontos altos "Both Ends Burning", "Avalon", "Love Is the Drug", "Song for Europe", "Do the Strand" e "Editions of You".

DRAMA

O ÚLTIMO TANGO EM PARIS (Le Dernier Tango à Paris, 1972)

Direção: Bernardo Bertolucci. Com Marlon Brando, Maria Schneider, Jean-Pierre Leaud

Um dos filmes mais polêmicos da história do cinema (graças à sua proibição em diversos países e problemas com a censura até hoje, sob a acusação de pornografia), *O Último Tango* revelou-se, para além do sensacionalismo, uma obra séria e perturbadora. Um viúvo norte-americano (Brando) inicia uma aventura com uma jovem francesa (Schneider) que encontra em um apartamento vago. O desajuste do casal e a forte atração erótica descambam em um relacionamento desesperado e cruel, emoldurado pela ótima fotografia de Vittorio Storaro e pela genial trilha sonora do saxofonista Gato Barbieri. [illegible] de performance dos atores.

APOCALYPSE NOW (1979)

Direção: Francis Coppola. Com Martin Sheen e Marlon Brando

Definido pelo diretor como "mais uma experiência do que um filme", *Apocalypse* começa quando um capitão do exército americano é incumbido de uma missão insólita: eliminar um coronel enlouquecido que desertou da guerra com seu batalhão e fundou uma estranha comunidade nas selvas do Vietnã. Avançando na jungle, o oficial e o próprio filme se emaranham na loucura da guerra. O enredo se rarefaz, o ritmo decresce, o encontro se prepara. Brando representa o coronel doido. Seus discursos finais foram improvisados em exercícios com Coppola, e o resultado, embalado em "The End", dos Doors, é muito impressionante.

SINDICATO DE LADRÕES (On the Waterfront, 1954)

Direção: Elia Kazan. Com Marlon Brando, Eva Marie Saint, Lee J. Cobb, Rod Steiger

Kazan, criador do Actor's Studio, e Brando, seu mais aplicado discípulo, revolucionaram a interpretação no cinema, acrescentando gaguejos e maneirismos para quebrar a performance posada. Este é o terceiro filme dos dois juntos, uma brilhante dissecação da corrupção na sociedade americana (no caso, em um sindicato de estivadores). O jovem Brando interpreta um capanga acomodado, protegido do chefe da gangue que domina o porto, que entra em uma crise de consciência ao se apaixonar pela irmã de um trabalhador eliminado pela quadrilha. A estrutura é de *thriller*, mas o forte do filme é a tensão psicológica.

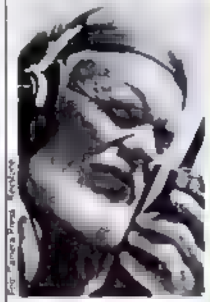
SUSPENSE

IRMÃS DIABÓLICAS (Sisters, 1973)

Direção: Brian De Palma. Com Margot Kidder, Jennifer Salt

Excelente e bem-humorado suspense do diretor de *Dublê de Corpo*, e já antecipando algumas das idéias desse último filme. Discípulo de Hitchcock, De Palma às vezes consegue combinar o sinistro e o irônico como o mestre tão bem o fazia, e esta é uma dessas ocasiões. As irmãs são duas siamesas operadas: uma sã e a outra louca (furiosa e segregada, que aparece para cometer um assassinato). Há uma testemunha — a vizinha —, mas a polícia é driblada pela irmã normal e cabe à moça provar que de fato assistiu a um crime. Pitadas de *Janela Indiscreta* e de *Psicose*, muita *split-camera* (a tela dividida em duas ações simultâneas) e um final absolutamente desnorteante.

THE OSTERMAN WEEKEND (1983)



Direção: Sam Peckinpah. Com Rutger Hauer, John Hurt, Burt Reynolds, Dennis Hooper

Um dos grandes diretores americanos, falecido em 84, Peckinpah (foto) nem sempre é reconhecido como tal, graças à extrema violência e imoralidade de seus filmes, em geral westerns. Este é seu último e genial trabalho, infelizmente desconhecido, pois suas obras imediatamente anteriores são filmes menores, como *Comboio*. É uma história de espionagem. Hurt interpreta um agente cuja esposa foi morta pela KGB com a conivência da CIA, e quer se vingar a qualquer preço. Ele envolve seus superiores e um apresentador de TV (Hauer, o bandido que fez o replicante em *Blade Runner*) em uma trama absurda para desmascarar em público o general que o traiu. Os recursos de vídeo — que cond[illegible] as missões da CIA — e a câmera lenta (um dos recursos prediletos do diretor) dão novo brilho à montagem.

Fitas cedidas pelas locadoras 2001 e Renascen. As resenhas (exceto Lançamento) são de Alex Antunes

MARLON BRANDO

Em *O Último Tango em Paris*, o diretor Bertolucci reescreveu o papel do americano Paul especialmente para Marlon Brando, acrescentando dados da biografia e sentimentos do ator. O próprio Brando se confunde com as mil faces de sua personalidade e recua: "Em todos os trabalhos que fiz minha matéria-prima é a própria vivência pessoal. Mas eu não gosto de representar, é coisa servil, alienada e infantil. Sabedoria é deixar de representar".

Brando nasceu em 3 de abril de 1924, em Omaha, Nebraska, EUA. Estudou no Actor's Studio, uma das escolas mais famosas da América e estreou na Broadway em 1943, na peça infantil *Bobino*, de Stanley Kaufman. Logo destacou-se e conseguiu melhores papéis, trabalhando com o diretor alemão Erwin Piscator, a atriz Tallulah Bankhead... e brigando com os dois.

Depois destas experiências, Brando afastou-se da Broadway, até que o convite do diretor Elia Kazan lhe trouxe o papel que mais marcou sua carreira: Stanley Kowalski, um dos personagens atormentados da peça *Um Bonde Chamado Desejo*, de Tennessee Williams, ficando um ano e meio em cartaz. Nos intervalos, ele lutava boxe, e um soco imprudente deixou seu nariz definitivamente torto. Quando a temporada acabou, ele foi para Paris dizendo que nunca mais pisaria num palco.

Em 1950, foi para Hollywood e estreou com *Espíritos Indômitos*, no papel de um veterano de guerra paraplégico. Em *Rua Chamada Pecado*, a adaptação para o cinema da peça de Williams, ele reviveu Kowalski e ganhou sua primeira indicação para o Oscar, mas acabou sendo o único não premiado do filme. O primeiro Oscar veio em 1954, com *Sindicato de Ladrões*, dirigido mais uma vez por Kazan. Em 1980 recusou o segundo Oscar (por sua fabulosa interpretação em *O Poderoso Chefão*) e mandou uma falsa índia à cerimônia, em protesto ao tratamento dado aos índios no cinema. Hoje, afastado do cinema, ele vive numa ilha particular no Haiti com alguns amigos onde cientistas financiados por ele trabalham em projetos de aproveitamento da energia solar e aumento da fauna e flora marinhas. *Cesar Garcia Lima*

FILMOGRAFIA

FILMOGRAFIA COMPLETA (os filmes com o sinal * são disponíveis em vídeo) *The Men** (*Espíritos Indômitos*, 1950); *A Street Named Desire** (*Uma Rua Chamada Pecado*, 1951); *Viva Zapata!** (*Viva Zapata!*, 1952); *Julius Caesar* (*Júlio César* 1953); *The Wild One* (*O Selvagem*, 1954); *On the Waterfront** (*Sindicato de Ladrões*, 1954); *Désirée* (*Désirée, o Amor de Napoleão*, 1954); *Guy and Dolls** (*Eles e Elas*, 1955); *The Teahouse of the August Moon* (*A Casa de Chá do Luar de Agosto*, 1956); *Sayonara** (*Sayonara*, 1957); *The Young Lions** (*Os Deuses Vencidos*, 1958); *The Fugitive Kind* (*Vidas em Fuga*, 1960); *One-Eyed Jacks** (como ator e diretor — *Face Oculta*, 1961); *Mutiny on the Bounty** (*O Grande Motim*, 1962); *The Ugly American* (*Quando os Irmãos se Defrontam*, 1963); *Bedtime Story* (*Dois Farristas Irresistíveis*, 1964); *Morituri* (*Morituri*, 1965); *The Chase* (*Caçada Humana*, 1966); *The Appaloosa* (*Sangue em Sonora* 1966); *A Countess from Hong Kong* (*A Condessa de Hong Kong*, 1967); *Reflections in a Golden Eye** (*Os Pecados de Todos Nós* 1967) *The Night of the Following Day* (*A Noite do Dia Seguinte*, 1968); *Candy* (*Candy*, 1968); *Burn!** (*Queimada*, 1970); *The Nightcomers* (*Os que Chegam com a Noite* 1972); *The Godfather** (*O Poderoso Chefão*, 1972); *Last Tango in Paris** (*O Último Tango em Paris*, 1972); *Missouri Breaks** (*Duelo de Gigantes*, 1976); *Apocalypse Now** (*Apocalipse*, 1977); *Superman** (*Superman* 1977); *The Formula** (*A Fórmula*, 1980).

CAMISA DE VÊNUS

NEM PANOS QUENTES, NEM PAPAS NA LÍNGUA

Aqui na redação eles têm tanto fiéis detratores como fieis defensores. Enquanto isso, a banda prepara seu quarto LP — dando um banho de longevidade consistente no "rock brasileiro". A eles, entao, entrevistados por *Sônia Maia*

BIZZ — *Que tal começar por um balanço de carreira? Vocês surgiram numa epoca (82) em que o cenario estava tomado pela Blitz. Como foi chegar nesse cenário com uma proposta como a do Camisa de Venus?*

Castavo — Nao mudou muita coisa não, viu. Tem muita Blitz e Radio Taxi por aí.

Karl — Nao estamos muito preocupados com o cenário e sim com o Camisa e com o que a gente faz.

Marcelo — Nao foi difícil, foi facil. Se é que foi realmente difícil se a gente observa por esse ângulo de cenario, o que acontecia na Bahia em 82 era uma reciclagem do tropicalismo, e Moraes Moreira, Pepeu Gomes, Baby Consuelo, Caetano Gil, Bethania, Gal E, tanto sonora mente como no texto, o Camisa é diferente de todos estes exemplos. O fato de a gente ter vindo para São Paulo e Rio de Janeiro foi mais uma conseqüencia do que a gente já tinha feito em Salvador. Quando a Blitz gravou "batata frita, eu sei que vou me amar", essas coisas, o Camisa ja era sucesso em Salvador com "Meu Primo Zé", que tocava em tudo quanto era radio FM. So que a veiculação era limitada a uma cidade. Nao tinha o poder de penetração que ha em Sao Paulo e Rio de Janeiro.

BIZZ — *Façam um balanço do que vocês pretendiam e o que voces conquistaram.*

Marcelo — Gravamos um compacto em Salvador num estudio pequeninho de oito canais. Aí a música começou a tocar e começamos a nos apresentar para casas cheias. Tocamos para vinte mil pessoas no Farol da Barra. E aí pintou o lance de gravar um LP, que a principio seria pela Fermata. Viemos para São Paulo para isso e, quando estavamos no estudio, uma pessoa entrou, ouviu e propos para o Toninho (o contato da gravadora) que o disco poderia sair pela Som Livre. Como realmente acabou acontecendo. So que depois de três meses que o disco saiu houve um problema interno lá deles. Queriam que o nome da banda fosse mudado por razoes que, sei lá... Era imoral, indecente, ia dificultar a penetração na midia etc ... E, se fossemos bons cordeiros, bons cabritos, em compensação eles dariam para a gente o sistema de midia da Globo inteira. Não aceitamos essas pressões e pedimos as contas. Na época foi duro pra caramba. Custou varios almoços de hambúrgueres, varios jantares de cheese-salada.

Karl — Morada na Boca do Lixo.

Marcelo — Só que hoje, quatro anos depois, a gente olha para trás e ve que foi a decisão mais acertada que poderiamos ter tomado. Porque durante este tempo aprendemos que nossa decisao é mais importante ate que a vontade de qualquer pessoa. Ficamos um ano e meio sem conseguir gravar, e o segundo LP veio pela RGE que, por mais paradoxal que pareça, é do mesmo dono da Som Livre. E, quando "Joana D'Arc" virou hit de radio e invadiu a tal da midia e a banda vendeu 100 mil LPs, fomos convidados para fazer Chacrinha. E com o mesmo nome. Porque aí a falsa moral caiu por terra. O que era indecente passou a ser sarcastico. Sabe, aquela mentalidade: "Esse nome é bom, é sarcástico, vende 100 mil copias e a gente vai ganhar dinheiro".

Karl — E a coisa mais engraçada é que quando a RGE resolveu relançar o primeiro LP, que tinha sido encostado pela Som Livre, o disco veio com um selinho dizendo: "Incluindo 'Bete Morreu'". E essa musica escandalizava todo mundo da gravado-

CAMISA DE VÊNUS

ra por causa da letra "violentaram Bete, espancaram Bete, ela nem se mexeu. Bete morreu'

BIZZ — *Quais foram os indicadores que fizeram vocês sentir que a coisa ia acontecer, que voces tam ser uma banda de sucesso?*

Marcelo — Acho que foi quando "Joana D'Arc" se tornou um hit. Este foi o ponto, porque veiculou o Camisa nacionalmente

BIZZ — *E depois de Joana D'Arc?*

Karl — Depois disso a gente resolveu adotar São Paulo

Marcelo — Inclusive porque a gente sentiu que a linguagem do Camisa tinha muito mais a ver com uma cidade urbana. O *drive* de Sao Paulo contribuiu e o publico também

BIZZ — *E por que São Paulo?*

Karl — A gente saía de madrugada na av. Sao João, via aqueles anúncios de neon, aquela fumaça. Já estava todo mundo de saco cheio de menina com cabelo de Ebba Ramalho, biquíni fio-dental de Ipanema entende? Uma coisa vulgar pra caramba. Chega a se tornar desagradável de tão vulgar que é. E hoje, um ano depois que estamos morando aqui, ninguem está pensando em sair para canto algum

Marcelo — Somos batalhistas agora

BIZZ — *Como?*

Marcelo — Baianos que moram em São Paulo

BIZZ — *Falem um pouco do novo disco*

Marcelo — *Viva* ainda é o novo disco. *Viva* foi uma decisão da gente de gravar um disco para os fãs, talvez até como uma maneira de reconhecimento por eles terem colocado a gente onde estamos hoje. E ele é a cara do Camisa no palco, que é o nosso habitat natural, é onde o Camisa é. Adoramos estudios, procuramos esmerilhar aqui dentro. Mas o Camisa é, indiscutivelmente, uma banda de palco, até pela participação do publico, que é tao importante quanto a nossa. E isso esta registrado nesse LP

BIZZ — *Mas tinha o fato de vocês estarem devendo, por contrato, um LP para a RGE.*

Karl — Mas poderia ter sido um disco de estúdio!

Marcelo — E tinha chegado o momento de fazer um disco ao vivo. Aliás, parece que depois que a gente fez um disco ao vivo estão saindo outros discos ao vivo tambem (risos)

BIZZ — *Como por exemplo?*

Marcelo — Eu tenho ouvido... Saiu RPM, Caetano

BIZZ — *E do novo, novo disco, este que vocês estão gravando aqui*

Marcelo — Estamos começando ainda. Inaugurando este estúdio

BIZZ — *Então falem das diferenças entre este e os outros LPs*

Karl — Está ligado à própria evolução dentro do nosso trabalho. Somos cinco, seis com o Petê (empresário). Trabalhos há quase cinco anos juntos. E a integração da banda, a sonoridade das guitarras, as idéias... está tudo melhor. Não moramos mais na Boca do Lixo, não dividimos apartamento. Acho que as mudanças têm a ver muito com nossa mudança de vida

Marcelo — Se você observar o primeiro LP, ele é um pau só do começo ao fim

Karl — O segundo já vem com um melhor tratamento de estudio

Marcelo — Além da diversificação rítmica. Tem reggae, rap, balada. O terceiro já é ao vivo. E esse novo disco é como eu falei: estamos começando agora e só temos as bases prontas

"Não somos intelectuais tentando fazer o som dos Smiths, Cure, U2"

BIZZ — *Na época em que formaram a banda, vocês fizeram uma versão de "Negue", além de outras músicas que têm elementos da MPB. Como a MPB entrou no trabalho de voces?*

Karl — O objetivo de "Negue" era dilacerar... O Marcelo queria conseguir ser mais dramático que Maria Bethânia cantando. E acho que ele conseguiu.

Marcelo — Se o Camisa tem um texto, vamos dizer, sério, como é o caso de "Metastase", ele também tem um lado supersacana, que é o lado de "Silvia", "Negue"... do deboche... Não somos cinco intelectuais tentando fazer som dos Smiths, Cure, U2, enfim, que tenha similar lá fora. O Camisa pode ser uma banda ótima ou uma porcaria de banda, mas ela tem características próprias. Não parece com absolutamente ninguém. Tem identidade. E, também, o Camisa sempre foi misturado. Aldo, por exemplo, gosta do U2. Gustavo de heavy metal, do Rush... Karl gosta de Pete Townshend, Lou Reed. Quer dizer, essa coisa de mesclar sonoridade sempre acompanhou a gente. E o fato de a MPB ter vindo misturado também está incluído nisso. E da admiração que todos nos temos por Raul Seixas. Tanto que nesse LP vamos fazer uma regravação de uma musica dele

BIZZ — *Qual?*

Karl — Não sabemos ainda. Tem duas ou três. Não decidimos

Marcelo — Inclusive quando a gente leu na BIZZ, onde Raul dizia que ele não gostava de ninguém so do Camisa de Vênus, porque era a unica banda que nao se permitia fazer esse joguinho das Globos da vida, ficamos superorgulhosos. O velho ídolo dizendo que nós somos os melhores

BIZZ — *Voces disseram uma vez que o unico rock brasileiro que prestava era o que vinha de Brasília e da Bahia*

Marcelo — Na verdade o lance era chamar atenção para o fato de que não só no Rio e Sao Paulo as coisas aconteciam. Essa linguagem que parece estar concentrada especificamente no Rio. Linguagem para criança de 10 anos de idade. É uma brincadeira. Grupo de faixa etária entre 20 e 30 anos, às vezes até mais de 30, cantando musiquinha com letra de Menudo para garotinho de 10, 12 anos curtir. Mas, por outro lado, como o Camisa está sozinho, nao estamos integrados a nenhum movimento de rock, nosso lance sempre foi à parte, cada um faça o que quiser. Já rasgamos nosso contracheque faz tempo! Raríssimas bandas eu paro para ouvir e dizer: gostei. Gosto de Replicantes. Acho que eles tem uma coisa de desenho animado do rock que eles passam e acho isso superlegal. E do Capital Inicial. Os textos do Renato Russo eu gosto muito. Acho que o Legiao nao encontrou ainda a sonoridade deles. Mas acho que tem competência para encontrar. No primeiro disco a coisa ficou meio U2, agora está meio Smiths

Gustavo — Gosto tambem do Clemente, dos Inocentes

Marcelo — E do Lobao. Se o Raul é um genio, Lobão é febril — 42° de febre o tempo todo. Nesse ponto acho até que a gente se identifica um pouco — no lance de nao ser sócio de clube nenhum. Outro dia uma revista veio me convidar para fazer uma entrevista. Chamava HV. Éramos eu, Arnaldo, Renato

Foto Ivo Marcos

Russo, Paulo Ricardo, Herbert Vianna. Liguei para lá, agradeci a lembrança do meu nome e disse:

Primeiro, querida, eu não tenho saco para discutir constituinte do rock com ninguém". Sim, porque juntar esse pessoal, você acha que é para o que? "E, segundo", disse ainda, "eu já passei dos 30. Não faço parte da jovem-guarda!"

BIZZ — *Em que ponto vocês acham que o público se identificou com vocês para que fizesse o Camisa estourar?*

Marcelo — Acho que a honestidade que a gente passa na expressão, na postura... Acho que isso foi importante no Camisa e as pessoas ouviram, assimilaram e acreditaram. E pensaram: "Não importa que eles não apareçam toda semana no Chacrinha. Não importa que eles não apareçam no Fantástico toda hora. A gente acredita." E por aí.

BIZZ — *Mas há bandas que têm essa característica de honestidade e não conseguiram tanto sucesso como vocês.*

Marcelo — É talento!

BIZZ — *Mas vocês atingem uma faixa de público que ainda está contaminada por uma deficiência educacional típica de um país subdesenvolvido, expressa, principalmente, em letras como "Silvia" e "Bete Morreu" — estupro, homem que pega no pau para bater na mulher e coisas do tipo. Como vocês se sentem alimentando este tipo de coisa?*

Marcelo — Durante o show, que dura em média duas horas, rola praticamente o repertório inteiro do Camisa, sem distinção do sério, sacana... Mas existe um outro aspecto: as músicas do Camisa que atingiram maior execução de rádio não são as que têm uma conotação política, social etc... Agora, isso cabe aos programadores de rádio. Existe essa tendência da mídia em tocar o que parece ser mais engraçado ou o que tenha uma assimilação maior. Ninguém quer tocar no rádio, por exemplo, "Batalhões de Estranhos", que diz: "Observe e informe aos homens de uniforme. Eles chegam por via aérea, sentinelas de nossa miséria!" Porque essa música fizemos na época da ditadura militar. Era muito mais interessante para a rádio, para não correr o risco de ficar visada por ser lá quem eles imaginam que possa estar observando... Então tocavam Joana D'Arc". Essa distinção é feita pela mídia. Para a gente tem os dois lados da coisa. É nunca nos preocupamos em dar ênfase àquele lado ou não.

BIZZ — *O que vem à mente quando vocês ouvem a palavra política?*

Gustavo — Cachorrada! Troca de interesses! Qual o político sério neste país? Não conheço nenhum. Vai nascer ainda.

Marcelo — O problema é que a face política do país é a mesma há décadas! Hoje o nosso presidente José Sarney se diz porta-voz de uma Nova República. Se nós não tivermos a memória muito curta, a gente vai ver que há dois anos este mesmo personagem era presidente do partido do governo, dos militares! E está muito engraçado. Um outdoor de Paulo Maluf metendo paranoia na cabeça da população: que precisa de segurança, que assassino tem de ir para campo de concentração. Quer dizer: isso é o quê? É a paranóia de um povo subdesenvolvido culturalmente também. Então parece que a solução é a repressão, é a paranoia, é a porrada. Vai ter Rota rodando 24 horas por dia, todo mundo de metralhadora na mão. E essa é a base de uma campanha eleitoral para governador do maior Estado do país. E isso é tenebroso! Todo mundo sabe. O que aconteceu com o Abi-Ackel, pelo amor de Deus? Contrabandista, provado. Ele está em cana, está na detenção!

Gustavo — E o próprio Figueiredo! Ele foi extraído?

Marcelo — A saída de Figueiredo do poder foi dando uma banana para o povo. Esse é o nível político que se vê no país. E eu acho até que Maluf vai ganhar! Então, de repente, a gente tem de parar e dizer: "Cada povo tem o presidente, o governo que merece". Mas, também acho que a gente (povo) é muito ingênuo. Ingênuo *demais*.

CABRA CEGA

"Bad Life", PiL

Roberto — E Madonna.

Marcelo — Banda do Exército... (depois que entra o vocal) Esse é bom pra caramba. Mr. John Lydon. E PiL é uma das melhores coisas que rolam por aí. Trocou a coroa de rei dos punks para se tornar um artista sem compromisso com ninguém a não ser com si próprio. É um karma da porra ser rei dos punks. É o melhor! Faço coleção de camisetas do PiL.

"Malandragem Dá um Tempo", Bezerra da Silva

Aldo — Bezerra da Silva.

Marcelo — Matou porque era batuqueiro de afoxé. É aquela história da coerência... ele é coerente com o que faz. Se existissem dois Bezerra da Silva não existiria Lula Santos. Mora no morro e faz o que é de lá.

Gustavo — Seja o que for, nem pagando eu ouço. Não suporto.

Marcelo — Não vou comprar para levar para casa e ouvir. Saco é ter 30 anos e dizer que "lá em casa continua o mesmo problema", como fazem muitas bandas por aí. "Vou apertar mas não vou acender" é genial. Se só tivesse rock ia ser tão chato! A gente ia fazer samba, pagode.

"Windswept", Bryan Ferry

Marcelo — Isso é profundo (irônico).

Gustavo — Aí eu gosto. Não sei nem quem está cantando, mas gosto da música.

Karl — Não gosto disso.

Aldo — Lembra Bryan Ferry.

Marcelo — É Bryan Ferry mesmo. Não é um cara que me bate. Manoel Otero demais. Nota 1,5 para ele.

Karl — Topete era com Elvis Presley.

Marcelo — Ele devia trabalhar na Fiorucci em vez de ficar empatando o tempo com a gente.

Roberto — Parece musiquinha erótica do La Licorne.

Marcelo — Pelo menos ele tem uma certa história do Roxy Music.

"Flores Astrais", RPM

Marcelo — É ao vivo, mas não é o Camisa.

Karl — Para mim é de estúdio, com palmas.

Roberto — "Isso é uma gravação."

Marcelo — O RPM é uma boa banda tecno-pop. É a única no gênero no Brasil que tem um texto decente. Essa música era dos Secos e Molhados, se não me engano.

Karl — Era do João Ricardo.

Marcelo — Eles fazem bem o que se propõem a fazer. Esse disco não parece ao vivo.

Karl — Disco ao vivo gravado em Los Angeles!

"The Antichrist", Slayer

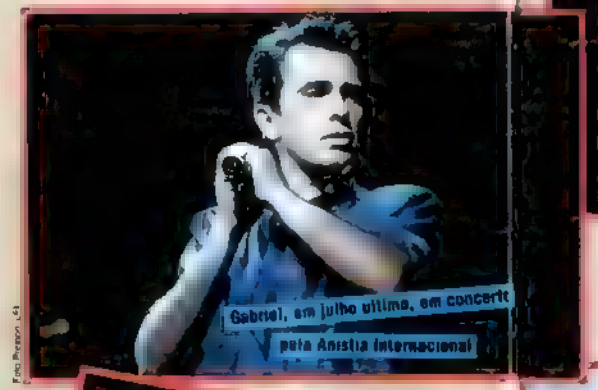
Gustavo — Gosto de rock progressivo.

Marcelo — Pode ser Black Sabbath, Metallica, Quiet Riot. É heavy. Não tem muito o que falar disso — é heavy.

O REENCONTRO DE GENESIS & PETER GABRIEL

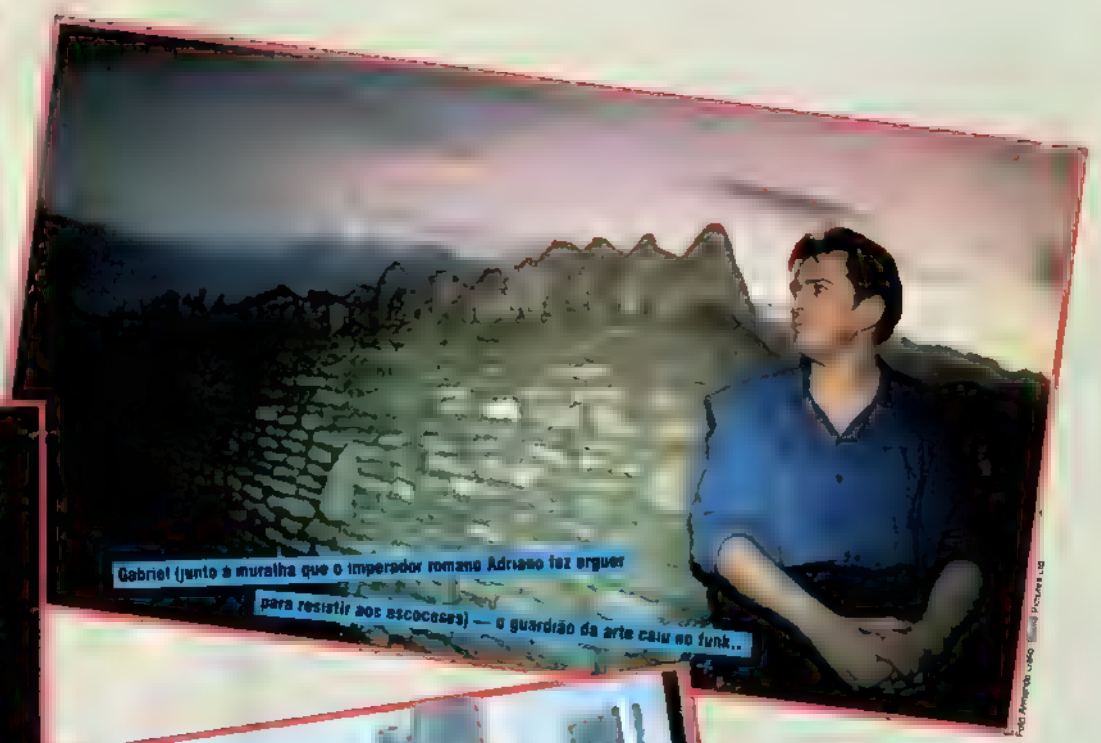
Onze anos depois de sua saída da banda, eles se vêem cara a cara no topo das paradas

Em 1973, a época do LP Selling England by the Pound, a formação clássica do Genesis: Steve Hackett, Peter Gabriel e Tony Banks em pé; Phil Collins e Mike Rutherford sentados



Gabriel, em julho último, em concerto pela Anistia Internacional

Collins: baixinho, careca, desengonçado e arquiteto do Genesis dançante



Gabriel (junto à muralha que o imperador romano Adriano fez erguer para resistir aos escoceses) — o guardião da arte caiu no funk..

O Genesis, 18 anos depois: Mike "and the Mechanics" Rutherford, Tony Banks e Mr. Sucesso, Phil Collins

Os fraseados de sax, a bateria pesadona, o baixo sinuoso e rebolativo, os refrões bem marcados e ganchudos... só pode ser Phil Collins! Mas não é. É Peter Gabriel, o vocalista, compositor e *frontman* que Collins substituiu quando Gabriel abandonou o Genesis em 1975. Irônico? Super

Não foram poucas as pessoas tomadas de surpresa com os primeiros acordes de "Sledgehammer", o sucesso de Peter Gabriel que escalou a parada da *Billboard* até chegar ao primeiro posto e se tornar uma das músicas mais executadas no rádio durante o verão norte-americano. Por mais que se soubesse do pendor de Gabriel por ritmos negros, África, primitivismo, não havia registro na carreira do cantor/compositor de faixa tão acessível, bem-humorada (a letra emprega zilhões de metáforas para celebrar o ato sexual) e negra, no sentido de funkíssima malteiosa e urbana. Gabriel, poderia se argumentar, era o artista sério, o experimentalista, o impressionista, o louco. Collins, em contrapartida, seria a galinha dos ovos de ouro: o baixinho simpático com

GENESIS ⊖ PETER GABRIEL

um talento incomum para garimpar canções pop irresistíveis numa sucessão vertiginosa. Ou seja, a Gabriel caberia a arte. Collins ficaria com o comercialismo.

Este cruzamento de linhas é um fenômeno interessante, em se tratando de ex e atuais integrantes de uma das mais conceituadas bandas-madrinhas do rock progressivo (ou art-rock, ou rock-sinfônico ou seja lá qual for sua corruptela favorita) durante os anos 70. Para todos os efeitos — pelo menos para a ala mais radical dos fãs do Genesis e do Yes, Emerson, Lake & Palmer, King Crimson e quejandos — bandas como o Genesis eram o antídoto ao "comercialismo pop", uma alternativa à "barrice do rock", uma confraria de poucos iniciados. Se você gostasse do Genesis (ou de qualquer uma daquelas outras bandas mencionadas acima) estava, automaticamente, "enobrecendo" o rock, condenando o populismo e enaltecendo um elitismo anti-sucesso.

Como os tempos mudam, nem tudo que era nobre nos anos 70 continuou válido nos 80. Viável, então, nem se fale. O Genesis da época de Gabriel — neomedieval criptográfico — pouco ou nada tem a ver com o Genesis de Collins, que arrebata platéias e FMs com a dançável "Invisible Touch". Os integrantes — descontadas as defecções de Gabriel e Steve Hackett, hoje no GTR — são os mesmos. Mas a canção que embala a carreira do hoje trio — além de Collins o tecladista Tony Banks e o baixista/guitarrista Mike Rutherford — é completamente outra.

O grupo que se transformaria no núcleo do Genesis começou a ser reunido em 1965, quando Gabriel e Banks, amigos de escola, criaram a Garden Wall, uma banda, segundo eles, "bem *flower power*". A inspiração inicial dos dois era basicamente idêntica: Beatles. A evolução da variedade pop trouxe à frente da dupla muitas outras informações — sons psicodélicos, ska, rhythm and blues e soul da gravadora Stax-Volt. Um ano mais tarde a dupla conheceu os guitarristas Anthony Phillips e Mike Rutherford, então na Anon. Gabriel passou um breve período tocando bateria no grupo Spoken Word. Até que em 1967 a Garden Wall e a Anon se fundiram numa só banda: Genesis.

Meio que apadrinhado pelo mesmo amigo que sugerira o nome de batismo, o Genesis aterrissou na gravadora Decca e lançou um compacto insosso em 1968, "The Silent Sun" (quem ouviu garante que parecia os Bee Gees), e, cerca de um ano mais tarde, o álbum *From Genesis to Revelation*. Quase ninguém se deu conta da banda e dos tons gongóricos e epistolares do Genesis. A Decca se desinteressou e a banda mudou-se para o selo Charisma, uma firma independente, especializada na parte mais experimental do rock inglês. Mas nem bem foi gravado o primeiro disco para a Charisma — *Trespass* — Anthony Phillips pediu demissão. Sem o guitarrista, o Genesis usou de um artifício célebre nas biografias de qualquer astro de rock inglês que se preze: colocou um anúncio no jornal *Melody Maker* procurando não só um guitarrista, mas também um baterista. Entram em cena os dois respondentes — Steve Hackett e Phil Collins.

Nunca na história do rock um baterista ascendeu de maneira tão dramática

Com esta formação solidificada — Gabriel nos vocais, Collins na bateria, Banks nos teclados, Rutherford no baixo e Hackett na guitarra —, o Genesis mergulhou na década de 70 com álbuns memoráveis — *Nursery Cryme*, *Foxtrot*, *Selling England By The Pound* — e um dos mais elaborados espetáculos de rock de que se tinha notícia. Gabriel empregava elementos cênicos inusitados para o rock, como máscaras, asas e padrões de maquiagem que mais se adequavam à ópera. E o tom solene das apresentações do Genesis — sublinhado por toneladas de gelo seco e milhares de watts de luz — sugeria não se tratar de um simples show de rock, os concertos do Genesis, conforme prometera o primeiro álbum, eram uma espécie de revelação.

Esta epifania começou a gerar muita grana quando o mercado norte-americano recebeu de braços (e bolsos) abertos o lançamento do álbum duplo *The Lamb Lies Down On Broadway* e lotou estádios para ver a turnê subseqüente. Era o projeto mais ousado de toda a carreira do Genesis — uma ópera-rock temporã. Mas deu muito certo.

Gabriel, no entanto, despencou da crise desta onda de sucesso deliberadamente e deixou o grupo em nome de uma carreira solo. Quem via no Genesis uma mera banda de acompanhamento de Gabriel previu, então, o seu fim. E riu mais ainda quando foi anunciado o substituto para o exuberante Gabriel: o baterista baixinho, careca, desengonçado. Ele mesmo, Phil Collins.

Em nenhum outro momento da história do rock um baterista havia ascendido "socialmente" em seu grupo de maneira tão dramática. Tinha tudo para dar errado, senão apenas pela total ausência de charme visual em Collins. Mas, com o grupo nas mãos, Collins operou uma guinada espetacular na carreira do Genesis, removendo-o dos terrenos pantanosos do "rock sério" e transportando-o para o universo pop.

A manobra ganhou impulso com a própria evolução da carreira solo de Collins, que de início se mostrou muitas vezes mais bem-sucedida do que a do Genesis. E, com o rhythm and blues e o soul revisado de Collins indicando um caminho no mínimo mais divertido, Banks e Rutherford não tinham como achar argumentos contrários. E a mesma estratégia de popularização acabou empregada até mesmo nas carreiras solo dos outros músicos do Genesis. Rutherford, por exemplo, dá provas disso em "All I Need Is a Miracle", *hit* do segundo lar coletivo dele, o grupo Mike and the Mechanics.

Enquanto o Genesis se popularizava, por sua vez Peter Gabriel se enclausurava em brilhantes ensaios sonoros e poéticos sobre isolamento e loucura, numa série de álbuns solo cada vez mais densos, cada vez mais assustadores.

Portanto, é extremamente curioso ver os caminhos de Gabriel e o Genesis se cruzarem de novo, mas com tom de ironia. Collins se tornou famoso e salvou seu grupo do fracasso, fazendo um tipo de música que pouco tinha a ver com o Genesis. Peter Gabriel ganhou aceitação de massa fazendo um tipo de música que Phil Collins triunfalmente poderia ter feito.

O que isto prova? Pouco mais além de um simples detalhe: no fundo, no fundo, estes branquelas ingleses sempre quiseram fazer rhythm and blues. *J E R*

ZERO
O Outro Lado da Meia-Noite

Conhecidos do grande público pelo hit "Agora Eu Sei", o grupo tem na verdade raízes mais fundas e uma história no underground paulistano

Em sua recente apresentação no concreto brasiliense, o Zero quase foi por terra. Um quebra-pau nos bastidores por pouco não levou a banda a embarcar num avião para o Rio de Janeiro, a fim de discutir com a gravadora se continuavam ou paravam ali mesmo. E tudo começou porque faltou uma estante (aquele tripezinho para partituras) para o vocalista Guilherme Isnard colocar suas anotações... Embora sejam comuns incidentes deste tipo, o melhor é esquecê-los. Mesmo porque o Zero tem outros elementos que, juntos, formam uma boa banda. A eles, então.

Eduardo Amarante (guitarra) tem um passado mais que consistente. Ajudou a fundar, em 82, o Agentss e o Azul 29, verdadeiros pioneiros do pop eletrônico no Brasil. No Agentss, além de Edu, estavam Miguel Barella (o "Voluntário da Pátria") e a figura principal da banda, Kodiak Bachine, um performático *gentleman* eletrônico. Na Azul 29, Thomas "Miko", Thomas "Coronel" e Malcolm completavam o time junto com Edu. Os dois grupos tiveram compactos gravados pela WEA em 83, que não saíram fiéis ao seu som. O Agentss editou, também, um compacto independente "Agentss/Angra" —, considerado fundamental na história do pop eletrônico nacional.

No final de 85, Guilherme convidou Eduardo para montar uma banda. Guilherme vinha da antiga formação do Zero e, antes, do Voluntários da Pátria. Em ambas ele assumia, também, o vocal. Mas o primeiro Zero não durou muito e o que sobrou foi apenas um compacto "Heróis"¿ 100% Paixão". Os ex-integrantes estão agora no Violeta de Outono (Fabio e Cláudio), no Sotaque (Nelson) e Nau (Beto). Com a permissão destes, Guilherme ficou com a posse do nome Zero.

Eduardo estava há oito meses sem pegar na guitarra mas, mesmo assim, aceitou o convite de Isnard. Logo em seguida Freddy Haiat entrou em cena. Além de assumir os teclados, Freddy divide quatro das seis composições do mini-LP *Passos No Escuro*, ora com Rick Villas (baixo), ora com Eduardo e Guilherme. Tanto Freddy como Athos Costa (bateria) vieram de obscuras plagas: Degradée e Tan-Tan Club. "Tínhamos um tesão incubado, mas nunca chegávamos ao orgasmo", explica Athos. Diz ainda que no Zero conseguiu encontrar a energia que faltava na sua ex-banda. Realmente, Athos é um dos responsáveis pela "energia" do grupo, onde segura uma boa cozinha.

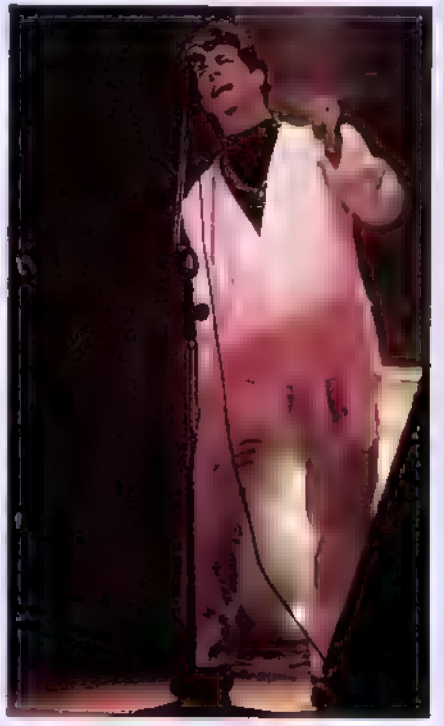
Banda montada, começaram os delírios. "A gente foi para o estúdio (de Eduardo) e começamos a trocar idéia sem ter idéia alguma", explica o guitarrista. Estruturados e familiarizados um com o outro, partiram para a gravação de uma *demo*, enviada logo em seguida à Odeon. A gravadora adorou e colocou os rapazes em tempo relâmpago no estúdio [illegible]

Ainda nessa época o Zero recebeu um convite para tocar no Paraná, onde, para surpresa geral, eram superconhecidos. Lá chegando, depararam-se com mais ou menos mil pessoas, todas tendo o logo do Zero estampado no peito. Explicação: era a "festa da camiseta". Mas a história não para por aí. Depois do show, Eduardo desapareceu. Voltou só na manhã seguinte, cheio de presentes. E contou que tinha sido raptado por um malandro que queria comemorar o aniversário em sua ilustre companhia. Debaixo de um barracão de zinco, de smoking e maquiado, Edu recebeu as mais honradas homenagens.

O Zero atual tem como proposta musical um estilo que atinja um número maior de pessoas. "Algo que o RPM começou por aqui e o Roxy Music lá fora. Pop sem concessões — romântico sem ser meloso", explica Guilherme. E, por falar em RPM, até que ponto o sucesso do Zero está ligado à canja no vocal de Paulo Ricardo no hit "Agora Eu Sei"? Athos responde sem titubear: "A música é sucesso e o Paulo canta nela pelo mesmo motivo: porque é boa". "Mas não dá para negar que o Paulo ajudou bastante", completa Guilherme.

E assim a banda chegou ao conhecimento público. Por isso uma produção mais apurada e incentivos da gravadora vieram a ajudar os shows seguintes. Para estas apresentações o Zero ganhou mais três elementos. Paulo Horácio (ex-Voluntários da Pátria) e Eliane Ribeiro nos *backing vocals*, e Marcelo Zimberg, que arranca belos solos do sax em algumas intervenções.

Durante os ensaios que antecederam estes shows, camisas, camisetas e calças jeans substituíam o visual new-romantic que veste a banda quando esta sobe ao palco. O guarda-roupa é ditado por Guilherme, assim como as letras e slogans do tipo: "Música para os que sabem beijar e para os que vivem o outro lado da meia-noite".



Guilherme — vocalista do Zero

Ainda durante os ensaios, Eduardo indicava as entradas, as pausas e criticava algumas finalizações. Guilherme, após uma canção, pediu a ele que o deixasse repetir uma estrofe naquela música. "Depois a gente conta e vê se dá. Vamos para a próxima." No caderninho de letras do vocalista, uma frase saltava aos olhos: "Como é triste ser tão incapaz de amar".

S.M.

OBINA SHOCK

ÁFRICA NO CORAÇÃO DO BRASIL

O grupo eleito "revelação de 85" pelos críticos da BIZZ estréia em vinil. *Márcia Álvaro*, direto do Planalto Central, cai na dança

Poucas bandas tiveram uma ascensão tão rápida. Das noites animando festinhas regadas a scotch nas embaixadas de Brasília aos shows e as páginas dos jornais, até a gravação do primeiro disco, com a participação de Gilberto Gil e Gal Costa. Mas aconteceu porque estava tudo pronto: aberta uma lacuna no mercado musical brasileiro; músicos de qualidade, compositores sensíveis, e, sobretudo, o ritmo negro pulsando nas veias, mesmo nos brancos. Assim é o Obina Shock, pronto para estourar.

Obina significa força e energia através da música e da dança, o que não falta a esses oito músicos-diplomatas-arquitetos-economistas que misturam suas raças nos sons da banda. A semente veio do Gabão, com Roger Onanga Kedy. Além do curso de Relações Internacionais na universidade, Roger (vocal e guitarra solo) estava disposto a tocar a carreira iniciada em seu país, onde já gravara. Queria mostrar "os ritmos fundamentais da África, com concepção moderna". Do encontro com o senegalês Jean Pierre Senghor (teclados) surgiu a ideia da banda e novas amizades se incorporaram: o surinamês Winston Guno Lackin (bateria) e os brasileiros Henrique Hermeto (guitarra base), Maurício Lago (baixo), Sérgio Galvão (sax alto), Hélio Franco e Sérgio Couto (percussão).

O Obina toca profissionalmente há quase dois anos, mas dá a impressão de que sempre tocou junto, com um som embalado contagiante, feito para dançar, que tem a cor e o calor dos trópicos, numa mistura de ritmos africanos e caribenhos onde a base e a percussão e os instrumentos eletrônicos soam limpos, sem efeitos ou distorções.

Eles não aceitam ser classificados como grupo de rock. "Nada contra, mas não tocamos rock", corrige Roger. O Obina mescla reggae, funk, afro beat, soca music, ju ju, denunciando a presença dos brasileiros quando revela influências de samba, maracatu, bossa nova e ijexá (ritmo africano que marca os afoxés da Bahia). É impossível ouvir o Obina sem se mexer.

No disco gravado pela RCA — um mini-LP com sete músicas — não aparecem as longas improvisações, costumeiras nos shows. As faixas não passam de quatro minutos, sem prejuízo para os ricos arranjos, sempre coletivos. Cada ensaio do Obina pode gerar uma nova composição e o que ficou fora do disco poderá ser ouvido nos shows de lançamento, que começaram em Salvador e correm todo o país.

Não foi por acaso a escolha da Bahia para detonar a turnê. "O Brasil também começou lá", lembra Jean Pierre.

Na Bahia estão as raízes africanas.

Do disco participam também Márcio Montarroyos, Paulinho (trompete) e Serginho Trombone, que completam o naipe de metais, dando ao trabalho um brilho especial. "Africaner Brother Bond" é uma das faixas preferidas - um reggae manso que condena o regime racista da África do Sul, no qual a letra de Roger e Henrique foi costurada pelo vocal de Gil. Em "Lambareni", Roger canta as saudades da cidade onde nasceu, no ritmo ju-ju. Em português, inglês ou *merie* — dialeto da África Central — o Obina fala do astral de Brasília no reggae "Brasília Style" e lamenta em "Adeni e Sika" as mazelas da sociedade moderna "onde o dinheiro (sika) é tudo". Tem ainda "Reggae Obina" e "Vida", quando o baixo e a guitarra fazem a linha melódica da ju-ju music sobre uma banda funk. No vocal, Gil e Gal.

Gilberto Gil foi parar no disco por pura questão de identificação. "Ele é um dos poucos que desenvolvem um trabalho verdadeiramente ligado à África", na opinião de Roger. A preocupação com as raízes é básica para o grupo, que não se conforma com o distanciamento da música popular (no Brasil) de suas origens. "Podemos fazer parte da indústria cultural sem ter que nos moldarmos a regras impostas", acha Hélio.

Planos? Trabalhar muito e lançar um novo ritmo — o elombo, que deu origem ao ska. Para os que não são brasileiros, ficar aqui e tocar o barco até o fim, porque a responsabilidade é grande, assumem Roger e Jean Pierre Winston, que está se tornando um diplomata por conta do governo do Suriname, tem que ir pra casa no final do ano. Mas quer voltar. "Tudo depende do Obina."

Foto: José Augusto Vieira

EM VEZ DE UMA FITA COMUM, FIQUE LOGO COM UMA HOT TAPE DA BASF.

A fita que esquenta qualquer som está de cara nova. Mas não foi só a cara que mudou.
A Hot Tape ficou ainda mais apimentada.

Agora, a Hot Tape que você compra aqui no Brasil é idêntica à Hot Tape que os europeus compram na Europa. Por dentro e por fora.

Compre logo a fita que esquenta qualquer som.
Aqui ou na Europa.

Fique com a Hot Tape da BASF. Agora, ainda com mais pimenta.

BASF

NÃO SE CONTENTE COM MENOS.

Agora, Hot Tape com nova embalagem, idêntica à vendida na Europa.

EURYTHMICS

Lenox estava na piscina do hotel Sunset Marquis, em Los Angeles. A poucos quilômetros dali, numa casa em Encino, estava Dave Stewart. Pelo telefone os dois trocaram idéias transatlânticas com José Emílio Rondeau.

BIZZ — *No decorrer de sete elepês a música do Eurythmics foi ficando cada vez mais calorosa, menos fria. Esta mudança foi deliberada?*

Annie Lenox — É difícil dizer... em parte é deliberado, mas, por outro lado, tem a ver com nossos relatos com as coisas da que provavelmente gostamos... acho que essa pergunta é difícil. Achamos (Dave e eu) que é importante é não ficar parado sempre no mesmo lugar, e não se repetir. Mas, como todo mundo, nós somos influenciados pelas mudanças que vão ocorrendo o tempo todo. Por isso, durante algum tempo nossa música foi provavelmente mais fria, mais surreal. Então, sim, você está certo (nossa música) agora é mais apaixonada.

BIZZ — *E está ficando mais negra — está incorporando cada vez mais elementos de música negra? Por exemplo, a faixa que abre Revenge, Missionary Man, começa com uma harmônica puxando um blues arrepesado.*

Annie — (Firme) Não. Se você colocar as coisas nestes termos, minha resposta é não, nós não estamos buscando um *approach* negro, no mesmo. Mas nós somos como uma cobra que troca de pele mas é sempre a mesma cobra. Já dá para entender. Eu diria que nossa música agora é mais rock'n'roll. Este novo álbum é mais simples e mais direto — a maioria das músicas de *Revenge* acaba tendo uma forma muito mais simples e direta, ainda quando tocadas ao vivo. Você está certo sobre o uso da harmônica — deu uma tremenda diferença. Tem a ver com rhythm and blues.

Dave — Tem a ver com o desenvolvimento natural de nossas personalidades e também com o fato dos Eurythmics terem tocado tanto e para tanta gente, em situações tão diversas, através desses anos. Mas, na verdade, nunca adoramos o sentimento antigo. Você conhece uma música chamada "Julia", de trilha de *1984*? Ou "Jennifer", de *Sweet Dreams*? Aquele clima vazio, oco, que nós criamos, ainda nos interessa. Em *Revenge* tocamos o disco com "Oh, We Were So Young", que é bastante similar. Se alguém acha que em breve vamos fazer um disco que tenha música ambiente tipo Brian Eno.

BIZZ — *Como Dave e você funcionam como dupla? Quem fica com que parte do trabalho?*

Annie — Essencialmente eu escrevo a maior parte das letras. Ele olha o que eu escrevi e funciona quase como um editor. Outras vezes ele escreve canções inteiras, exceto as letras e a melodia... é bem misturado o nosso trabalho, mas o *produtor* é ele, não há dúvida.

Dave — Annie escreve praticamente todas as letras e eu funciono mais como um editor. E como eu escrevo a maior parte da música, ela atua como editora desta parte. No fim das contas, os dois se metem em todas as fases de criação.

BIZZ — *O fato de vocês terem sido casados afetou a música dos Eurythmics?*

Dave — Nunca fomos casados. Apenas vivemos juntos. O gozado é que quando vivíamos juntos quase não fazíamos música alguma. Mas quando nos separamos começamos a compor o tempo todo. E aquela história: nos tempos de casal, a gente começava a compor e acabava fazendo uma outra coisa completamente diferente. Éramos mais preguiçosos, talvez.

BIZZ — *Annie, você e Dave parecem ser personagens completamente opostos. Você parece tensa, ansiosa; Dave parece sempre calmo. Isso é generalizado, isso é real ou estou inventando coisas?*

Annie — Eu diria que esta observação é justa. Nós somos completamente quebra-cabeças. Por causa de nossas naturezas opostas, nos completamos. Em essência, somos muito parecidos em nossos valores, mas há muito de oposição também.

Dave — Eu sou o lado *earthy*, *back home*. E Annie é muito tensa. E intensa. Se der pra você entender. Musicalmente, Annie consegue ser bem leve. Eu sou o selvagem.

BIZZ — *Eu vejo um contraste muito grande na própria música do grupo. Por um lado, vocês criam temas jubilantes, celebratórios; por outro, criam climas sombrios, perigosos etc.*

Dave — Você está absolutamente certo. Tudo o que Annie e eu fizermos sempre incorporará estes dois opostos, porque é desta maneira que através de nossos olhos vemos as coisas. Por exemplo, você vai de férias a uma ilha paradisíaca, sai passeando e passa por você um mendigo que está tentando vender alguma coisa. E é como se apaixonar, porque você não sabe se vai sair ferido daquela experiência. Estes paralelos sempre correm juntos.

BIZZ — *Você teve um approach novo, inédito na carreira do grupo quando gravou* Revenge? *Tentou alguma coisa nova?*

Dave — Primeiro reuni os mesmos músicos com quem tocáramos ao vivo. E eles tocaram junto a maior parte do tempo, durante as gravações, quase ao vivo, ainda que estivéssemos usando computadores e tudo mais. Cada música — ou a estrutura básica dela — ficava pronta em um ou dois *takes*.

BIZZ — *No passado vocês convidaram muitas pessoas para colaborar em seu álbum. Por exemplo, Aretha Franklin em "Sisters Are Doin' It for Themselves". Revenge, o novo álbum, tem muitos convidados?*

Annie — Não. É um disco de banda. Chamar pessoas de fora já acabar virando uma obrigação, então fizemos todo o álbum com um mesmo grupo de pessoas.

BIZZ — *Vamos falar um pouco sobre os projetos paralelos que você e Dave vêm desenvolvendo (Annie estreou como atriz no filme* Revolution. *Dave produziu e tocou com Tom Petty, Bob Dylan, Ramones e Mick Jagger).*

Annie — Não foi intencional. Acontece que no ano passado precisei descansar minha voz — minha voz musical — porque vinha trabalhando demais e exigindo muito dela. E enquanto eu descansava Dave começou a receber uma série de convites sem que tivesse corrido atrás deles. Não é uma espécie de nova carreira como produtor para ele: ele simplesmente faz o que gosta, mas no centro de toda a atividade estará sempre o Eurythmics.

Dave — Durante algum tempo precisei parar de trabalhar com o Eurythmics, porque era a única maneira de manter as coisas sob controle e funcionando. E neste tempo livre comecei a ajudar algumas pessoas a fazerem seu trabalho, mesmo sem ganhar coisa alguma por isso. Aos poucos a notícia se espalhou e passei a receber convites para *realmente* produzir. Foi assim, por exemplo, que nos últimos dois anos trabalhei com Tom Petty and The Heartbreakers (no álbum *Pack Up the Plantation*), fiz o novo álbum solo de Daryl Hall, Mick Jagger (a faixa-título da trilha do filme *Ruthless People*), Bob Dylan, Feargal Sharkey, Bob Geldof. Por falar em Jagger, no final do ano, lá por dezembro, voltamos ao estúdio para gravar o resto do novo álbum solo dele.

BIZZ — *Vamos voltar um pouco ao passado. Lembro de ter lido uma vez, na* Rolling Stone, *sobre o seu encontro — como vocês se conheceram. Annie era garçonete e Dave foi procurá-la a conselho de um amigo, que conhecia — e admirava muito — sua voz. Quando Dave a viu pela primeira vez, você estava tocando harmônio e cantando, num apartamento.*

Annie — Isso mesmo.

Dave — Na época eu era uma figura alucinada, punk. E esse meu amigo, que acabou nos apresentando, era supervisor dela, no restaurante, e não me deixou entrar até que ela tivesse terminado o trabalho. Esperei umas duas horas. Até que nós fomos ao apartamento dela. E havia um harmônio enorme na sala — grande demais para caber lá — e Annie começou a cantar e tocar umas músicas fantásticas. Meu amigo e eu entramos numa espécie de transe só de ouvir aquela música. A partir daquele momento Annie e eu começamos a morar juntos.

BIZZ — *E foi aí que vocês resolveram formar o Tourists?*

Dave — Eu já estava tocando e compondo com Pete Coombs. Só que a banda se chamava Catcher. Com a entrada de Annie virou Tourists.

BIZZ — *O que causou o fim do Tourists?*

Dave — No Tourists era Pete quem comandava. E ele nunca nos deu chance de saber que caminho a banda deveria estar tomando. Não parávamos muito, Annie e eu. Feríamo-nos enchemos, porque não era aquilo que queríamos fazer. Pete queria fazer uma coisa mais parecida com Velvet Underground e nós queríamos ser mais experimentais.

BIZZ — *Vamos falar um pouco sobre o fim do Tourists (a primeira banda que ela e Dave Stewart formaram). Quando a banda terminou vocês já tinham em mente algum*

Em 1986 a dupla voltou à estrada e prepara duas novas cartadas: um disco ao vivo e um longa-metragem

NÃO DÊ OUVIDOS AOS SEUS OLHOS.

Em matéria de equipamento de som, mais importante do que aquilo que você vê é aquilo que você deve [illegible]

Linha NASHVILLE um produto Meteoro

• Amplificadores • Equalizadores • Mixers • Crossovers
• Câmara de Eco • Tuner • Caixas Acústicas • 2 Anos de Garantia

Na época de "Sweet Dreams": sintetizadores, androginia e hermetismo faziam a formula do rock *cold*

projeto que eventualmente desembocaria no Eurythmics'

Annie — Sim. Assim que o Tourists acabou, Dave e eu nos sentimos livres para fazer nossa propria musica. Na verdade, no dia mesmo da dissolução da banda nós pegamos uns sintetizadores superbaratos, portateis, chamados Wasps e começamos a gravar uns sons incriveis num walkman — pequenos trechinhos de ideias que já vinhamos desenvolvendo há algum tempo. Nós conhecíamos Conny Plank (fundamental produtor do rock alemão eletrônico dos anos 70 - *N. da R.*) e sempre o consideramos uma especie de padrinho de um determinado tipo de musica. Entao fomos a ele, porque sabiamos que lá poderiamos aprender. Dave aprendeu muito com Conny a respeito de música, técnicas de gravaçaó, criação de sons.

BIZZ — *Isso me faz lembrar de uma frase de Conny a respeito de voces. Ele disse que vocês deveriam contrariar tudo e fazer tudo numa escala menor. Ainda é esta a filosofia do Eurythmics?*

Annie — Na verdade, nao, porque desenvolvemos bastante desde aquela época. O problema é conseguir funcionar naquela escala quando se atinge o sucesso. Simplesmente nada certo porque agora estamos tocando para plateias tão maiores. Após tantos álbuns, após tanta variedade de material, é natural que a gente mude. Não creio em se estabelecer uma regra e obedecer rigidamente esta regra. Quando a regra da certo, use-a, quando não, deixe-a de lado e procure outra. Por falar em Conny, parece que ele vai tocar aí na América do Sul ainda este ano, junto com Holger Czukay.

Dave — A propósito, Conny e eu estamos fazendo um projeto juntos, um filme chamado TVP. Eu escrevo o script e estou meio que produzindo o filme. Conny cuida dos sons. É um filme que ensina musica as crianças de uma forma diferente, nova. E utiliza animação o tempo todo. É um projeto sensacional. Vamos levar um ano, mais ou menos, neste filme. O diretor será Willy Smax, amigo meu há 12 anos, desde o art college. Ele dirigiu os clips de "Baby's Coming Back" e "Missionary Man" (ambos dos Eurythmics).

BIZZ — *A música dos Eurythmics sempre incorporou elementos latinos. Vocês já planejaram tocar na America Latina?*

Dave — Num determinado ponto de nossa carreira Annie achou que o nome do grupo deveria ter sido Colombia. Ela chegou a fazer uma serie de fotos com uma enorme peruca negra. O negocio é que a gente sempre procurou ter este *feeling* latino. No começo de "This Is the House" tem umas frases faladas em espanhol. Adoramos este tipo de "caos jubilante", por assim dizer.

Annie — Adoraríamos poder tocar aí. Embora nunca tenha ido à America do Sul, meu namorado é colombiano. De qualquer maneira estaria interessada em conhecer (o continente). E agora também temos um baixista colombiano na banda, chamado Chucho.

BIZZ — *E o nome Eurythmics, de onde vem?*

Annie — É uma expressao do tempo de Isadora Duncan. Ela tinha um contemporaneo francês, Emil Jacques Danclaud. Ele estava interessado em ensinar música às crianças através do movimento, em vez de apenas estimulá-las intelectualmente. E quando eu era criança alguem me ensinou parte desta tecnica. Dave e eu achamos o nome muito interessante porque tem "ritmo" no centro. E "eur" na frente — como se fosse Europa. Na verdade mudamos um pouco a grafia, tirando o *h* da palavra ritmo (em inglês).

BIZZ — *No dia 30 de julho vocês começaram uma turnê norte-americana. O que virá depois?*

Annie — Ficaremos pelos Estados Unidos ate setembro. Depois paramos um pouco e vamos para a Europa.

BIZZ — *E nesta turnê, alguma novidade, alguma musica inedita?*

Dave — Sim, vou cantar sozinho "Shelter from the Storm" (de Bob Dylan).

BIZZ — *Seria este o momento para se lançar um album ao vivo?*

Dave — Esta turne sera gravada para um disco e um filme ao vivo. Depois disto faremos um outro filme, mais para *Help* do que para videoclips. Comedia negra.

BIZZ — *Annie, seu treinamento musical era extremamente classico?*

Annie — Sim, mas eu apenas tocava flauta e teclados. Não tinha feito qualquer tipo de treinamento vocal.

BIZZ — *Este treinamento classico foi de alguma forma útil ao Eurythmics?*

Annie — É difícil dizer. Não consigo separar tudo o que aprendi daquilo que sou, entende?

BIZZ — *Sua formação musical foi classica erudita. Aos poucos você foi se envolvendo cada vez mais com a musica pop. Foi difícil esta transição?*

Annie — Era essencial que eu deixasse para tras o metiê da música classica, porque para mim aquilo tudo estava morto. Eu era tao jovem e pensava que a música clássica fosse o melhor caminho para mim; acabei vendo que não era. Eu precisava achar algo que fosse vivo. E foi uma busca dura, porque não pensava que ia acabar fazendo o que estou fazendo hoje. Mas cada vez mais acho que (o que estou fazendo) tem tudo a ver comigo. Preciso é desaprender — dá para compreender? —, por de lado todas as ideias sobre perfeição. Todos nós temos ideias préconcebidas quanto a sons perfeitos, e este tipo de coisa simplesmente não existe. A imperfeiçao pode ser perfeita.

NOVO LP
ROD STEWART
ROD STEWART
80 MIL LPs
vendidos na 1.ª semana.
Lançamento WARNER

AKIRA S
& AS GAROTAS QUE ERRARAM

Foto Rui Mendes

SAMBA & FUTEBOL

...mais funk & educação sexual, baixos suingantes & rádios de ondas curtas, mais... *Luiza de Oliveira* puxa o fio da meada

Samba e futebol. Por um acaso já passou pela sua cabeça que esta dupla, acusada de brega e ultrapassada, poderia virar rock? Pois virou. Pode parecer até sacrilégio. Mas, na verdade, os três se deram muito bem. É só ouvir a música "O Futebol", uma das nove faixas do mini-LP que a banda Akira S & As Garotas que Erraram está lançando, em tiragem limitada e numerada, pela Baratos Afins.

"Acho que quem repudia o samba está atrasado", explica o vocalista e letrista Pedreira Antunes. "É até justificável que em um certo momento, para ir contra as nacionalices, se pregasse uma cultura internacionalizada. Mas agora isso virou o modelo vigente". Akira S, baixista e autor de quase todas as músicas da banda, emenda: "O samba é um negócio forte. Qual é o problema em dar uma incorporada? É claro que sem virar o oposto, uma tropicália. A gente não força a barra, só faz um aproveitamento".

É, e não só com o samba. Trabalham com mil outros elementos musicais. A própria "O Futebol" tem além do samba introdutório, ritmo discoteca quebrado em 5 x 4, rock'n'roll, bossa nova e o vocal guinchado de Pedreira, cuspindo uma letra nada convencional para o tema.

O futebol me disse o que eu quero
o futebol me disse o que eu não/ o futebol me disse um a zero

Eis a marca da banda, sair à procura da renovação, do estranho, a partir de um novo tratamento dos elementos musicais e das letras. Há dois anos, Pedreira tinha acabado de sair da banda N°2 e vinha tentando criar um novo discurso para as letras de música. A idéia era usar palavras pouco convencionais em construções coloquiais — por isso seu vocal é quase sempre falado. "Com essas letras, eu sou obrigado a falar", explica.

Akira, um apaixonado pelo rock do King Crimson, tinha tocado *disco* em bailes e samba no Beco, no Oba-Oba e na Catedral do Samba. Na época, andava fazendo experiências com música eletroacústica. Decidiram experimentar a fusão dela com ritmos dançáveis, em especial o funk. Resultado: o casamento perfeito de duas pessoas que queriam trabalhar, com grande fluência, elementos que até podem parecer absurdos.

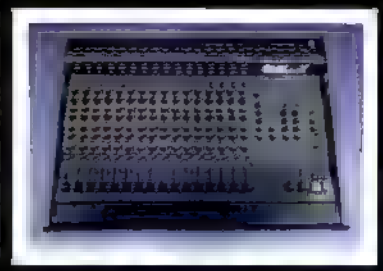
Em poucos encontros, Akira e Pedreira já tinham duas músicas compostas. Com a participação do baterista Edson X, depois incorporado à banda, deram seu primeiro show um mês depois, no Madame Satã. A idéia inicial do grupo era trabalhar apenas com baixo, bateria e tapes. "Eu estava cansado dos vícios guitarrísticos", lembra Akira. Mas, gradualmente, os planos foram mudando.

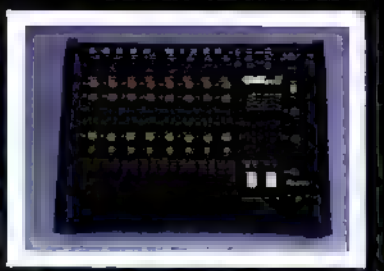
Logo após a entrada de Edson, uma segunda baixista, Anna Ruth (ex-N°2 e atual Cabine C), também vinha para a banda. Em seguida foi a vez da tecladista Corina. "O teclado abriu espaço para uma guitarra e este ano, logo após a saída de Anna Ruth, a banda apareceu com o ex-Voluntário da Pátria Giuseppe Finpi, "a guitarra que faltava".

No ano passado, a banda participou da coletânea *Não São Paulo*, já pela Baratos. Esse ano voltam à carga com um mini-LP que traz desde músicas compostas no estúdio, como "Swing Basses Series 2: Eu Não Vivo Sem Meu Baixo" até as primeiras, "Atropelamento & Fuga" e "Grito em Hora Redonda", esta com a participação do vocal de João, dos Ratos de Porão. Aliás, convidados é o que não falta ao disco: André Jung, do Ira!; Branco Mello, dos Titãs; Ciro Pessoa, do Cabine C; o percussionista Armando Tibério. Também não faltam efeitos: há gravações de rádios de ondas curtas, colagens de um disco sobre educação sexual e uma música com cinco compassos diferentes.

GMX MIXERS

A Giannini desenvolveu a mais sofisticada linha de Mixers do Brasil. Os quatro modelos da linha GMX (16'4'2Y', 16'2'2Y', 8'0'2Y' e 8'0'2V) reúnem todas as características que você espera de Mixers projetados a partir da mais alta tecnologia e são a resposta ideal para pequenos e grandes utilizadores. Trate o seu som com o respeito e a seriedade que ele merece. Trate o seu som com um Mixer GMX.





- Entradas com conectores Cannon.
- Circuito de equalização com médios paramétricos.
- Circuito de pré-escuta por canal.
- Desenho ergonômico.
- Alças para transporte.
- Assistência técnica em todo o Brasil.

Faça parte desta
[illegible]
do rock!
RCA
EURYTHMICS

MORRISSEY

MORRISSEY

The Queen is Dead ("A Rainha Está Morta"), terceiro LP dos Smiths, foi recebido com uma generosidade de elogios cada vez mais rara na ranheta — porém criteriosa — crítica inglesa. Mas não é de hoje que o grupo é considerado o mais vital e consistente do universo pop. Antes de eles iniciarem sua excursão pela Europa e EUA — que tomou os meses de agosto e setembro — Morrissey recebeu Ian Pye, do _New Musical Express_, em seu luxuoso apartamento duplex, na parte mais aristocrática do bairro londrino de Chelsea. Dizem que o apê já foi inclusive habitado por Oscar Wilde, o que deve ter pesado na decisão da compra. Mas o que importa é que deste encontro saiu a entrevista mais reveladora do bardo de Manchester, traduzida com exclusividade para a BIZZ. Vamos lá!

A porta estava entreaberta. "Por que não?", pensei, e fui entrando. O apartamento parecia se estender por mais de um andar e, sem encontrar ninguem no primeiro, subi as escadas até o segundo.

À distancia, eu podia ouvir o refrão alucinado e circular de uma canção que tornou-se recentemente uma favorita pessoal. "Some girls are bigger than others, some girls's mothers are bigger than other girls's mothers". As palavras hipnoticamente repetidas ad infinitum.

Descobrindo o caminho, por um longo corredor discretamente decorado com carpete cor de aveia e pinturas a óleo em molduras douradas, comecei a perceber um outro som, igualmente consistente, porém menos refinado. O som de saltos rimados talvez.

O lugar de onde vinha tudo aquilo era óbvio mas, uma vez na entrada, eu hesitei, tentando amenizar o impacto da minha intromissão. Na verdade, era tarde demais para pensar duas vezes: agora eu podia ver sombras tremulando na parede e o confronto parecia inevitável.

Essa imagem, refletida num imenso e ornamentado espelho divisado por ricas cortinas de veludo, era hipnotizante. Um louco redemoinho de material florido, rodopiando como um guarda-chuva aberto pelo vento. A figura girava dementemente sobre si mesma e, a cada pirueta, batia o pé no chão no ritmo da música. Ainda que os braços estivessem ambos levantados e arqueados, alguma coisa entre uma bailarina e uma saltitante escocesa, qualquer um poderia distinguir claramente o fio cor-de-pele de seu aparelho para surdez.

Eu nunca tinha visto Morrissey se divertindo tanto. Eu nunca o vi tão sorridente e satisfeito como agora. Eu dei uma daquelas estúpidas tossidas que servem para anunciar a presença ... e a surpresa. "Você está adiantado!", ele disse, parando meio sem graça. Eu tentei acalma-lo com um comentário a respeito das suas pernas branco-peroladas e ambos olhamos para baixo reparando que ele vestia um saiote de bailarina. "Finalmente se divertindo", arrisquei. "Morrissey se divertindo?", pensei com meus botões.

"Se alguém souber disso, eu te mato!", rugiu ele, fugindo dos seus padrões normais. "Ok, ok", respondi, "no que depender de mim, você não vai ser pego embalado num saiote de bailarina!" "Não é por aí", ele me garante. "O que importa... o que importa é que eu jamais faria alguma coisa tão vulgar como me divertir."

Resolvi voltar numa outra hora. Morrissey vive elegantemente num dos quarteirões mais *in* do bairro de Chelsea. Nada parece mais o lar de um *gentleman* inglês do que este. Temos que admitir que o enorme e preto gravador *ghetto-blaster* e o espelho de camarim, cercado de lâmpadas, tipo *Nasce Uma Estrela*, quebram um pouco o clima, mas o tom é decididamente clássico. Sherlock Holmes poderia ter morado aqui e talvez, fumando um pouco de ópio, em seu robe de seda, resolvido alguns casos. "Eu nunca poderia realmente viver num lugar, a menos que ele me agradasse em cada aspecto particular — esse aqui quase consegue", ele diz enquanto serve o chá em xícaras de porcelana chinesa. "Se eu não pudesse ter uma mobília realmente boa, acho que dormiria numa caixa de sapatos." E, antecipando a resposta, acrescenta: "Na verdade, eu sempre fui assim".

Os Smiths originais: Johnny Marr, Morrissey, Mike Joyce e Andy Rourke (que deixou a banda por uns meses mas já se encontra de volta)

Essa mansão alugada é o seu segundo lar. Ele ainda possui uma casa em Manchester da qual sua mãe toma conta, mas sua considerável coleção de livros, espalhada por ambos os lados da lareira de mármore, mostra que pelo menos metade da sua alma veio para Londres. Não encontro nada nas estantes que me deixe realmente surpreso. Wilde, Dean, Beaton, Kael, Delaney... um banderoso altar aos seus venerados ícones.

Obcecado como é pela cultura inglesa, perguntei se ele já tinha lido algum dos escritores ingleses contemporâneos, Ian McEwan, Graham Swift, Martin Amis, talvez? Ele me olha como se eu estivesse clinicamente insano. "Nem mesmo num dia de chuva. Quando se vê um nome como Leslie Thomas, a gente logo pensa que ninguem com um nome desses poderia jamais escrever alguma coisa de interessante." Quando chamo sua atenção para o fato dele ter sido responsável pela popularização do grupo com o nome mais impessoal da história da música pop, ele diz, com um cansaço meio afetado. "E, eu sei .., tem sido um grande esforço. Você tem, à sua frente, os restos mortais de um homem". E cai na risada.

Por outro lado, ele parece a imagem da saúde comparado aos dias em que apenas o seu topete parecia bem alimentado. Talvez, então, seja necessário acrescentar alguma coisa às suas velhas e familiares obsessões. É extraordinário que ele ainda esteja lendo os últimos livros sobre o caso Moors* ou sobre James Dean. Tudo isso é meticulosamente deliberado. "Sou muito seletivo", observa com um sorriso maroto. "Posso até chegar a Jane Austen, nem tanto Dickens, mas não suportaria alguma coisa ultrajantemente moderna."

Meu pedido para xeretar a sua coleção de discos foi negado. "Está guardada em Manchester. É o tipo da coisa que eu só faço em particular. Ouvir um disco é como aquelas pequenas coisas que se faz no banheiro. Quer dizer, eu poderia desprezar uma pessoa se encontrasse com ela certos discos em particular, não importa quão gentil ela tenha sido comigo antes. Um LP esdrúxulo e eu já estaria chutando a pessoa nas canelas!" Aí tomei nota, mentalmente, para não esquecer de enterrar aquele primeiro disco de Madonna, caso ele resolva retribuir a visita. O resto da conversa apenas confirma que aquela imagem inicial de granito, atribuída a Morrissey no lançamento do compacto de estréia dos Smiths ("Hand in Glove", em maio de 83), tem sido cuidadosamente lapidada. Ocorre apenas que a estátua está quase concluída. Seus deuses estão guardados numa redoma de vidro: as preces também incluem George Formby, filmes ingleses dos anos 60 (especialmente *A Taste of Honey*), um sortimento de tragédias como o caso Marilyn, uma cabeça completamente fechada para a maioria das músicas contemporâneas.: "Esses discos tipo hip-hop ou seja lá como eles se chamam ." Vendo a capa do novo LP dos Smiths, *The Queen is Dead*, que beira a paródia mas também é um fotograma arquetípico de um sereno Alain Delon, é fácil perguntar como os Smiths poderiam um dia fazer algo realmente *novo*.

Mesmo assim, os compactos continuam saindo e, com a possível exceção de "Shakespeare's Sister", todos são preciosos. Os observadores atentos, porém, perceberam os

MORRISSEY

tropeços. O longe e amargo drama de uma briga na Justiça com o selo Rough Trade atrasou o lançamento do LP por oito meses — bem rock biz, não é?

Lamentações que se refletiram no mercado pelas baixas colocações nas paradas e, pior ainda, no debilitante calvário dos grupos pop através do conhecido, universo chamado eufemisticamente de "problemas pessoais". Isto posto, para seus dedicados seguidores, os Smiths continuam sendo o único grupo com o qual vale a pena se preocupar e, pela primeira vez, esses fãs não se enganaram. A primeira audição, *The Queen is Dead* pode parecer um outro exercício de consumada "Smithice". Afinal, nada mudou na superfície. Os mesmos arranjos, guitarra e bateria sem metais ou teclados, nenhuma guinada radical. Se o ouvimos mais atentamente, porém, descobrimos um disco tocado por uma visão lírica e musical que reduz a zero muitos dos seus contemporâneos.

Esses prazeres são mais elevados ainda pela sua raridade. O súbito aparecimento dos Smiths em 83 foi recebido como um grande alento. Três LPs e incontáveis compactos depois, ninguém os alcançou. O cenário independente já não é tão somente um gueto, mas um grande subúrbio do qual não se pode escapar. E os poderosos preservam seus domínios com um fervoroso senso do que é certo e o que é errado para o consumo da massa.

Enquanto exaltava grupos como o Easterhouse ou, antes dele, o Woodentops (que ele agora insiste em chamar de Sudden Flops — num trocadilho que quer dizer "Os Repentinos Fracassos", comentário que reflete não só o fim de suas esperanças como a campanha movida contra ele pelo grupo, que culminou com uma ameaça de bomba — veja só que mocinhos sérios eles são!), Morrissey adotou agora uma postura de extremo pessimismo, colocando o seu grupo como o ponto final na Babilônia do Rock.

"Mas que mais pode acontecer?" ele afirma realisticamente. "Existe ainda alguma coisa para acontecer? Não, porque a indústria está morrendo, a música está morrendo. É a mesma coisa se você olhar para a indústria cinematográfica, não há nada para acontecer. Todas as histórias da vida humana já foram contadas.

"Eu sentu que ainda havia um último filão intocado e nós o exploramos. Agora que a fonte foi canalizada, ficou um deserto cultural.

"Mesmo que você deteste os Smiths, você tem que admitir que eles têm o seu espaço próprio, mas não é mais possível conquistar o seu próprio espaço. O fato dos Smiths terem conseguido isso já é por si só digno de espanto.

"Ou seja, eu estava doente e disse que estava doente. Ninguém nunca disse antes que estava doente. Dentro dessa síndrome do sexy e do bonito, eu popularizei os óculos fornecidos pela Previdência Social! Eu não cheguei a tornar popular o aparelho de surdez, graças a Deus, isso não pegou, mas foi uma das minhas colocações. Não uma prótese, porque isso soa como sapatos de marshmallow ou terno de bolinhas. Até hoje faço questão de afirmar que toda aquela coisa das flores** era muito criativa, nunca medíocre ou estúpida. **Pode-se dizer, sim, Morrissey, aquele velho excêntrico babaca, mas eu acho legal que alguém excêntrico consiga chegar onde cheguei. Todo mundo segue** as mesmas regras e faz exatamente o que lhes dizem. Todos os grupos modernos fazem exatamente o que se espera deles — fluentemente, mas quem se importa?"

Vamos falar do novo LP?

"Mas por quê? Pelo amor de Deus!"

O novo disco dos Smiths começa com a faixa título e alguns versos de Cicely Courtneidge, uma lenta mas rebelde versão de "Take me Back to Dear Old Blighty" de *The L Shaped Room*. A música, assim como o filme, fala de um certo modo de ser inglês — na verdade, para Morrissey, um modo de ser inglês inestimável que se perdeu para sempre. Na cena original, Courtneidge representa uma esquecida performer dos tempos de guerra, vivendo seus últimos dias num decrépito apartamento em Fulham. Ela revive aquelas cançonetas meio esquecidas numa noite de Natal, cercada pelos novos cosmopolitas londrinos. É uma cena pesada e emotiva que evoca uma Inglaterra talvez mais gentil e certamente mais simples no seu charme. Um país que enaltecia conversas de humor inteligente, cartas bem escritas, lojas de esquina e melodramas teatrais.

No entanto, *The Queen is Dead* não é apenas uma lamentação ininterrupta. A rainha é usada como metáfora dupla para um mundo que se foi e para a herança sem sentido da monarquia em 1986. Trata-se também de um dos rocks mais excitantes que os Smiths já fizeram, com a música de Johnny Marr sugando o ouvinte para dentro de uma estonteante farsa negra.

"Eu não pretendia atacar a monarquia de uma maneira grosseira, como um bêbado", ele explica em seu cada vez mais sedutor sotaque de Manchester. "Mas, à medida que o tempo foi passando, aquela alegria que a gente tinha foi lentamente se escoando e sendo substituída por alguma coisa completamente cinza e deprimente. A idéia da monarquia e da rainha da Inglaterra vem sendo reforçada de forma a aparecer mais útil do que realmente é."

Sugiro que o mais difícil de engolir, nessa história da monarquia hoje em dia, é a maneira como cada vez mais se utilizam dela como um tipo de camuflagem política. Há cinco milhões de desempregados? Então, tomem outro casamento real para vocês!

"É verdade. Isso é lamentável. Se você considerar quão mínima é a contribuição deles quando se trata de ajudar as pessoas... Eles nunca, sob qualquer circunstância, fazem alguma consideração sobre o mundo ou sobre a vida das outras pessoas. A coisa toda parece uma piada, uma piada de péssimo gosto. Não acreditamos em duendes, então por que deveríamos acreditar na rainha?

"E, quando olhamos para os indivíduos que fazem parte da família real, eles são tão magnífica, incomensurável e imperdoavelmente chatos! Quero dizer, a Diana mesmo nunca na sua vida balbuciou nada que tenha sido de alguma utilidade para qualquer membro da raça humana. Se temos mesmo que conviver com essa gente horrorosa, por que eles não podem, pelo menos, fazer alguma coisa um pouco diferente?"

Mas se a família real realmente consegue alguma coisa é trazer turistas americanos para o país, o que — como vocês podem imaginar — não é exatamente um motivo de júbilo para Morrissey. Na verdade, a coisa é mais profunda. Seu descontentamento com a nova Inglaterra é inflamado pela crescente americanização do país. Os mísseis, as lanchonetes, uma geração unidimensional desesperada atrás do sucesso produzido e padronizado. Arrastado contra sua própria vontade para o século vinte, Morrissey parece, em muitos aspectos, mais próximo à geração anterior à sua. De fato, ele não se importa em dizer isso. Para ele, o futuro é um pesadelo absurdo.

"Essas pessoas podem não ter o sentido do social", diz a respeito dos adeptos da sobrevivência nos anos 80, "mas, o que é mais importante do que isso, não têm o menor senso de *gosto*. É tanto mau gosto em todas as áreas e é isso o que mais me preocupa." Tudo isso começa a fazer Morrissey parecer um velho sentimental e nostálgico. Isso ele nega até à morte e, embora seja fácil simpatizar com a sua má vontade em relação à cultura *yuppie* e ao desaparecimento da gentileza britânica, na verdade ele parece gastar tempo demais olhando para o passado.

Eu mesmo sempre achei que ele estava um tanto crescidinho para cantar músicas sobre seus tempos de escola, como "The Headmaster Ritual", e "Meat is Murder" tem também sua queda pela poesia do colegial. Agora, em *The Queen is Dead*, com 27 anos recém-completos, ele aparece com música sobre sair da casa dos pais! "Sim, sim, mas..." Ele diz com seu ronronado mais cativante e que, grosseiramente traduzido, ficaria algo como "tenha sua opinião, mas, pelo amor de Oscar Wilde, pense bem e veja se enxerga algum sentido nisto".

"Você não acha que, mesmo hoje em dia, certas recordações dos dias de escola ainda se agarram à gente e então, de repente, você se lembra de um dia em 1963 quando alguém fez alguma coisa completamente insignificante a você?"

Para ser honesto, isso não acontece comigo. Existe sempre uma recordação mais recente pronta para atacar.

Será que ele não percebeu que a maioria das pessoas da sua idade já passou pelas fases de fumar escondido, ter um romance e um casamento e já estão no estágio do divórcio e do segundo casamento? "E eu ainda estou esperando ser selecionado para a equipe de natação!"

"Mas eu sinto, de uma maneira absoluta, que tenho vivido como um sonâmbulo durante 26 anos. Nos momentos negros em que eu caía em mim, estava lendo o jornal. Veja bem, eu nunca passei por essas buscas triviais. O que eu fazia mesmo era ler todas essas revistas de música. Quer dizer, eu me lembro quando o *New Music Express* custava doze pence, eu me lembro quando o *Disc* custava seis pence. Eu me lembro quando você podia comprar todas as quatro publicações semanais de música por menos de 50 pence!"

Uma das lições que Morrissey aprendeu foi a do peso do sucesso. O veículo de suas reclamações é "Frankly Mr. Shankly", uma brilhante peça de *music hall* moderno que cuidadosamente contrapõe, à **mediocridade dos privilegiados, uma ironia das mais debochadas. É um dos marcos do novo LP e define um novo campo para os Smiths, mas e essa letra? Ela força** uma pergunta: você não estaria apenas se lamuriando a respeito da fama como eles sempre fazem?

"Sim! Como eles sempre fazem!" ele responde com um gesto extravagante. "Sim, eu estou me lamuriando", ele repete, acariciando a sobrancelha com as mãos mais melodramáticas da história do palco. "Eu já estava pegando na borracha, pensei, bem, não, quero mesmo é reclamar, eu quero mesmo é me lamentar. Reclamar é tão pouco viril, acho que é por isso que eu faço isso tão bem!"

Rindo cada vez mais. "Sim... 'Fame fame, fatal fame/ it can play hideous tricks on the brain'/ ('Fama, fama, fatal fama/ ela é capaz de pregar peças odiosas no cérebro') É realmente estranho e tenho a impressão de já ter dito isso antes — meu Deus, de repente, quando alguém luta tão penosamente por alguma coisa e de repente ela parece transbordar dentro de si, então o prazer se mistura à dor. Não me entenda mal, eu ainda quero, eu ainda preciso da fama, mas..."

"Mesmo que você receba 500 cartas de pessoas que dizem que o disco fez com que elas se sentissem completamente vivas — de repente, fazer alguma coisa espantosamente simples como acender uma vela pode ser mais intrigante, em um sentido perverso, do que escrever outra canção. Mas o que seria qualquer coisa se não houvesse dor?"

No passado, muita coisa foi tirada do estoque de heróis de Morrissey. Os espectros de Oscar Wilde e James Dean não apenas flutuam por trás dele, mas na verdade se incorporam ao seu inflamado e freqüentemente depreciativo humor, e o seu descuidadosamente despenteado topete é realçado pelo eterno jeans desbotado. A sua assimilação desses personagens pregou suas peças com o tempo e a imagem mas, mesmo assim, muitas dessas coisas – principalmente as relativas a James Dean — parecem ser apenas uma cortina de fumaça.

As letras do novo LP, restritas como são aos temas de estar em casa e sair de casa, não deixam nenhuma dúvida a respeito da identidade do verdadeiro herói ou heroína de Morrissey: sua mãe. Mas não é fácil falar sobre isso — não que ele não concorde com a minha sugestão — é que esse é um dos assuntos que ele prefere evitar na imprensa.

"Mentalmente, eu não acredito que tenha chegado a sair de casa", admite. "A gente sempre pensa que, à medida que a vida vai seguindo, vamos abrir novas portas. Mas o que me chocou é que, na verdade, isso não acontece... Mas quem aceitaria descrever sua própria vida como um sonho ruim, Ian? Milhões de pessoas aceitariam. Só porque isso nunca foi colocado, não o torna implausível nem dramático."

Para cada canção que explora a dor especial da solidão em *The Queen is Dead* — "If you are so clever why are your on you own tonight?" ("Se você é tão sabido, por que está sozinho esta noite?"), murmura ele magnificamente na cortante "I Know It's Over" — existe um equivalente cômico para contrabalançar. É um alívio saber que mesmo o príncipe do sofrimento gosta de uma boa risada de vez em quando.

MORRISSEY

Trata-se, propositalmente, de um disco de extremos. Sai ta com desprendimento do trágico para o cômico. A faixa-título combina os dois ao mesmo tempo. Tendo invadido o palácio, ele confronta a rainha com uma rima mais ultrajante do que o crime que o inspirou. "And so I broke into the palace with a sponge and a rusty spanner/ She said. Eh I know you and you cannot sing"/ I said: 'that's nothing you should hear me playing piano' ". ("Então, eu penetrei no palácio com uma esponja e um rodo enferrujado/ Ela me disse: "Eh, eu te conheço e voce nao sabe cantar"/ Eu disse: "Isso nao é nada, você precisa me ouvir tocando piano")

Ele também ousa sugerir que o príncipe Charles deveria alegrar nossa existência com uma pitada de travestismo, e que, afinal, o clero vem fazendo isso há tanto tempo — provando, aliás, que a zombaria não é monópolio de jornalistas e ferrantes.

Se você ainda tem duvidas a respeito de sensibilidade humoristica de Morrissey, deixe-me contar que seu programa favorito na TV é, atualmente, *Cagney and Lacey*. "Você nao assiste? Então você esta por fora!"

Ele sempre reclamou que as pessoas são inaptas para enxergar o humor, e talvez isso explique a sua porção generosa no disco. Muito disso pode parecer negro de tao perturbador, os gestos de um homem condenado a caminho do cadafalso, mas, acima de tudo, o negócio funciona. "Cemetery Gates", por exemplo, resolve ainda mais o jubilo e morbidez.

"É como aquele papo de 'famosas últimas palavras'. As últimas palavras de muita gente foram exuberantemente memoraveis. Howard Devoto estava me contando uma vez — nós estávamos num cemitério, tínhamos decidido dar uma volta pelos cemitérios de Londres, festivos, incorrigiveis que somos, os dois, você sabe, vestir as botinas, pegar umas cervejas e marchar até o cemitério de Brompton — a história de um velho oficial da Marinha morrendo, afogado em sangue, tendo um ataque do coraçao muito artístico, enquanto seu braço direito dizia: 'Não seja idiota, Charles, levante, força aí, nos vamos para Bognor esse fim de semana'. Ele vira para o cara e diz 'dane-se Bognor!' e 'Dane-se Bognor', foi gravado na sua lapide como suas últimas palavras. É um ótimo nome para um LP, "Dane-se Bognor!"

No entanto, "Cemetery Gates" não faz apenas piadas sobre tumulos. Ela se preocupa com o controverso assunto de plágio. Ele diz que sempre ficou feliz em admitir que havia pego emprestado um verso ou dois, a maioria de filmes. *A Taste of Honey*, *Rebel Without a Cause (Juventude Transviada)* e *Sleuth (Jogo Mortal)* são alguns que já inspiraram Morrissey.

Ele ridiculariza aqueles espíritos "retentivos anais" que pensam que fizeram uma grande descoberta e denunciam toda a obra de alguém como sendo deteriorado pela pilhagem. "É óbvio que a maioria das pessoas que escrevem pegam emprestado de outras fontes", ele contemporiza. "Todo mundo pega do varal alheio."

"O verso 'I dream about you last night and I fell out of bed twice' ('Eu sonhei com você a noite passada e caí da cama duas vezes'), em 'Reel Around the Fontain', foi tirado diretamente de *A Taste of Honey* e até hoje eu sou persistentemente acusado pelo uso desta frase."

"Eu nunca escondi o fato de 50% da razão de eu escrever dever-se a Shelagh Delaney, que escreveu *A Taste of Honey*. E 'This Night Has Opened my Eyes' é uma canção tipo *Taste of Honey*, é a peça colocada em forma de letra de música. Mas é porque eu levo tão a serio o ato de escrever que as pessoas dao tamanha importância ao fato de me passar uma rasteira."

Eu tenho certeza de que muita gente vai achar esse filão mórbido e depressivo, que percorre *The Queen is Dead*, duro de suportar. Desta vez, quem sabe o humor agudo de Morrissey possa aliviar a carga, mas a maioria do material é gloriosamente negativista. Além do mais, não parece combinar com o moço relativamente animado que tenho à minha frente.

E quando digo que ele parece melhor e que ri mais do que costumava, ele sacode a cabeça como se eu estivesse tentando atacar toda a base de sua carreira. "Você precisa de óculos", contesta. "Precisa olhar de novo."

"Não sou feliz, não mesmo", ele murmura. "Eu conheço um monte de gente que nessa hora vai jogar a revista no chão e dizer: 'Bem, Morrissey, esta é a sua plataforma, este é o distintivo que você usa com orgulho, como se você pedalasse alegremente à beira do abismo e, de repente, soltasse as mãos do guidão..' "

"Mas quase todos os aspectos da vida humana me deprimem seriamente .. Eu realmente sinto que todos esses rótulos, o 'depressivo', a 'monotonia', todos os rótulos que eu evitei ou neguei estão provavelmente corretos. Se você me compara com o prototipo de estrela de rock e julga em comparação com essa atitude visualmente debil, que é tão útil quando se quer entrar na industria musical, então, sim, eu sou depressivo. Se eu não estivesse fazendo isso, honestamente não acredito que gostaria de continuar vivendo. As pessoas evitam fazer esse tipo de colocaçao, porque sempre que alguem a faz nao parece ter nenhuma utilidade."

Que alguém dessa natureza exista dentro da industria pop britanica é, no mínimo, intrigante, mas, pensando bem, ele exagera um pouco. Para começar tomemos os próprios Smiths. Eles são capazes de lançar compactos com a rapidez de uma metralhadora, comparados aos seus esgotados rivais; e quanto à musica, são pouquíssimos os que conseguem compor de uma maneira tão bela quanto eles. Tudo isso parece se contrapor ao opressivo peso da angústia.

O verdadeiro problema de Morrissey, ao que aparece, é um caso crônico de adolescencia permanente. Da mesma maneira que ele se recusa a deixar o século dezenove, ele se recusa a sair de casa. "Eu sei", afirma com um tipo de rejubilante resignação, "é uma desgraça nacional! Nós sabemos que há uma vergonha ligada a isso. Se você, aos dezenove anos, ainda estiver morando com seus pais, você é considerado um tipo de monstro de quatro olhos, com perna de pau e sexualmente reprimido — o que em última instância é absolutamente verdadeiro!"

A crise de riso histérica que segue é um colirio para olhos doloridos.

No passado, ele não teve piedade em criticar o Joy Division pelo seu suposto "chic suicida". E quem irá negar que o grupo ganhou uma outra dimensão depois da morte de Ian Curtis? Toda imagem tem um preço e os Smiths justificam a sua através da integridade artistica. Mas é fato que algumas dessas canções não estao muito longe dos manuais esteticistas de saida pela morte.

A descoberta de que seis pessoas "que eram tremendamente dedicadas aos Smiths" tiraram suas próprias vidas nos últimos dois anos sugere que isso não é um simples melodrama.

"Seus pais e amigos escreveram para mim depois que eles morreram", explica. "Isso é uma coisa sobre a qual não deveria ser tão difícil comentar, porque, se as pessoas estão basicamente infelizes e querem morrer, entao elas vão morrer."

"Embora seja difícil para muita gente aceitar isso, eu realmente respeito o suicidio porque ele é uma forma de controle sobre a propria vida. É o ato mais forte que uma pessoa pode realizar e as pessoas nao são verdadeiramente fortes. Você pode dizer que é negativo deixar o mundo, mas, se a vida das pessoas for, antes de tudo, fertil, elas nunca vao pensar em se suicidar. A maioria, como sabemos, leva uma vida vazia e sem esperança."

"Eu nao posso me sentir responsável... nao totalmente. Creio que, em muitos desses casos, no último período triste da vida dessas pessoas, pelo menos ter os Smiths foi de alguma utilidade para elas."

E ele, já pensou em se suicidar? "183 vezes pelo menos. Eu acho que você atinge um ponto em que nao dá mais para pensar nos seus pais e nas pessoas que você vai deixar para trás. Você vai além desse estágio e só consegue pensar em si mesmo."

"É o tipo de situaçao com a qual as pessoas podem facilmente brincar e achar romântico. Todos os grandes pop stars que não tinham importância para ninguém enquanto existiam deram com suas mortes uma coloração fascinante às suas vidas. Se, por acaso, a maioria dessas pessoas estivesse viva, ninguém iria se importar muito."

"Eu acho que o suicidio intriga todo mundo. E, ainda assim, é uma daquelas coisas sobre as quais ninguém nunca fala a respeito de maneira interessante. Você sempre acaba no velho 'Ah, é tão negativo, é uma atitude tão equivocada!' "

Eu pergunto se essa fascinação pela morte não seria uma maneira conveniente de dar um sentido para nossas vidas quando deveríamos estar olhando para outras coisas. "Acredito que não. Tantas pessoas que eu admiro tiraram suas próprias vidas... Stevie Smith*** , Sylvia Plath **** , James Dean, Marilyn Monroe, Rachael Roberts***** ... São tantas..."

Já das canções do novo disco, a deliciosa "Some Girls are Bigger Than Others" deve ser a mais evocativa poesia sobre o nada jamais escrita. Por alguma razao, todos os tipos de permutação passam pela nossa cabeça quando ela está tocando, uma hilariante gozação às fotos de mulheres nuas que torna impossível evitar a lembrança de que Morrissey nao faz músicas sobre mulheres — a menos que se trate de sua mae.

"Bem, existem musicas sobre mulheres", diz, antes de cair na risada de novo. "É só procurar e cavar fundo. Eu gostaria mesmo de escrever sobre mulheres. A idéia da feminilidade é uma coisa que para mim permanece inexplorada. Eu estou percebendo coisas sobre as mulheres que nunca percebi antes e 'Some Girls' se refere ao absurdo de reconhecer os contornos do próprio corpo. O fato de eu ter passado vinte e seis anos da minha vida sem nunca ter percebido que os contornos de cada corpo são diferentes é um ultraje escandaloso!"

Existem ainda sinais de que ele possa um dia vir a crescer, embora eu nao esteja querendo dizer que isso é uma coisa que deva ser encorajada. O mais longo período de celibato fora de um monastério budista foi quebrado. "Eu me enganei redondamente", ele admite. "Fui apanhado quando baixei a guarda, mas eu volto, lógico, mais triunfante do que nunca, para a mais impalusivel, incredibável, absurda e necessária situação que pode acontecer a qualquer pessoa inteligente."

Já se apaixonou?

"Sim, não, sim, não, sim .. e isso é o mais claro que eu posso ser!" Numa arena habitada pelos mais ridículos "monstros machos", os Smiths apresentam uma imagem que é absolutamente não fálica. A sexualidade que o grupo, na verdade, possui, é de um tipo muito mais natural do que aquela apresentada pelos manequetes da MTV fixados no baixo ventre. Nem todo mundo aceita isso. Quando o *Smash Hits* (revista pop popularesca da Inglaterra) insinuou que havia um certo interesse de Morrissey por Peter Burns (cantor do Dead Or Alive), eles aparentemente escreveram o que lhes veio à cabeça.

"A entrevista entre Peter e eu foi completamente honesta e civilizada", lembra, "e eles nos transformaram em palhaços. Eu supostamente o teria chamado de Joan Collins (atriz da série *Dinastia*) .. Tudo foi completamente deturpado com simbolismos *camp*, quando não se tratava disso. Eu fiquei muito aborrecido... muito aborrecido... eles fizeram a gente parecer um casal de bonecas meladas." O que ele pensa dos símbolos sexuais à disposição no momento? Madonna, Prince, Boy George?

Cena do filme A Taste of Honey, dirigido por Tony Richardson, uma transposição da peça homonima de Shelagh Delaney que estreou em Londres em maio de 58. É uma das obras-chave do movimento que revolucionou o teatro inglês nos anos 50 batizado de "angry young men" (jovens raivosos).

"Madonna representa obviamente tudo que ha de mais absurdo e ofensivo. Fem nilidade desesperada. Madonna está mais perto da prostituição organizada do que qualquer outra coisa. Quer dizer, a indústria musical é logicamente idêntica à prostituição. Mas existem prostitutas e prostitutas.

"Para mim, Prince nao significa nada. O fato dele fazer sucesso na America é interessante apenas por que ele é levemente afeminado e isso nao tinha acontecido antes, por lá. Boy George, também, eu acho que não tem nada a dizer."

Na sua posição única de marginais bem-sucedidos, os Smiths escapam do tipo de cobertura de imprensa que a maioria dos pop stars adora ou agüenta. Mas não faltam tentativas de revolver a vida deles para achar alguma "sujeira".

A mais recente é uma biografia do grupo escrita por Mick Middles. Ela

mistura anedotas com um tipo de mentalidade de detetive infantil, que apenas o mais ardoroso fã poderia saborear. Para Morrissey, foi uma leitura fascinante.

"Eu não espero encontrar esse livro em outro lugar que não seja a seção de ficção! Ele é tão permeado de imprecisões, que, para mim, foi muito excitante. Eu aprendi muito. Se eu tiver alguma dúvida a respeito do futuro, tudo que eu tenho a fazer é dar uma olhadinha no livro para saber qual é o próximo passo. Nesse sentido, Mick Muddled (trocadilho com Middles, quer dizer "embaralhado") foi de uma ajuda religiosa em mais de um sentido. Eu não tinha a menor idéia, por exemplo, de que em certa época ura empresariar o Theatre of Hate. Eu nem mesmo sei quem são eles! Ou seja, para mim foi uma iluminadora compilação de fofocas!"

Que os Smiths desejam fazer mais do que uma serenata para o crepúsculo do mundo é evidente, pelo recurso a uma temática recorrente que podemos resumir como uma reivindicação de carinho e compaixão.

Em função disso, e considerando que eles representam a sensibilidade de uma enorme legião de garotos espalhados por todo o mundo, é surpreendente que eles não tenham sido convidados para participar do Band-Aid. Ou foram? Segundo Morrissey, "ninguém que fosse mais jovem que Bob Geldof poderia chegar perto do palco, do contrário os Boomtown Rats corriam o risco de parecer uma coleção de brontossauros. Tampouco aqueles que não venderam um milhão de cópias foram aceitos. Será que os Boomtown Rats venderam o seu milhão? Se o fizeram, então trata-se mesmo de uma banda notável!" Nem mesmo a realização de eventos beneficentes posteriores tais como *Fashion Aid* ou o *Sports Aid* conseguiram alterar um pouco essa postura de escárnio. "As pessoas se deixaram cegar pelo dinheiro", ele argumenta. "Fomos feitos de bobos por uma tramóia do show-biz!"

"Se se tratasse de uma questão doméstica, duvido que o fato tivesse qualquer repercussão. Tenho certeza de que os organizadores iam se dar mal. Se a gente fala do desemprego na Inglaterra, ninguém dá a mínima. Creio que há muito mais *glamour* nesse épico etíope. Trata-se de algo distante, do outro lado do mar. Pop stars, gente de cinema, essa história foi e continua sendo mero escapismo."

"Evidentemente, esse *glamour* encobre uma questão mais grave, ou seja, considerando que o mundo é totalmente controlado, porque eventos como estes seriam permitidos? Mas eu também fico chocado com a culpa sendo colocada sobre os ombros dos ingleses. Quantas pessoas na Inglaterra não vivem em condições de pobreza absoluta..."

"Quando isso começou, senti um cheiro ruim e para mim ele continua. Estamos a um passo de Hollywood. Quando virá o filme? O LP solo está saindo? O livro já está pronto? É a valentia de quem vai depois jantar com a realeza. Por que ele não sacudiu a Margareth Thatcher pelo colarinho quando teve a chance? Não... E ainda ter de ouvir o Bob falar tão amavelmente do príncipe Charles! Tudo isso para mim é muito irreal. E olha que eu nem usei a palavra ambição."

Enquanto isso, os Smiths tocaram

na turnê do Red Wedge (movimento dos músicos ingleses pelo Partido Trabalhista), ainda que com algumas reservas.

"Não quero parecer amargo, mas eu não me senti assim tão terrivelmente comovido com a iniciativa", diz sorrindo. "Achei que o evento era uma coisa tipo meia-idade. E realmente eu não consigo ver nada especialmente interessante em Neil Kinnock (candidato do Partido Trabalhista a primeiro-ministro). Não tenho nenhuma afinidade com ele, mas se as pessoas acham mesmo que têm de votar, parece-me que o nome dele é o mais apropriado. Eis o motivo da nossa breve, porém tempestuosa, apresentação."

"Quando subimos ao palco, o público pareceu tomado de horror. Aí eles tiraram seus *walkmans*, jogaram suas malhas no chão e, de repente, o lugar parecia aceso, incendiado de paixão."

Juntos, conversamos sobre o futuro, a terrível besta dos mais negros pesadelos de Morrissey. Concordamos que provavelmente Margareth Thatcher acabará por nos matar a todos. A Rough Trade já não mais insistirá na produção de clips e os Smiths estarão, enfim, livres deles. Andy Rourke voltou à banda. Craig Gannon é o quinto membro dos Smiths, mas eles não estão se transformando nos Rolling Stones, estão só tocando com eles. Johnny Marr está trabalhando em dois projetos paralelos, um com Keith Richards, outro com Bryan Ferry. Existe já a perspectiva de duas turnês, uma na Inglaterra e outra nos EUA, bem como o novo compacto, "Panic". Talvez se possa dizer que tudo isso parece um tanto róseo. Cabeça caída para o lado, fruindo o conforto de sua poltrona favorita, Morrissey parece estar à vontade. O pobre diabo que carrega o mundo nos ombros parece, no entanto, radiante. Ele deixou a escola, saiu de casa (quase)... o que virá em seguida? Que tal um relacionamento com alguém?, sugiro à maneira de uma despedida.

"Eu queria dizer o seguinte", diz lentamente, num tom de confidência, "sempre acreditei que a minha genitália era algo como o desfecho cruel de uma piada idiota. Lembro-me de uma entrevista em que Gary Glitter deu ao *NME* no início dos anos 70, onde ele concluía fazendo uma observação sobre a permanente lembrança de que há algo entre suas pernas. Eu, então, pensei que talvez fosse apropriado encerrar esta com algo como... a permanente lembrança de que não existe absolutamente nada entre estas pernas!"

Isto certamente vai desapontar milhões de pessoas.

"Não creio, Ian... isso, sim, é muito desapontador pra mim."

* *Série de assassinatos de crianças ocorridos em Manchester, no ano de 1966. "Suffer Little Children", do primeiro LP dos Smiths, é inspirada no caso*

** *Morrissey refere-se ao começo da carreira do grupo, quando ele andava invariavelmente com um buquê de flores nos fundilhos das calças, e fazia, durante os shows, chuvas de pétalas sobre o público*

*** *Poetisa inglesa, nascida em 1902*

**** *Poetisa americana*

***** *Atriz inglesa, trabalhou no "Assassinato no Expresso Oriente"*

Paco de Lucia

BRASIL TOUR'86

Mais uma vez,
o violonista espanhol Paco de Lucia
vai tocar para os brasileiros.
Considerado um dos melhores
instrumentistas do mundo,
ele vai mostrar nos palcos toda a pureza
e energia de seu novo Lp *Live... One Summer Night*.
No mais, Paco dispensa apresentações.
Confira.
Veja o show e compre o disco.

Roteiro da tournee de Paco de Lucia pelo Brasil, no mês de outubro:
Em São Paulo, *no Anhembi, dias 9, 10, 11, 12 e 13*
Em Curitiba, *no Teatro Guaira, no dia 15*
Em Porto Alegre, *no Teatro Ospa, dias 17 e 18*
Em Belo Horizonte, *no Minas Centro, dias 22 e 23*
No Rio de Janeiro, *no Canecão, dias 24, 25 e 26*

PolyGram

HM

* Mudanças: 1) Durante a tour do retomado UFO pelos States, uma desavença entre o tecladista **Paul Raymond** e o vocalista **Phil Mogg** levou o primeiro a cair fora antes de um show em Phoenix. Quem cobriu sua parte foi o baixista **Paulo Gray**, somente naquela apresentação. O ex-tecladista de **Eric Martin, David Jacobsen**, foi quem terminou a tour para o UFO, mas, para gravar o próximo LP até o fim deste ano, eles deverão arranjar outro, se Jacobsen não puder se fixar. 2) Após muitos anos de companhia, **Steve Dawson** deixou o **Saxon** para se concentrar unicamente num projeto só seu. Segundo o vocalista **Biff Byford**, Dawson não andava muito feliz nos últimos tempos e precisava fazer o que o seu ego mandava. Para o seu lugar foi chamado o baixista **Paul Johnson**, 24 anos, de Yorkshire, que andou tocando no **Gary Barden's Stratetrooper**. Paul só assumirá as coisas em maio, ao final da última tour monstruosa do grupo em que, algumas vezes, Biff andou tocando baixo (até no novo disco, *Rock The Nations*, gravado na Holanda com o produtor Gary Lyons) e até compondo as partes do ex-companheiro. No novo trabalho, a presença do veterano **Elton John** nas faixas *Party Till You Puke* e *Northern Lady* (depois de Julio Iglesias traduzindo letras do Judas Priest.

Saxons, antes do desfalque de Dawson

só faltava Elton virar headbanger). O compacto *Waiting For The Night* foi lançado em agosto e, segundo o guitarrista **Paul Quinn**, o novo álbum é a continuação de *Power & Glory* (parece que nem eles gostaram de *Innocence Is No Excuse*, o último LP). Paul Johnson não está no novo LP, mas aparece na turnê de dez meses iniciada na Iugoslávia em setembro, passando por Austrália, Nova Zelândia, toda a Inglaterra (inclusive Reading) e, segundo alguns, América do Sul. Gostaríamos de saber onde. 3) Desmentindo todos os noticiários, o **Uriah Heep** não acabou e já tem planos para lançar novo LP no início de 87 (enquanto você lê esta coluna, poderão já estar tocando pelos States com novo vocalista no lugar de **Peter Goalby** e novo tecladista no lugar de **John Sinclair**, que continuará com **Ozzy Osbourne**). Os membros fundadores, o guitarrista/vocalista **Mick Box**, o baterá **Lee Kerslake** e o baixista **Trevor Bolder**, continuam insistindo e depois do LP pretendem uma superturnê por toda a Europa.

* Falando em brasileiros, me chega às mãos uma *fita-demo* inglesa. *Hell Patrol*, gravada pelo guitarrista brasileiro **Christian Skepis** de forma independente. A fita está tendo boa aceitação lá em Londres, e talvez Chris consiga (como já aconteceu com brasileiros de outras áreas) reconhecimento primeiro lá fora para poder um dia ser aceito aqui. A *demo* traz quatro temas dele sendo o mais interessante *It Ain't Music*, a angústia do fim da música, do rock, enfim... o holocausto artístico. Para quem não sabe: Christian foi guitarrista do **Cock Sparrer** nos dois últimos LPs dessa independente banda inglesa, que era muito marcada por tomar posições políticas sofrendo alguns atritos com os direitistas da **National Front**.

* Depois da Top Tape ter lançado aquelas duas coletâneas metálicas (já comentadas aqui na *Bizz*), outras gravadoras de pequeno porte estão se agitando para as bandas pesadas. A RGE, por exemplo, já contratou o **Platina** e procura mais bandas para lançar uma coletânea. Além disso, está soltando dois LPs ao vivo da veterana **Made In Brazil** e mais os seguintes internacionais: **Anthem, King Diamond, Blood Lust, Lizzy Borden, Eden, Obsession, FlotSam & JetSam** e mais um do **Slayer**, *Haunting The Chapel*. A Continental surpreende todo mundo prometendo todos os LPs do **Venom** (já não disse isso aqui?). A Woodstock Discos, por sua vez, promete (e está cumprindo) colocar na praça muitos LPs raros do **Rainbow** e do **Judas Priest** (os três primeiros a CBS já lançou), sem esquecer 24 LPs de heavy alemão com trabalhos totalmente inéditos por aqui. Já a Baratos Afins estava com o *play* do **Golpe de Estado** praticamente pronto no fim de agosto.

* Tia **Alice Cooper** está de volta. Assinou com a MCA e está gravando o álbum *Constriction*, que deverá ser antecedido por um compacto antes de seu lançamento até o fim do ano.

A velha Tia Alice contra-ataca

O Made pela primeira vez no ring

* Aí, headbangers de Sampa. Retornando todo primeiro domingo do mês (desde setembro), a Praça do Rock, agora fixa no Parque da Água Funda. **Destroyer, Gozo Metal** e **Virus** já andaram arrasando por lá. Os organizadores estão prometendo para novembro a festa do segundo aniversário da Praça, que enfrentou chuva e vizinhos caretas além da "organização" e do "som" da prefeitura. Essa festa deverá ser totalmente gravada, podendo se transformar num álbum duplo ao vivo, que possivelmente sairá pela RGE até o fim do ano. Independente disso, no segundo domingo de cada mês, a Praça poderá ser itinerante, invadindo outros parques da cidade.

* Rick **Medlocke** não deixou o **Blackfoot** acabar. Reagrupou-se ao tecladista **Doug Bare** e ao guitarrista **Bobby Barth**, convocando para completar o time dois ex-**Mother's Finest**, os crioulos **Wizzard** (baixo) e **Harold Seay** (bateria). Assinaram contrato com a Atlantic americana e estão no momento em Detroit trabalhando num LP ainda sem título (poderá ser Rick Medlocke & Blackfoot), que deverá ser lançado no início de 87.

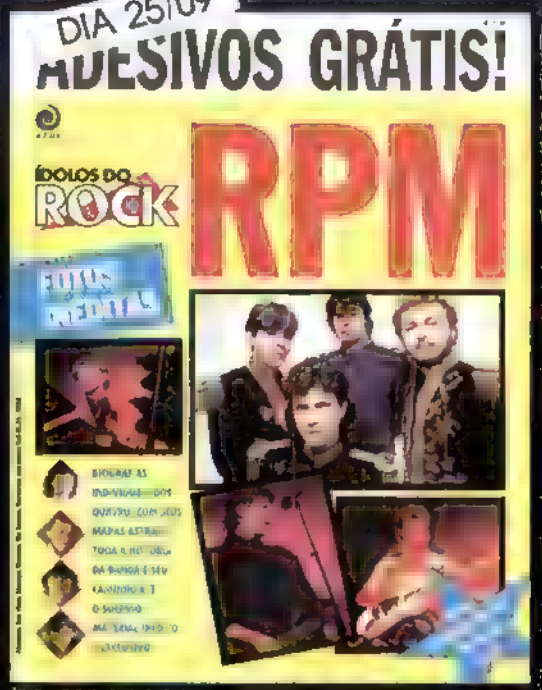
Leopoldo Rey

Festival De Rock

DIA 07/10

A edição de OUTUBRO de BIZZ, tem um entrevistaço com Ian Morrissey, o inventor do Smiths. Um cara obcecado pela morte, apaixonado pela mãe, fanático por mitos sexuais e que não transa nunca. Confira.

DIA 25/09



ÍDOLOS DO ROCK: uma edição só de RPM, a banda de rock que incendiou os ouvidos e corações da moçada. Biografias individuais, a história da banda e fotos inéditas.
59 ADESIVOS GRÁTIS

DIA 15/10

LETRAS TRADUZIDAS: uma edição impecável, com o que há de melhor na pop internacional. Nesta edição, tem Rod Stewart, The Cure, James Taylor, Prince, Dire Straits e muito mais. Letras originais e traduzidas. Fotos inéditas. Não perca!

DIA 23/09

REVISTA POSTER - MADONNA: a gata mais charmosa que o showbizz produziu nos anos 80, num super poster e fotos inéditas incríveis. De quebra, a história e a discografia completas da moça. Colírio pros olhos do rapaziada.

Nas Bancas

BIZZ

EDITORA ABRIL

MERCENÁRIAS

A VIDA NAS TRINCHEIRAS

Há três anos, essas mulheres se consolidaram como uma das mais radicais bandas da capital bandeirante. Agora, só agora, chega o primeiro LP. Prepare seu coração...

"Ah! Você que é a artista do *Clip Clip*?", perguntou o delegado à Mercenaria Lou, quando ela chegou na delegacia para acertar o empréstimo de uma metralhadora e um 38 para o show de lançamento do LP *Cade as Armas*?

Mas uma metralhadora e um 38 não são os únicos elementos que simbolizam a temática da banda. Elas estão muito, muito longe mesmo dos chorâmingos que integram o repertório das bandas femininas daqui — que, diga-se de passagem, contam-se nos dedos de uma mão. As Mercenárias, ao contrário, fazem poesia para a música, com texto e força musical de arrancar calafrios da espinha e arrepiar todos os pelos do corpo.

E o que pode significar ser uma banda de mulheres? "Não queremos falar disso porque não queremos nos lamentar", comenta Sandra (baixo). Lou (bateria), que estava de perfil, aponta seus olhos fundos e diz: "Olha, mulher que faz arte não tem muito referencial. O mundo não é de deusas, e sim de Deus. Partimos sem parâmetros e trabalhamos para construir uma existência própria, uma identidade. Isso significa conquistar e construir uma história". E Rosália (voz) feito uma criança marota, completa: "Por isso é um trabalho muito peculiar e muito forte."

Essas garotas trabalham há quatro anos sem registro em vinil. Um atraso lamentável e típico deste terceiro mundo, agravado, ainda, por ser esta a terra de "Deus" e, consequentemente, liderada por homens. Este primeiro LP traz suas mais antigas composições, feitas, ainda, pelo tradicional quarteto baixo, guitarra — sempre a cargo de Anna —, bateria e voz.

No novo repertório entram várias facetas instrumentais. "Já faz tempo que estamos incluindo coisas. Tanto é que a Rosália já se tornou multimídia na banda", conta Sandra. Além de Rosália, outro elemento passou a intervir em alguns shows das Mercenárias: o artista plástico Theo Werneck. "E as estão abrindo o espaço para eu mostrar minhas pesquisas sonoras. Estou adorando porque trabalhar com elas é uma celebração, uma cumplicidade", diz ele.

E o que essas garotas esperam daqui para a frente? "Nossa ambição é que seja cada vez mais fácil a divulgação do nosso trabalho. Agora temos um LP e esperamos que isso facilite as coisas, embora muitas rádios já tenham recebido o disco e não toquem uma música sequer! Mas, se a gente não acreditar que as coisas vão mudar, vamos morrer", fala Sandra. E Rosália completa: "Mas daqui ninguém sai vivo" (risos). "E, também", continua Sandra. "A minuir o tempo de criação para o registro. Isso não pode se tornar tão distante de você."

Para a capa e divulgação geral do trabalho, elas optaram por se apresentar em silhuetas. Por quê? "Nossas primeiras fotos foram distorcidas. Depois fizemos uma série atrás de slides projetados. E, agora, silhuetas... Elas dizem mais que uma forma mais objetiva — nariz, boca etc. E atrás delas tem muita coisa, como atrás de um trabalho tem muitos anos, muita luta. A gente deixa esta pergunta: cadê as armas?"

Sonia Maia

LULU SANTOS
MELHOR DO QUE NUNCA
LULU
NO PRÓXIMO MÊS SUPER PROMOÇÃO LULU SANTOS NESTA REVISTA
TURNÊ:
09 PORTO ALEGRE • 20/09 PASSO FUNDO • 21/09 CAXIAS DO SUL • 24/09 SANTA MARIA
09 NOVO HAMBURGO • 28/09 CURITIBA • 03/10 UBERLÂNDIA • 04/10 BRASÍLIA • 05/10 GOIÂNIA
10 ARACAJU • 10/10 MACEIÓ • 11/10 RECIFE • 16/10 FORTALEZA • 17/10 TERESINA • 18/10 SÃO LUIS
LEVE PRA CASA VOCÊ TAMBÉM
DISCOS RCA

ESTILO ROCK

DARK? EU?

Na primeira vista do Pepe Escobar a redação, em sua última passagem pela Conte Sul um dos primeiros assuntos engatados foi o chamado *dark* uma invenção made in Brazil de um movimento roubado que a rigor nunca existiu

É da essência da imprensa diária a ignorância de "saber de tudo um pouco" E o dark não fugiu a regra partiu de uma generalização grosseira que ogo no mesmo saco o chamado "punk gótico" o pos de Manchester o psychobilly etc etc

Afinal o que se viu/leu Gente que ouviu falar em Ian Curtis, mas não conhece um sulco de *Berlin*, de Lou Reed (73) ou *The Man Who Sold the World* de Bowie (71) falando sobre "as trevas no rock Ainda por cima, alguns velhos hippies aproveitaram a deixa para passar sermão na moçada que se veste de preto, por não "acreditar em nada" Qual foi mesmo o filósofo que escreveu que "acreditar é o oposto de conhecer"?

Bem, estou falando demais Na começo da papo, eu disse ao Pepe "A culpa é tua! Ele admitiu e se prontificou a passar a questão a limpo. Vamos lá *JAL*

ESTILO

Não careço tanto de força quanto de ligeireza, nem tanto de ideias quanto de matizes, nem tanto de um acento básico quanto de uma diversidade de tonalidades, nem tanto de luz quanto de sombras, me atormenta demasiado o que há de comum e de trivial na realidade

Hölderlin

Antes de tudo, o contexto. O Brasil é longe. Muito longe. Milhões passam fome, outros milhões cruzam suas existências na descerebração absoluta — por ausência de cálcio e proteínas na infância —, e uma minoria faz das tripas coração (de morcego) para "levar vantagem". Para entreter esta minoria, a mídia espetaculariza tudo — e continua, animadíssimo, o Baile da Ilha Fiscal.

Passar um longo tempo completamente fora daqui e voltar equivale à sensação de jogar uma Ferrari em uma corrida de carro de boi. Paulo Francis nunca esteve tão certo ao formular sua célebre pergunta ainda na escada do avião: "Como é que o Brasil se comportou em minha ausência?" Mal. Sempre mal. Da última vez que cheguei aqui tinham descoberto os darks. E *tudo* era dark, como nos últimos anos andava sendo punk, beat, new, possshh-modernnnno (sic) etc. O negócio aqui é looooonge.

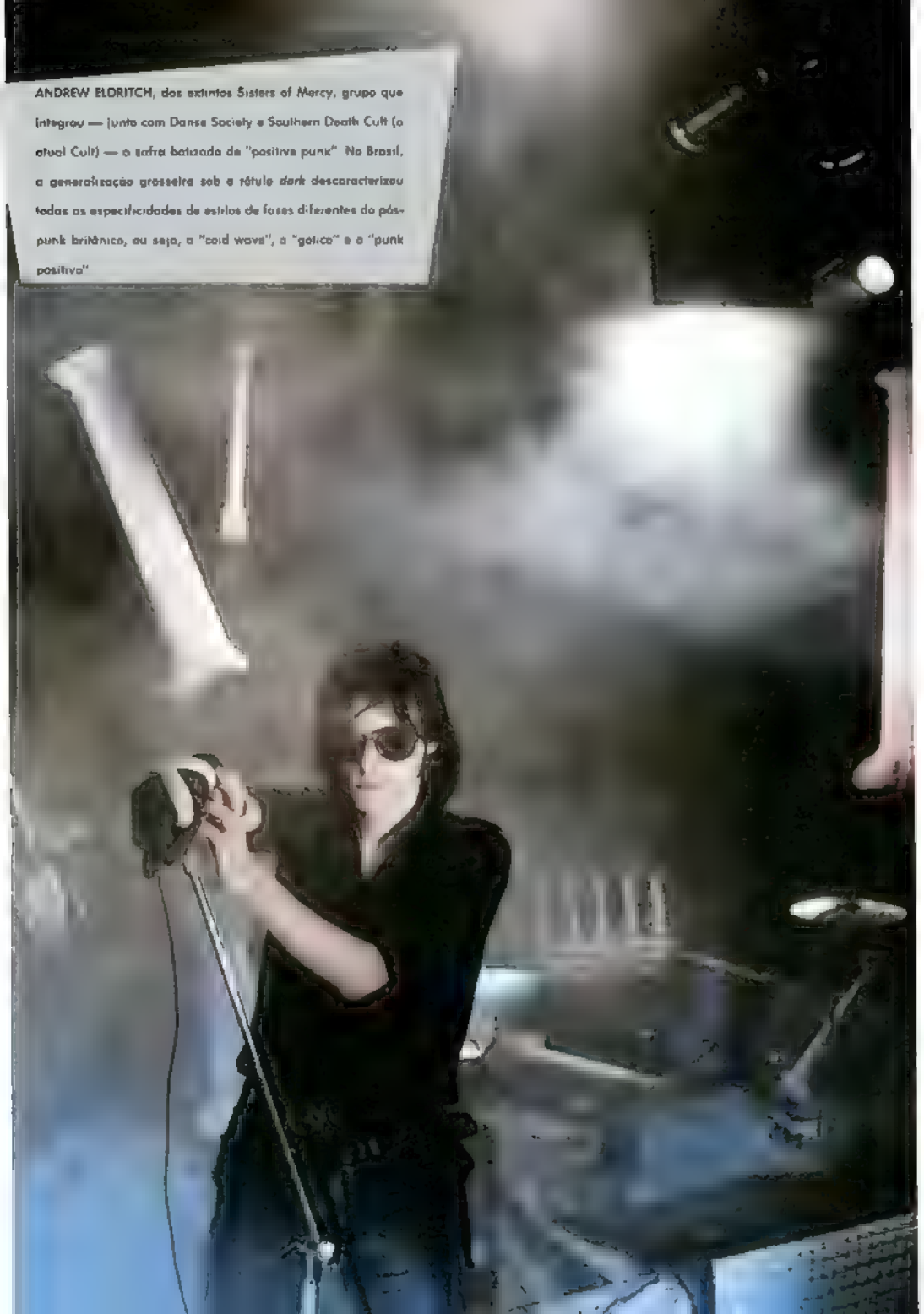
Vamos dar uma observada no fenomeno. Todos estes estilos e/ou conceitos, incluindo o darkismo, foram mencionados pela primeira vez, em São Paulo, na grande imprensa — ou seja, para um público de massa —, quando este que vos fala trabalhava todo santo dia no dito caderno ilustrado de um certo diário. O objetivo era informar, provocar interesse, mostrar o que andava acontecendo no mundo, não na ilha. No Rio, em termos musicais, um trabalho semelhante estava acontecendo na Fluminense, através de Maurício Valladares. Em relação a este vago e indefinível ethos/conceito/estilo de vida chamado dark foi assim que a moçada em geral travou conhecimento com Bauhaus, Cure, Alien, Killing Joke, Sisters of Mercy, roupas pretas e atitudes sorumbáticas.

Era inevitável, pelo inerente espírito de macaquice tropical, que duas atitudes básicas derivassem desse processo. Não deu outra. A mídia passou a espelhar todo tipo de bobagens sobre dark nos seus cadernos de (in)cultura e programinhas eletrônicos *in*, e uma grande massa palhaçou-se de darkinha com uma solicitude *hilária*, como dizem os *possshperrrtossh* (sic). Notórios PhDs em babaquice ressurgiram do limbo para, em português de cadeira de rodas, dissecarem ensaios tipo samba do caipira doido misturando dark, Nietzsche, cine alemão, roupa preta, intelligentzia francesa, tudo no mais completo barco furado, claro, mas impressionando os incautos (eterna maioria).

Em síntese: toda essa palhaçada não passou de mais um inócuo babado de mídia. Dark com a ve-

Os CRAMPS surgiram junto com a primeira leva da new wave americana, em meados dos anos 70, e criaram de próprio punho o rótulo "psychobilly" (rockabilly psicótico), impresso nos cartazes das primeiras apresentações que fizeram.

SIOUXSIE e seus Banshees integraram o levante punk desde seus primórdios, mas acabaram recebendo da imprensa o rótulo de "punk gótico" — como em literatura gótica, contos de terror, mistério e sobrenatural. O mesmo rótulo acabou incorporando toda uma linhagem de bandas, das quais o Bauhaus foi a mais significativa. No Brasil, o "gótico" se perdeu na salada dark.



ANDREW ELDRITCH, dos extintos Sisters of Mercy, grupo que integrou — junto com Danse Society e Southern Death Cult (o atual Cult) — a safra batizada de "positive punk". No Brasil, a generalização grosseira sob o rótulo *dark* descaracterizou todas as especificidades de estilos de fases diferentes do pós-punk britânico, ou seja, a "cold wave", a "gotico" e o "punk positivo"

KILLING JOKE- apocalipsismo com raízes filosóficas bem definidas e voltados para a paranóia nuclear na Europa do Norte. O vocalista Jaz (segundo da esquerda) coloca-se, nas entrevistas, como influenciado por Nietzsche

lha *new wave*, é apenas uma generalização, onde não cabem todas as especificidades. Por exemplo, por que a garotada gosta de usar preto? Porque, em síntese, preto é realmente nobre e elegante, além de prático. Mas entre os disco high tech de Tóquio, os buracos underground da barra pesada de Berlim, o Village nova-iorquino e a zona norte de São Paulo há uma enorme gama de usos de preto, desde o *basic black* de designers milionários ao blusão de couro velho com Levi's rasgada da garotada mais dura.

Na entrevista com Robert Smith no ano passado, perguntei ao dito sobre o romantismo dark das letras do Cure pré superpop. Aparentemente induziam ao suicídio, mas segundo Robert, depois de algum tempo passaram a ser compostas em clima de brincadeira. O apocalipsismo do Killing Joke tem raízes filosóficas bem definidas e refere-se a uma realidade definida: a paranóia nuclear na Europa do Norte. O darkismo de Peter Murphy na época Bauhaus era uma esteticização exacerbada, produzida para máximo impacto. Cruz Pessoa, do Cabine C, instituído como ídolo dark local, é na verdade uma figura séria preocupada com poesia, literatura e em colocar seu trabalho no mercado sem fazer concessões.

Mas no baile, já espetacularização só o que resta é o *look* e todas as discussões caem no vazio do significado. Na sua pulsão de *spotlights*, no seu desespero de cinco segundos de fama, quem aparentemente detém o poder são os mitos de circo — tanto os "descobridores", no caso do dark, e os "discípulos" aparvalhados.

Dá para escapar dessa palhaçada? Dá. É só pensar um pouquinho a sério — com ou sem roupa preta. Quem sabe o que anda pela sua cabeça anda com a roupa na qual se sente bem, não atras de modismos impingidos por descerebrados. Além muito além do darkismo como moda, os mitos e as pessoas interessadas em algum tipo de pensamento deveriam se interessar por algumas coisinhas. Por exemplo: quer algo mais dark do que a pressão social que levou ao extermínio três dos maiores gênios *outsiders* desta época — Fassbinder, Mishima e Pasolini? Quer saber sobre o que realmente existe de dark na condição humana? Leia Nietzsche com atenção, complementando com os ensaios sobre ele por Deleuze e Bataille. Tente encontrar, ainda que em tradução espanhola, os textos devastadores do filósofo romeno Cioran, onde ele nega tudo, tudo, até o limite da nossa insignificância, mas no fundo do seu niilismo de iluminador ainda aposta nesta raça desmiolada. O realmente dark, a escuridão e as trevas, está no fundo da mais plena reflexão humana, manifesta em filosofia, literatura ou até uma letra de pop song do fundo de si. Fiquem com o Holderlin do início deste texto, carecendo mais de sombras do que de luz: só estudando e tentando compreender nossas sombras é que podemos almejar e pressentir alguma iluminação.

Pepe Escobar

II FREE JAZZ FESTIVAL

Ray Charles — bem acompanhado e se [illegible] em um festival em que [illegible]

Feras entre muzak

27 a 31/08 - Anhembi (SP)

Nada contra Turíbio Santos ou Villa-Lobos. Muito pelo contrário. Difícil foi entender sua presença na abertura de um festival dito de jazz. Que, de resto, foi com poucas exceções um extenso e rebarbativo banho da mais hedionda muzak. Senão, vejamos. Logo depois de Turíbio pisou o palco um guitarrista que, habituado à sua carreira de compositor de jingles, acabou desfiando uma hora de um som insosso que melhor caberia no alto-falante de um elevador. Larry, apesar de ser Carlton, não é decididamente um raro prazer. E, se a temperatura já andava meio baixa, o próximo show foi um banho de água fria. João Donato, um talento a quem a música brasileira deve muito, deu uma trágica mostra de desequilíbrio. Tortaço, trocava os nomes de suas "Leilíadas", que compôs em homenagem à sua musa, deixando desentendidos sua banda e o público. Não segurou a barra de peitar um teatro lotadíssimo e perdeu uma excelente chance de mostrar seu talento. Uma pena ter que aguentar tudo isso para ver entrar em cena, já na madrugada, o gênio cool do trompetista Wynton Marsalis. Homem de formação erudita, e muito sóbrio apesar de sua pouca idade (24 anos), Marsalis, se não provocou surpresa, não deixou ninguém frustrado. Profissional sério, conseguiu inovar mesmo em cima de um tema gravado e regravado por todas as feras em todos os tempos, "April in Paris". O segundo dia foi aberto pelo tecladista carioca Marcos Ariel, um êmulo de Keith Jarret, Gismonti e Hermeto Paschoal, entusiasmadíssimo pela chance de ali estar e conseguindo passar este vigor para o público. O som mostrou uma boa pesquisa de diversos ritmos brasileiros, mas pouco acrescentou. Depois dele entraria a estrela que roubou o festival, ao lado do genial Ray Charles, que pintou mais adiante. O esperado Stanley Jordan mostrou por que é hoje um dos mais festejados guitarristas do mundo. Sozinho no palco, usando uma técnica com a qual tira sons da guitarra com todos os dedos, Jordan tocava como dois ou três ao mesmo tempo, exibia um belo conhecimento de música, colocando sofisticados contrapontos em temas populares e fazendo estonteantes recriações de hits eternos como "Georgia on my Mind" e "Autumn Leaves". Levando a moçada ao delírio — foi o dia em que o público esteve mais jovem —, encerrou com "Eleanor Rigby" e, no bis, botou a casa abaixo com "Stairway to Heaven". Grande fera. Vamos, porém, passar mais rapidamente pelo resto. David Sanborn, que fechou a noite, mostrou que seu sax é perfeitamente adaptável à trilha sonora das compras no supermercado. Um bundão. Terceiro dia. O sax barítono firme e extremamente melodioso de Gerry Mulligan, com uma formação tradicional, toda acústica — baixo, piano, bateria. Depois, aquele gingado meio gafieira de Paulo Moura. Tudo muito bom, mas eu preferia a banda dele num baile no Sesc Fábrica da Pompeia. Encerrando, o vocal absolutamente impecável do Manhattan Transfer, resgatando uma tradição de grupos como os Hi-Lo's e os Four Freshmen. Chocante. Ainda mais para um país cuja tradição de vocais acabou com Os Cariocas, há muito anos. Quarto dia. Abre Ricardo Silveira. Sem comentários. Segue a estrela máxima. Acompanhado por uma banda de 28 músicos, incluindo um afinadíssimo vocal de cinco mulheres, Ray Charles estraçalhou, com sucessos como "I Can't Stop Loving You" e "Georgia on my Mind". Depois, de novo Jordan, alterando um pouco o repertório, mas brilhando do mesmo jeito. Último dia. Ufa! Abre o divertido e bem-humorado som de New Orleans da Dirty Dozen Brass Band, apenas metais e percussão. A mesma banda que acompanhou David Byrne, do Talking Heads, em seu disco solo *The Knee Plays*. Cesar Mariano, que pintou em seguida, mostrou que talvez esteja se embrenhando em demasia no mundo da eletrônica. É sem dúvida um tecladista da maior competência. Mas não é bem por aí. E Ray Charles fechou o Free Jazz. Que a gente espera que no ano que vem tenha mais free e mais jazz.

José Eduardo Mendonça

Cesar Mariano — [illegible]

Os [illegible]: Wynton Marsalis, bom como sempre, e Stanley Jordan, roubando o show

RPM

Fama & fortuna

Canecão (Rio) - 13/08

O que mais se pode dizer de um show do RPM que ainda nao tenha sido dito? O grupo já ultrapassou a marca das trezentas apresentações Brasil afora e deve estacionar por volta das quinhentas até o fim do ano, quando tudo terminar. O prolongamento da turnê é devido ao lançamento de *Rádio Pirata Ao Vivo*, a esta altura provavelmente já beirando a marca do platina triplo (750 mil). Somado com as vendas do album *Revoluções Por Minuto*, o grupo já ultrapassou a desafiadora marca do milhão.

A estreia no Canecão, no qual já haviam tocado no horário de verão, às 19 h, aconteceu numa quarta-feira, 13. Talvez pelo fatídico e agourento número, o início do show sofreu um atraso de mais de 50 minutos. Motivo: o teclado Juno de Luiz Schiavon deu um *tilt* geral pouco antes das 21 h (o show começaria às 21h30). E pra arranjar outro? Foi um deus-nos-acuda. Felizmente, uma amiga do grupo, através de um amigo seu músico, descolou um substituto em cima da hora. Foi por pouco, ne amigão.

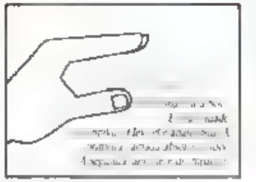
Presença no recinto, além da ensandecida multidão cosmicamente feminina e gritando como num show dos Beatles ou, para ser mais brasileiro, num show de Roberto Carlas nos tempos da Jovem Guarda: familiares do grupo, incluindo pais, irmãos e etc. E, já que fale em RC, o *brasa* havia sido escalado para entregar o disco de platina duplo no dia anterior num coquetel para a imprensa na piscina do Hotel Meridien, em Copacabana. Mas não pintou. Em seu lugar, o Big Boss da CBS internacional, Robert D. Summer, fez as honras.

As perguntas feitas por jornalistas à banda durante o coquetel só mostraram que nos ainda não estamos preparados para ter um grande grupo pop, coisa que nos Estados Unidos e Inglaterra é mato. A esquecer tal que as pessoas acham espantoso a popularidade de Paulo Ricardo, os recordes de vendas obtidos pelo grupo. Alguem tem que ser o primeiro, não? Depois (esperemos) isso se tornará comum. São apenas provas de que o rock brasileiro está a caminho da maturidade, e desta vez ele fica. O RPM só tem que se cuidar para não afundar em meio a essa euforia.

Tom Leão

Esta é a metade do tênis Olympikus.

Tão importante quanto ter um tênis bonito é ter um tênis confortável. Por isso, o Centro de Pesquisa Olympikus desenvolveu uma palmilha exclusiva que proporciona um conforto como nenhum outro tênis.



A palmilha Olympikus é toda feita de borracha expandida, super flexível. Tem desenho anatômico que amortece todos os seus movimentos. É revestida em tecido atoalhado, o que permite a absorção do suor. Você pode retirá-la para lavar sempre que for necessário, ela nunca perde a forma.

A importância desta palmilha você vai sentir no dia a dia, no conforto e na anatomia perfeita que acompanha a anatomia dos seus pés.

E vai sentir também que a preocupação de Olympikus não acaba no design moderno, no tênis bonito, nas cores da moda.

Tecnologia Olympikus é muito mais do que isso. É um compromisso maior de qualidade em tudo que tiver a marca Olympikus.

OLYMPIKUS
Um show de tecnologia.

DJAVAN

Era bom

Projeto SP - 17/08

Entusiasmado. Foi assim que eu saí de um show de Djavan na extinta danceteria Radio Clube, em São Paulo, no final de 1982. Afinal, estava no palco um cantor afinadíssimo, capaz de grandes modulações, cantando composições pautadas por uma fina sensibilidade poética nas letras e uma sabia mistura de ritmos brasileiros, rock e jazz na música — e acompanhado por uma banda de músicos maduros, a Sururu de Capote. A mesma sensação ficou de um outro show, um ano e meio depois, desta vez no *Sounds of Brasil*, em Nova York. Ovacionado, em casa lotada, o alagoano chegou mesmo a merecer matéria de destaque no *New York Times*, onde foi descrito como uma vigorosa promessa. A partir daí, porém, pelo jeito, as coisas degringolaram. O que se viu no show do Projeto SP foi um Djavan com uma musicalidade tão aparada quanto seus antes compridos e revoltos cabelos. Não se pode negar que ele seja hoje um sucesso. O teatro exibia uma lotação inédita e o público entoava suas canções palavra por palavra, principalmente as de seu último LP, *Meu Lado*. A banda, a mesma Sururu, é da maior competência — com Sizão Machado (baixo), Teo Lima (bateria), Hugo Fattoruso e Jota Moraes (teclados), Marçal (percussão) e Zé Nogueira (sax alto). Mas o antes excelente poeta Djavan, hoje um inegável star, parece ter aceito o lado pior do sucesso: a concessão ao mercado, na forma de melodias e letras mais fáceis. Que pena. *José Eduardo Mendonça*

BADEN POWELL

O filho pródigo

Projeto SP - 03/08

Mestre Powell [illegible] Brasil

E quando a saudade bate à volta de onde estiver, então com sua voz pequena e tomada, logo no começo do show, o violonista Baden Powell, que voltava de uma ausência de dois anos de palcos brasileiros e de uma série de intermináveis turnês européias. Vinha da pacata Floresta Negra, na Alemanha, onde mora, para encontrar um público tão variado em idade quanto receptivo, num clima de emocionante comunhão musical. Juntavam-se ertãos da bossa nova e gente que conhece o mito apenas de ouvir falar, como uma jovem, a meu lado, que estranhou os primeiros versos em português. "Ue, pensei que era um violonista americano!"

O nome poderia até induzir a este engano, mas o que se ouvia foi um som mais do que nunca penetrado pela brasilidade. Com as influências do jazz aparadas talvez, e paradoxalmente, pela longa ausência — ele mora há 22 anos fora do país —, restou um som agressivo, rascante, no toque pesado como o de "Asa Branca" ou mesmo na brilhante recriação do já intrincado "Odeon", de Ernesto Nazareth (que qualificou de uma espécie de tango brasileiro, cheio de baixas").

Baden exibiu a mesma desenvoltura e depuração tanto em "Jesus Alegria dos Homens" — única exceção ao repertório brasileiro — quanto na bucólica "Valsa de Eurídice", de Vinicius de Moraes, ou em passeios nostálgicos como os de "Samba do Avião" ou no longo "Samba da Benção". Com a sutileza de um Django Reinhardt, cuja influência mencionou no passado, e a firme pegada que lembrou o uso quase percussivo que faz do violão o espanhol Paco de Lucia, Baden não funciona tão bem quanto canta. Apesar disto, fez a platéia entoar, de cor, músicas há anos fora do espaço das rádios ou das estantes de discos, como "Samba em Prelúdio".

Bem por estar de novo em casa, depois daqueles climas de hotel no estrangeiro", mostrou por que é cotado, há anos e tranquilamente, como um dos mais completos homens de seu instrumento no Brasil. E como um músico de sólida formação pode conseguir, com brilho invejável, servir com tanta disposição à música popular.

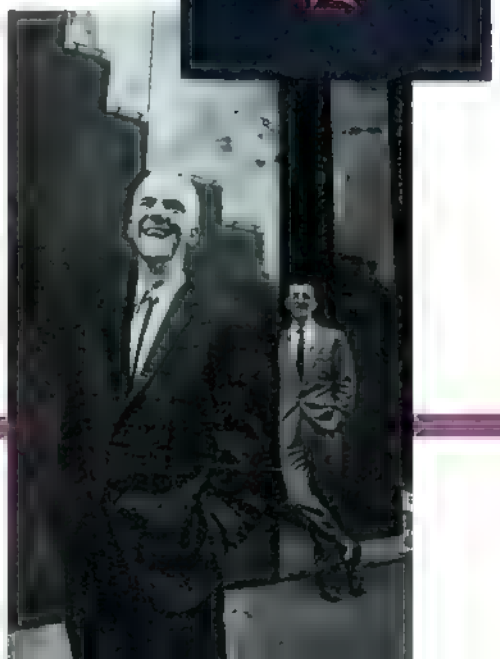
J E M

DOSE DUPLA

SEM GELO

Os grupos Bananarama e Communards tomaram de assalto as maiores danceterias do mundo, onde príncipes, rainhas e ilustres plebeus rebolam mais do que cobra em areia quente.
Experimente você também.
É som de rachar o esqueleto!

COMMUNARDS



PolyGram

TITÃS

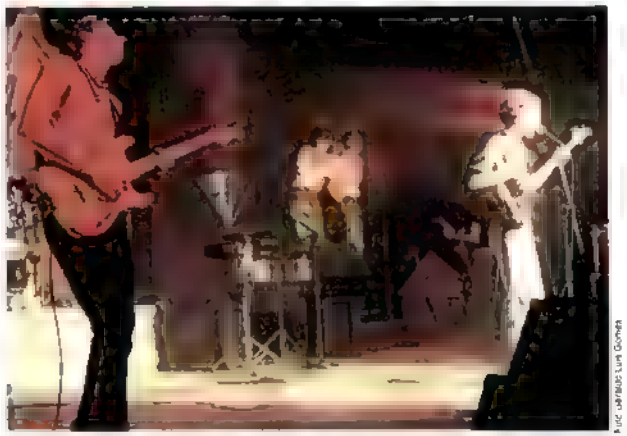


Foto: Carlos Luis Gomes

Peles estilizadas, piras e jogos de luzes pontuaram o grito de guerra dos Titãs

Um banho no boicote

Projeto SP 22/08

Embora os Titãs estejam sendo boicotados pelas FMs, a garotada lotou o Projeto SP tanto no sábado como no domingo. Donde se conclui que as rádios estão definitivamente relegadas às Simones e Iglesias da vida. Aliás, este show foi um belo termômetro. Ou seja, existem mais adolescentes espertos do que sonha a vã filosofia dos meios de comunicação. Azar o deles! Cá para nós, o que importa mesmo é constatar que *insatisfação* é a palavra certa para espelhar a juventude pensante de hoje. E ela não é tão minoria como muitos pensam. Pois a massa jovem presente no Projeto vibrou com os temas vociferados pelos Titãs.

Os primeiros tambores soaram e a banda entrou no palco sob aclamações de boas-vindas do público. Branco Mello dirigiu-se ao microfone principal — por onde se rebolariam, ainda ao longo do show, Arnaldo, Britto, Paulo Miklos e Nando — e soltou a música de abertura. "Cabeça dinossauro/ pança de mamute/ espírito de porco". Logo em seguida, Miklos tomou a dianteira e desfechou três interpretações brilhantes. A primeira delas foi a censurada "Bichos Escrotos". Mas alguém liga para a Censura? O público cantou junto com ele, a princípio ainda meio tímido. Percebendo a participação, Miklos silenciou, inesperadamente, na frase "Vão se f*!". E eu fiquei a cargo da plateia, que não esperava a deixa.

Outro destaque foi Arnaldo Antunes e seu já característico estilo "homem-máquina". E sua a interpretação de uma das melhores músicas deste show e do LP, "O que". E algo a ser notado é que Arnaldo não participou da agressiva música "Igreja", tanto no show como na divulgação geral do trabalho. O fato é que ele não se sente bem cantando que "não gosta" de coisas em que, na verdade, ele acredita. "Não na Igreja instituição", esclarece ele. "Mas eu tenho uma fé."

Para o bis, o público pediu unanimemente "Massacre" — ainda do LP anterior —, e o grupo devolveu. Além de "Bichos Escrotos" e "O que". E o que mais dizer? Apenas que as rádios abram os olhos porque como diz esta última letra: "O que não pode ser que não/ é o que não/ pode ser/ que não é". E! *Sonia Maia*

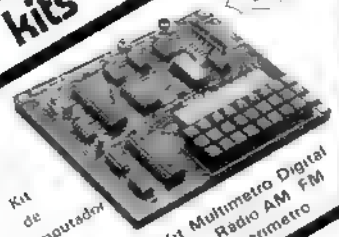
BI77 79

cursos técnicos!

- eletrônica básica
- áudio e rádio
- programação basic
- análise de sistemas
- eletrotécnico
- refrigeração e ar condicionado
- eletrônica digital
- televisão pb/cores
- programação cobol
- microprocessadores
- instalações elétricas

kits exclusivos!

Z-80



Kit de Microcomputador e mais

- Kit de Televisão
- Kit de Refrigeração
- Kit Digital Avançado
- Kit Multímetro Digital
- Kit de Rádio AM FM
- Volt Amperímetro

cursos por correspondência

intensivos! dinâmicos!

OCCIDENTAL SCHOOLS
cursos técnicos especializados
Alameda Ribeiro da Silva, 700
01217 São Paulo SP
Fone: (011) 826 2700

SOLICITE MAIORES INFORMAÇÕES SEM COMPROMISSO!

BI77 29

OCCIDENTAL SCHOOLS
CAIXA POSTAL 30 663
01051 SÃO PAULO SP

Desejo receber gratuitamente

Nome
Endereço
Bairro Cidade Estado CEP

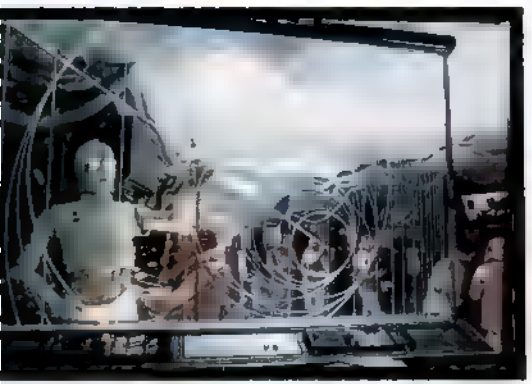
INDUSTRIAL LIGHT & MAGIC

A fábrica de maravilhas

Marco Antonio de Menezes visita a equipe responsável pelos delirantes efeitos especiais do cinema americano

Um filme sobre um pato interplanetário que fuma cachimbo, e nem é desenho animado — não parece uma coisa destinada ao fracasso? Nada disso. Vai ser um sucesso. Por quê? Quem imaginaria que um monstrinho nojento seria uma das dez maiores bilheterias de todo o mundo? Ou que salvar princesas das garras de bandidões ainda convence alguém?

O monstrinho era *ET*, a princesa foi salva em *Guerra nas Estrelas* e o pato fumante é *Howard, The Duck*, recém-estreado nos EUA.



Acima, um técnico ajusta a miniatura da nave *Milênio Falcon (O Retorno de Jedi)* para a filmagem da cena que aparece na página anterior. Abaixo, o robô *C3PO*, cujo sucesso foi um dos responsáveis pelo *boom* dos efeitos especiais.

Estes filmes (e *De Volta Para o Futuro*, *Indiana Jones*, *O Retorno de Jedi*...) têm em comum mais do que a direção e a produção de Spielberg, Lucas e companhia. Têm por trás uma anônima fábrica em uma cidadezinha da Califórnia, San Rafael, que revolucionou o cinema americano e mundial nos últimos dez anos. É a *Industrial Light & Magic*.

A ILM detesta problemas fáceis, só aceita encomendas de efeitos especiais que ela própria considera impossíveis. Desafios. Para se ter uma idéia, a ILM recusa 75% das propostas que recebe. Até quando são produções da Lucasfilm, a produtora de George Lucas, que é a responsável pela existência da ILM e sua principal acionista.

Quem vai entrando na ILM tem a impressão de estar em um enorme galpão cheio de coisas abandonadas. Nem há placa na porta — *The Kerner Company* é o que está escrito lá fora. Isto porque, assim que descobriu que ali é que eram fabricados os monstros, estrelas, astronaves e carros que viajam para o futuro, a garotada passou a atacar o lixo da empresa, à procura de modelos imperfeitos descartados.

O pessoal circula descontraído, de jeans, há copos plásticos jogados pelo chão. E há copos plásticos tratados com cuidado de cirurgião, para que se transformem na sede do governo de alguma galáxia distante. É claro que alta tecnologia é utilizada. Mas a ILM não despreza jamais os recursos simples e imaginativos que dão origem a alguns dos melhores efeitos especiais.

"Muita gente pensa que a mina de *Indiana Jones* custou milhões. Qual nada. Foi feita de papel de alumínio amassado e pintado. A melhor maneira de imitar nuvens ainda é com algodão em flocos", diz Dennis Muren, o diretor da ILM.

Mas existem problemas mais sérios, como o das bicicletas que levantam vôo no final de *ET*. Steven Spielberg só sabia que queria as bicicletas voando, não tinha a menor idéia de como isso poderia ser realizado. O efeito foi conseguido com marionetes motorizadas programadas por computador.

"É impossível imaginar como é difícil mostrar cinco garotos andando de bicicleta pelo ar. O público não sabe, mas os efeitos visuais são muito mais complicados quando a cena é ao ar livre. E fazer objetos voarem à luz do sol é o mais difícil de todos: é preciso disfarçar todos os truques que usamos, como combinar elementos da cena filmados separadamente ou ocultar cabos e postes." Para Spielberg, o resultado foi "um dos efeitos mágicos mais perfeitos que já se viu".

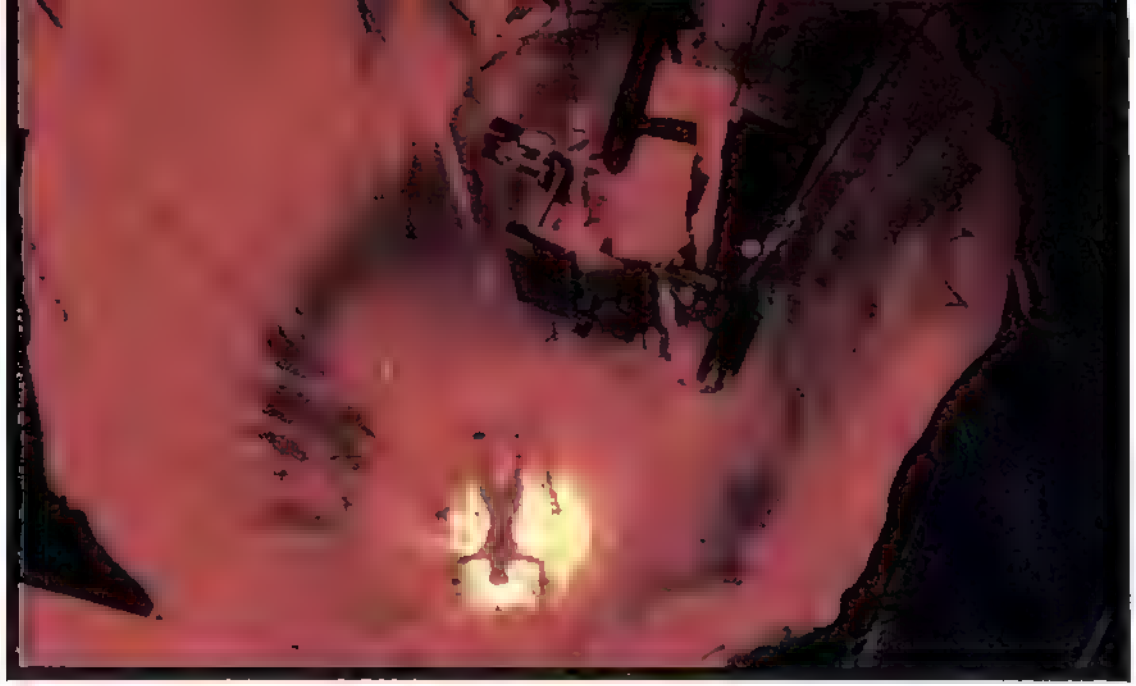
O centro do truque das bicicletas é uma invenção que Muren bolou para o filme *Dragonslayer*, chamada *go-motion*. Durante décadas, as criaturas fantásticas dos filmes, como King Kong, ganhavam movimento através de fotogramas filmados um a um. Entre uma foto e outra, a marionete era movimentada manualmente, um pouquinho de cada vez. O resultado é sempre meio estranho, o movimento é trêmulo e descompassado. No *go-motion*, a marionete realmente se movimenta, ligada a eixos e motores acionados por um computador.

Durante a filmagem, os eixos que movimentam as marionetes são embutidos em tubos de luz azul, para tornar possível outra tecnologia muito usada, o *blue-screen process*, processo da tela azul. Em *Retorno de Jedi*, por exemplo, a sequência das motos a jato voando pela floresta foi feita com esse truque. Marionetes dos atores e das motos foram filmadas contra um fundo azul. A floresta foi fotografada em separado, por um cinegrafista correndo por um bosque com uma *steadycam*, aquela câmara com suspensão que filma, em movimento, imagens completamente estáveis. Depois, a floresta e as motos foram copiadas em um mesmo negativo.

Quando há muitos elementos se movimentando ao mesmo tempo e em direções diferentes, a coisa fica ainda mais complexa. Numa cena de batalha espacial no *Retorno de Jedi* foram necessárias nada menos que 63 "camadas" de negativo copiadas no positivo final. Isso só é possível graças a uma câmara criada pela ILM. É também comandada por computador, o que torna possível repetir com precisão absoluta o mesmo movimento inúmeras vezes.

Os computadores também estão presentes no *EditDroid* e no *Sound Droid*, criados pela ILM. O *Edit Droid* possibilita ao montador colocar imediatamente qualquer trecho de todo o material filmado na tela

A cena das motos na floresta em *O Retorno de Jedi* utiliza o *go-motion* e o *blue-screen process*: a maquete da moto (acima) foi filmada em movimento contra o fundo azul, permitindo a cópia de sua silhueta em positivo e negativo (seqüência A). A tomada da floresta foi feita com uma *steadycam* e copiada em sanduíche com uma máscara — a silhueta positiva; o resultado é um "buraco" no plano (seqüência B). Num último sanduíche foram reunidos a moto e esse plano "furado", protegido por outra máscara — a silhueta negativa; o resultado é a cena vista nas telas (seqüência C).



sem precisar vasculhar rolos e rolos de fime O *SoundDroid* armazena sons em sua memoria e os recombina, criando, por exemplo, o som das flexas que alvejam o heroi em *Indiana Jones* Estes novos equipamentos foram o nucleo de uma outra subsidiaria da Lucasfilm a *The Droid Works*

Mas a ILM partiu do zero Foi em 75, quando George Lucas reuniu em Los Angeles, uma equipe de talentos, para que o ajudasse nos truques de *Guerra nas Estrelas* Conseguiram tantas inovações geniais a ilusão das naves voando em corredores apertados, os robos R2D2 e C3P0 — que Lucas decidiu tornar o grupo de criação uma parte integrante de sua produtora

Em 78 o grupo mudou-se para San Rafael, onde criou, no ano seguinte os efeitos de *O Império Contra-Ataca* Em 80 passaram a trabalhar para outras produtoras, alem da Lucasfilm Além dos filmes citados, trabalharam em *Jornada nas Estrelas Poltergeist, Caçadores da Arca Perdida, Cocoon, Inimigo Meu* etc

A última novidade foi usada em *O Enigma da Pirâmide*. Sao imagens criadas totalmente em computador, a partir do nada Ele é programado com todos os elementos visuais da figura (tamanho, forma, textura das superfícies, cor), com os ângulos e movimentos da câmara e as fontes de luz. A partir destes dados, o computador cria todo o cenário, a figura e seus movimentos, como o homem-vitral da historia do jovem Sherlock Holmes

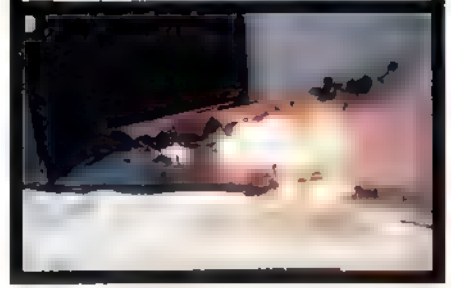
De 78 até hoje, a ILM cresceu de 25 para 100 técnicos Já tem uma coleção de Oscars. E deu origem a companhias concorrentes, como a *Apogee*, de John Dykstra (que ganhou um Oscar, ainda na ILM, por *Guerra nas Estrelas*), e a *Boss Films*, criada por Richard Edlund (Oscars pelos três filmes da série *Guerra nas Estrelas* e por *Caçadores da Arca Perdida*)

Agora a empresa está embarcando em um projeto novo, uma nova atração da Disneylândia, que será uma aventura completa nas galáxias de *Guerra nas Estrelas* Sem os truques da fotografia, todas as ilusões têm que parecer verdadeiras em tamanho real e a olho nu Como nome de *Star Tours*, a novidade será inaugurada em janeiro próximo

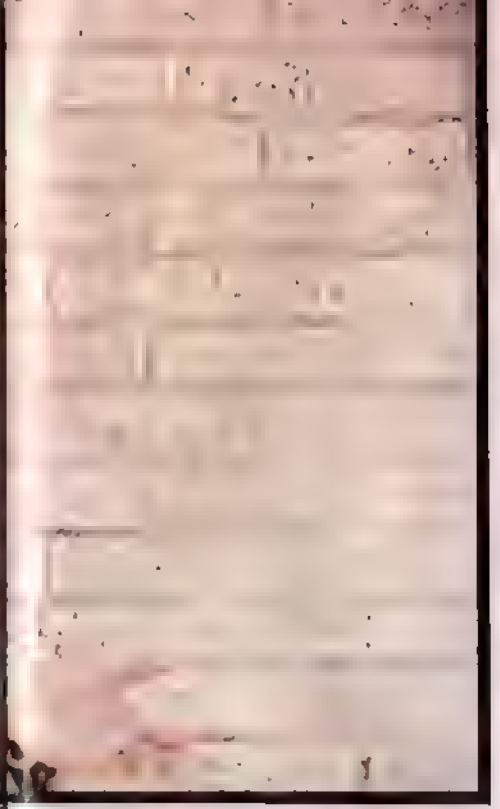
Mas os filmes de George Lucas e Spielberg ja começaram a influenciar a programação da Disneylândia agora em setembro estreia *Capitão EO*, uma aventura espacial de quinze minutos em tres dimensões, protagonizada por Michael Jackson Todo mundo está querendo efeitos especiais Os estudios da Universal acabam de montar uma atração, um King Kong de dez metros de altura que ataca uma cidadezinha tranquila e uma ponte de Nova York Tudo dura apenas dois minutos e pouco, mas custou seis milhoes e meio de dolares. São precisos cinco computadores para controlar King Kong, efeitos especiais com água e vapor de verdade e até cheiro de bananas no hálito do macaco gigante

Há quem critique essa tendência achando que o cinema está trocando emoções verdadeiras por efeitos pirotécnicos sem conteúdo. George Lucas não acredita nisso ' Os efeitos especiais são apenas uma forma de visualizar alguma fantasia Eles expandiram muito os limites para contar uma historia A ILM é uma ferramenta maravilhosa, que permite à imaginação correr livre, sem qualquer tipo de freio''.

No alto, a cena do poço de lava em *Indiana Jones e o Templo da Perdição*. A câmera, suspensa por cabos, é operada por controle remoto — o cinegrafista acompanha os resultados, simultaneamente, em um monitor de video. Acima, o poço em preparação, com a marionete já pendurada. Ao lado, uma modelista da IML constrói os cenários em miniatura da mina para o mesmo filme.



Na foto A, uma equipe da ILM explode a maquete da nave de *Jabba, o Hutt*, para uma cena de *O Retorno de Jedi*. Na foto B, a mesma nave é filmada em *blue-screen*. Notam-se os eixos que a movimentam, comandados por um programa de computador, e o suporte da câmera, que também é movimentada. Na foto C, uma tomada dos cenários em tamanho natural: *Luke, Han e Chewbacca* chegam, prisioneiros, à nave de *Jabba*. Na foto D, a maquete no momento da explosão: é praticamente impossível distingui-la da nave em tamanho real. A areia usada no cenário-miniatura foi recolhida em Yuma, no Arizona, para a obtenção do tom exato das cores do deserto utilizado nas locações do filme.



Vocalista, guitarrista e mentor dos Talking Heads, agora também diretor e ator de cinema

HISTÓRIAS QUE A VIDA NÃO ESCREVEU

Depois dos clips sensacionais e de uma longa metragem/concerto, David Byrne e os Talking Heads partem para o cinema de verdade. Ou de mentira?!

Hollywood nunca teve nada de boba. *Purple Rain*, o primeiro filme de Prince, deu nada menos que 80 milhões de dólares de bilheteria. E o chapante *Stop Making Sense*, o filme/concerto dos Talking Heads dirigido por Jonathan Demme, provou que — ao contrário do que dizia o bom senso cinematográfico — as pessoas realmente estão dispostas a pagar para ver um concerto filmado (embora, no caso, fosse obra-prima).

O resultado é que todo mundo está fazendo filmes de rock. Mas os Talking Heads já largam, nesta corrida, com a vantagem do sucesso de *Stop Making Sense*, dos premiados clips de Byrne, e de uma sólida reputação de qualidade visual e musical, além de inteligência. Talvez por isso, antes dos lançamentos de filmes de rock marcados para breve nos Estados Unidos, um título já despertava mais expectativa que todos os outros: *True Stories (Histórias Verdadeiras)*, a nova produção de David Byrne, com os Talking Heads e uma história cheia de personagens incríveis.

O filme foi escrito e dirigido por David Byrne, que também canta, é claro. Mas, ao contrário de um David Lee Roth que se improvisou roteirista, Byrne já tem uma coleção de prêmios por seus trabalhos visuais em clips. E, para não cometer erros de iniciante escrevendo para cinema, contratou a ajuda da dramaturga Beth Henley e do roteirista Steve Tobolowsky.

Numa cidade imaginária do Texas, Byrne filmou uma série de vinhetas, narrando e entrevistando habitantes fabulosos, do tipo *A Mulher Mais Preguiçosa do Mundo*. "As pessoas só acham que as coisas como Nova York ou a torre de Londres é que têm riqueza visual. Neste filme, queremos mostrar como qualquer objeto abandonado no fundo do quintal tem seu lado maravilhoso. É só olhar do ângulo certo", diz ele.

Como o filme custou apenas cinco milhões de dólares, e ainda vai ter um "filhote" de lucros garantidos (O LP *True Stories* que será lançado junto com o filme), pelo menos numa coisa Byrne acertou de cara: na viabilidade comercial do projeto. Outro acerto, na minha opinião, é que o filme foge completamente daquelas imagens surrealistas que já viraram marca registrada dos clips dos Talking Heads.

True Stories começa com uma tomada de uma rua deserta na imaginária cidade de Virgil — e Byrne já começa fazendo seus referências culturais, desta vez ao poeta latino Virgílio. Prestem atenção: são sempre referências culturais muito sofisticadas, mas ao mesmo tempo fáceis de identificar, para que a plateia não se sinta ignorante.

A "Mulher Mais Preguiçosa do Mundo" (talvez inspirada pelo filósofo que vivia na cama, o francês Descartes) nunca se levanta da cama, tem tudo sob controle eletrônico. Ramón, um operário, acha que cada pessoa é uma estação de rádio, que ele "recebe" tocando em seus ouvidos (será uma referência à afirmação famosa de Nina Hagen, de que ela é sua própria estação de rádio?).

O produtor é Karen Murphy, que produziu o genial *This is Spinal Tap* sobre um imaginário e hilariante — além de satírico — grupo de heavy metal. Ele e Edward Pressman, diretor da companhia produtora, entusiasmaram-se com o projeto mesmo antes de ler o roteiro (baseados talvez no prêmio que Byrne recebeu, setembro passado, pelos cinco clips que já dirigiu).

O estilo no filme, é diferente, mas os temas de Byrne são os mesmos. Comida, por exemplo. Numa das sequências, um marido dá uma aula de economia à mulher usando um diagrama feito de vagens, beterrabas e uma garrafa de leite. As personagens, por sua vez, foram inspiradas por jornalecos do tipo *Weekly World News* (que vendem barbaridades nos Estados Unidos, com manchetes do tipo "Mulher Teve 76 filhos em quatro anos"). Um personagem, por exemplo, quer tanto arranjar casamento que apela até para ajuda sobrenatural.

Byrne, chamado apenas de *Narrador*, conta histórias, entrevista, passeia pela cidade, se mistura e se envolve com tudo. Mas a melhor parte é sua música, escrita especialmente para o filme, e tocada pelos Talking Heads. Vai de baladas a valsas, de *gospel* a country, de rock ao chamado *Tex-Mex*. Cada personagem ganhou um estilo musical. E os sons da cidade, como os ruídos da fábrica, são aproveitados com aquela inteligência típica dos Talking Heads.

No filme, os Heads cantam nove das canções, os próprios personagens cantam as outras. No disco, os Heads cuidam de todas elas. Para Tina Weymouth, baixista dos Heads, a música tem muito a ver com a variedade do último LP do grupo "*Little Creatures* foi uma espécie de começo, um passo na direção do que fizemos no filme. Muito divertido. Parece que acontece uma coisa mágica quando começamos a trabalhar juntos".

Byrne tem ambições maiores. "Meu objetivo é construir uma espécie de linguagem de quatro dimensões, composta com poesia, música, movimento e imagens, em que todos os elementos se soldam uns nos outros, de modo que a imagem fica tão inseparável quanto a dança em relação à música, ou a linguagem em relação a canção".

True Stories ainda não concretiza esta ambição, que aliás é a velha ambição da ópera. Mas, com uma música estranhíssima, personagens estranhíssimos e muito talento, é um filme delicioso de ver e escutar.

M.A.M.

FX-ASSASSINATO SEM MORTE

FX no jargão cinematográfico, significa *efeitos especiais*. É também o nome da empresa de um especialista na matéria, Rollie Tyler. Ele é um dos melhores, daqueles que fazem de seus efeitos o atrativo principal de filmecos medíocres, monstros, mortes violentas, explosões sensacionais. Mas nada tão inusitado quanto a oferta que lhe faz o Departamento Federal de Justiça: simular o assassinato de um *capo* mafioso que resolveu se aposentar dedurando toda a família.

John Stears, o técnico de efeitos especiais de *FX*, o filme, diz que o argumento nem é muito original. Ele mesmo, na vida real, já recebeu ofertas semelhantes — só não pode explicar quais: são segredos de Estado. "Fico feliz por não ter me comprometido nesses projetos ...", diz ele. A julgar pelo que aconteceu com o personagem de seu filme, Stears tem toda razão. O pacato Tyler (interpretado pelo ótimo ator australiano Bryan Brown), acostumado com a violência "de mentirinha" das telas, envolve-se, contra a vontade, num crescendo de brutalidade, abuso de poder e corrupção.

Uma boa idéia, que deu em uma trama policial brilhante. O diretor Robert Mandel, praticamente um novato em cinema (vem do teatro e da TV, e já foi muito elogiado pelo seu filme anterior, *Independence Day*), conduz com segurança um dos melhores filmes do ano. Tyler, quer queira, quer não, tem que usar todo seu arsenal de engenhocas contra pessoas de verdade, para enfrentar o complô Mafia/Ministério.

Seu único aliado é um policial honesto e inteligente (Mandel incluiu no filme, sabiamente, um único personagem com essas três características reunidas). Ele é o capitão Leo McCarthy, interpretado pelo excelente Brian Dennehy, de *Cocoon* e *Silverado*. E dá-lhe tiros de fuzil que matam, cadáveres ilustres que saem andando e a porca Justiça americana. Um filme que não deve ser perdido. *A A*

O assassinato de mentira encontra um mafioso de verdade

A MORTE PEDE CARONA

É um filme mais que violento... é cruel, às vezes nauseante. É uma espécie de *Encurralado* hardcore, em que o indefeso viajante é não apenas ameaçado por um maníaco das estradas, mas testemunha e bode expiatório de um verdadeiro massacre gratuito. O que dá credibilidade ao filme é o elenco — C. Thomas Howell, um dos garotos de *E.T.*, é o motorista inocente, Hutger Hauer e Jennifer Jason Leigh (reeditando a dupla de outro filme campeão em atrocidades, *Conquista Sangrenta*) são o maníaco e a mocinha.

Também conta a capacidade do competente diretor Robert Harmon em capturar tudo que as desérticas estradas americanas têm de sinistro, compondo um clima de terror plástico, atraente mesmo... se você for um curtidor do gênero. Se você prefere acreditar na bondade humana, deixe pra lá. *A A*

O tarado (Hauer) e o urso. Adivinhe o que vai acontecer com o dono do ursinho.

ASES INDOMÁVEIS

Keith e Tom: dois galos numa patriotada

Dentro da atual safra de patriotadas do cinema americano *Aces Indomaveis* é um filme curioso. É uma história de aviação, tal como o recente *Águias de Aço* (com o qual, aliás, tem várias outras semelhanças). Mas é também um filme "jovem", com a trilha roqueira a que faz jus (Kenny Loggins, Teena Marie, Berlin, Loverboy) e um belo par romântico: Tom Cruise, como o piloto *Maverick*, e a instrutora *Charlie*, na pele da adorável Kelly McGillis (a gata *amish* de *A Testemunha*).

Daí a armadilha. Por baixo das paixões do piloto rebelde e da (alternadamente) doce/durona "sargenta e dos *clipes* e perfeitamente produzidos combates aéreos, rola todo aquele ranço so apelo bélico e nacionalista. Nem ligue. Curta as vertiginosas sequências aéreas, apaixone-se (de acordo com suas preferências) por Kelly ou Tom, e mande Reagan às favas. *A A*

A seção cinema Bi... e editada por Alex Antunes

Convite ao lazer.

A Rainha convida você a curtir o verão. A sua presença será indispensável. Traje: não importa, contanto que nos pés você use as Sandálias Rainha Itapema.

RAINHA
Qualidade que dá mais classe ao esporte.

LANÇAMENTOS

RICHARD THOMPSON — ACROSS A CROWDED ROOM — estéreo, hi fi, 84 minutos, Sony — Em dupla com a cantora e esposa Linda Thompson, o guitarrista Richard passou a década de 70 no colo da crítica, paparicado (e com justiça) como a melhor fonte de folk rock celta eletrificado de sua época. Solo e solteiro, Richard continua brilhante. Para quem ainda não o conhece (nenhum de seus discos foi lançado no Brasil), este vídeo ao vivo com 18 canções é um excelente cartão de visitas.

ERIC CLAPTON — LIVE '85 — estéreo hi-fi, 60 minutos, Vestron — Já que falamos de guitarra, aqui está Deus, desfilando os principais *hits* de sua carreira, em show gravado durante a turnê do ano passado. Nada de glamour: é música em estado puro.

TALKING HEADS — STOP MAKING SENSE — estéreo hi fi, 99 minutos, MusicVision — Som e guitarra cinematografia afiadíssima e um excelente show fazem deste vídeo um clássico instantâneo e imperdível. Poucas vezes esses três fatores — som, visual e performance — foram tão harmoniosos. Nem pense em deixar de comprar! É um verdadeiro *must*!

BOB MARLEY AND THE WAILLERS — LIVE AT THE RAINBOW — estéreo hi fi, 41 minutos, RCA/Columbia — Em 1977 ainda eram poucas as pessoas que conheciam o rei supremo do reggae. Este show captura Marley praticamente às vésperas de sua explosão internacional.

PARADA

1 THE NUMBER 1 VIDEO HITS — Whitney Houston
2 DICK CLARK'S BEST OF BANDSTAND — Varios
3 THE VIRGIN TOUR-MADONNA LIVE — Madonna
4 I CAN'T WAIT — Stevie Nicks
5 ROCK ME FALCO — Falco
6 THE ULTIMATE OZZY — Ozzy Osbourne
7 LOOK TO THE RAINBOW — Patti LaBelle
8 RIPTIDE — Robert Palmer
9 MOTOWN 25: YESTERDAY, TODAY, FOREVER — Varios
10 GENESIS LIVE THE MAMA TOUR — Genesis

SIGUE SIGUE SPUTNIK

"LOVE MISSILE F-11"

Dirigido por Hugh-Scott Symonds

Mesmo quem acha ridículo o SSS tem motivos de sobra para gostar deste clip. Sexo, violência e rock'n'roll dominam a ação, num ritmo constantemente vertiginoso e envolvente. É um verdadeiro bombardeio (sem trocadilhos) de informação visual: o grupo se vestindo e caminhando junto à la *Laranja Mecânica;* a Challenger explodindo; milhões de ideogramas japoneses; cenas de *Apocalypse Now;* armas, polícia, ruas e prédios de Nova York e Tóquio. Só mesmo vendo muitas vezes para conseguir digerir tanta informação. Um detalhe super: toda vez que a banda aparece tocando, está enquadrada pela mira de um míssil.

Fotos Tupo

NOTAS

■ Cansados de clips heavy metal com fogo, vamps, sangue e violência? Então dê uma sacadinha no que o **Dokken** preparou para "It's Not Love": o grupo montou sua aparelhagem num caminhão aberto e saiu tocando pelas ruas de Los Angeles. As câmeras tiveram um verdadeiro banquete de imagens de ação e relação público (que seguia o caminhão)/banda. Criatividade, seu nome é simplicidade.

■ **Marina** está prestes a seguir o exemplo dos gaúchos **Replicantes.** "Virou punk?", perguntarão. Nada disso. É que ela está fazendo um vídeo de longa duração, nos mesmos moldes do *Vortex* da banda de Porto Alegre.

■ **Paul McCartney** e o diretor **Philip Davey** tiveram uma boa sacada para o clip de "Press", o mais recente lançamento do velho homem do rock inglês: pegaram o equipamento e seguiram para uma das estações mais movimentadas do metrô londrino, num dos dias mais quentes do verão setentrional. Pegaram um trem, na maior, e saíram filmando. O resultado é honesto, humano e ultra bem-humorado.

■ Quem já ouviu falar de versões mix? Quase todo mundo. Mas quem conhece o videomix? Pois é o que o trio **Bananarama** fez com o clip de "Vênus". Existem duas versões do clip: uma, editada, outra, com o dobro da duração.

■ Na edição nº 13 de BIZZ, vocês souberam da nova técnica de superposição de imagens bolada pelo diretor polonês **Zbigniew Ryczynski** para o clip de "All The Things She Said", do **Simple Minds.** Pois bem. Zbig já aprimorou esta técnica no clip de "I Can't Think About Dancin'", do **Simple Minds.** Em vez de um fundo "simples", porém, ele introduziu algumas "cobrinhas" eletrônicas dançantes, que ficam passeando entre os músicos da banda durante toda a duração do clip. Maluquinho este Zbig.

SONIC YOUTH

"Confusão é sexo", ensinava o título do primeiro LP do grupo. Cinqüenta vezes barulho e uma boa dose de excitação: *José Emilio Rondeau* **experimenta a receita**

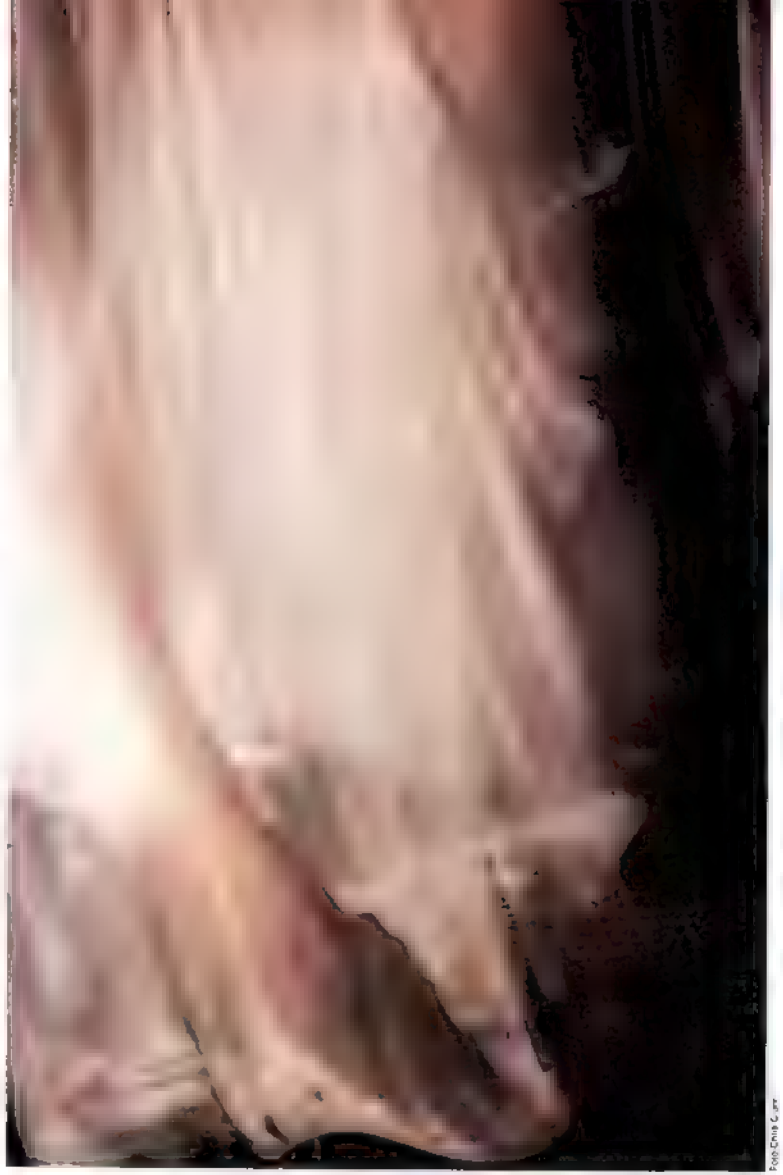


Foto Chris Cuffaro

Na materia de capa que fez com o quarteto nova-torquino Sonic Youth, a jornalista inglesa Cath Carroll empregou a palavra "barulho" exatas 51 vezes dentro das páginas do semanário *New Musical Express*. Nao poderia ter sido mais enfatica: Cath literalmente babou com o rock "devastadoramente esplêndido" do Sonic Youth, no qual enxergava "toda a excitação da historia do rock — a própria histeria". Bom, acontece que o terceiro àlbum da banda chama-se E V O L. Lido de tras para frente, LOVE (amor). Barulho e amor na mesma cama? Não dá para entender.

Se for levado em consideração o epiteto esculpido pelo guitarrista Thurston Moore para o som de sua banda, as coisas começam a ficar mais claras (ou escuras, dependendo de seu ponto de vista): "bubblegum noir", talvez uma maçaroca que envolva o candi infantil de grupelhos tipo Archie s ("Sugar, Sugar", lembram?) com a dark.ee.

O fato é que toma-se quase impossivel definir a sonoridade e a atitude do grupo — complementado pelo vocalista Lee Reynaldo, mais a baixista Kim Gordon e o baterista Steve Shelley, recém-chegado do Crucifucks. Um de seus hits mais recentes (se é que podemos colocar neste papo o tal do sucesso comercial) é uma obra chamada "Expressway To Your Skull" ("Rodovia para sua Caveira"). Há pouco, esta mesma musica (sic) foi rebatizada "Madonna, Sean and Me". Enquanto isso, Shelley lembra que em Berlim o Sonic Youth é tratado pelo público como se fosse os Monkees' Estranho? "E assim que achamos que deveria ser", afirma Shelley.

Na Inglaterra, o Sonic Youth é tratado com extrema reverência pela ala mais eclética (ou mais radical, dependendo de seu ponto de vista) do publico. Seus shows — quem já testemunhou garante — são um misto de Alice Cooper e The Jesus & Mary Chain. E as letras — repletas de duplos sentidos e violência — sao as mais estratosféricas e excitantes (em todos os sentidos) que se conhece desde que Iggy Pop criou os versos inesquecíveis de "Penetration".

Qual a inspiração do Sonic Youth? "Usamos sucata cultural para comentar e refletir em cima da origem desta sucata", explica Reynaldo, "mas não achamos que essa sucata deva ser chamada de lixo na verdade, é um espelho da cultura a que pertence."

VOCÊ ESCOLHE A MELHOR CAPA DO ROCK-BRASIL 86

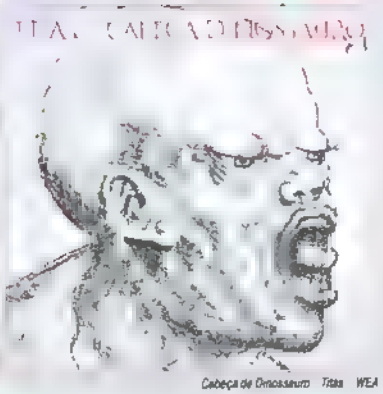
Cidades em Torrentes Biquini Cavadão Polygram

PRÊMIO COMPANY DE CAPAS DE ROCK

Humanos Tóquio CBS

Capital Inicial Capital Inicial Polygram

Matriz Radio Taxi CBS



Cabeça de Dinossauro Titãs WEA

Apoio

INTERCOLOR

PAN AM

NEWAY TOUR

Realização

LIBER

COMPANY

TNT

Rock gaúcho, imberbe e louco da vida. *Marcel Plasse* amamenta a criança...

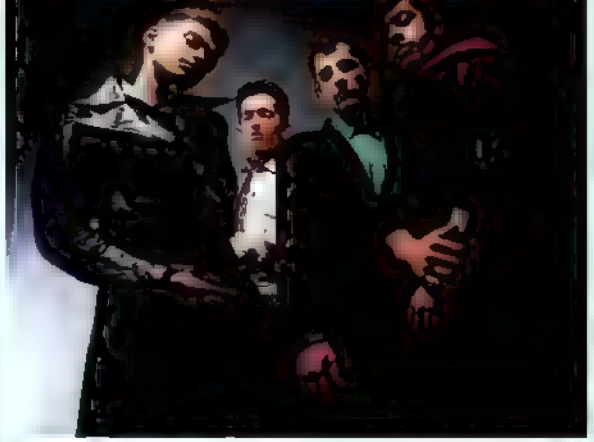


Foto Rui Mendes

A pauleira começa aos dez anos

[redacted] informação escassa mais tesão generalizado: esta é a fórmula do rock portoalegrense. TNT é um caso típico. Nunca ouviram — mesmo — Cramps, Meteors ou coisas do gênero. Detestam Stray Cats e fazem o mais entusiasmado rock (*'abilly and roll*) que já deu as caras neste hemisfério. Imaginem-os de preto, jaqueta de couro e loucos da vida. Rockers legítimos, ouvidos colados em eletrolas tocando Chuck Berry, às vezes apenas em versões dos Beatles e Stones, e até acompanhados pelos gêmeos Who e Jam. A agressividade mod não poderia, claro, estar ausente nestes *teenagers*.

"Pra tocar esse tipo de som é preciso ter ainda uma certa inocência", saca Charles Master, baixista e vocalista. A média etária do grupo é 18 anos. Mas não deixe seus rostos imberbes enganá-lo. Eles são cachorros loucos pulando no palco, exigindo o máximo de seus amplificadores de válvula. Você sabe, no tempo em que se tocava rock'n'roll não existia transistor, e a amplificação à válvula, além de tudo, fornece distorção natural. E estoura mais cedo. Mas isto é sinônimo de TNT.

A formação não é a mesma de "Entra Nessa" e "Estou na Mão" (do LP *Rock Grande do Sul*), composições do tempo em que Charlie e Flávio Basso (ex-guitarrista) tinham dez anos. Há dois novos guitarristas, Luis Henrique (ex-Prisão de Ventre) e Márcio Petralha (baixista na primeira formação da banda), ao lado de Charlie e do baterista Felipe Jotz. Os guitarristas anteriores montaram, com mais um baterista, o trio Cascaveletes — já na mira do novo selo da gravadora RCA, Plug, que se prepara para lançar os primeiros LPs de TNT e De Falla. Fumaça no ar.

PICASSOS FALSOS

No fervilhante cenário carioca, *Tom Leão* aponta um dos grupos mais promissores

Foto Claudia Daniel

Da recentíssima safra carioca, os Picassos

[redacted] a coisa não vem da zona sul, de Copacabana e Leblon, e sim do tradicionalíssimo bairro da zona norte próxima, Tijuca. A semente começou a germinar em 85, com o nome de O Verso, tendo no baixo um elemento que não permaneceu, Caica. A transformação em Picassos se deu em homenagem ao centenário do gênio espanhol das artes. Falsos, pra não correrem o risco de serem roubados, mas genuínos no que se propõem.

Eles são novos, com idades girando em torno dos vinte anos: Gustavo Corrêa, guitarrista que tem em Jeff Beck o ídolo máximo, mas não esquece de Hendrix, Johnny Winter e Jimmy Page. Sua guitarra é cortante tanto num funk à James Brown como num solo blues; Abinio Azambuja, baterista influenciado por Stones e Peter Gabriel, empresta deste último marcações fortes e retumbantes, num *crossover* África/Inglaterra; José Henrique Alves, baixista fissurado nos sons que tiram Bernard Edwards (Chic Power Station) e Jaco Pastorius, cria em cena linhas funks altamente swingantes e pesadas, que tanto lembram Prince quanto Gang of Four; Humberto F., não drogado ou prostituído mas cantor/*performer* e letrista da banda. Foi ele quem aglutinou as cabeças para o projeto. Fala milhões de coisas sobre milhares de coisas. É fã de Fernando Pessoa e cantando lembra (e como lembra!) Caetano Veloso, Jim Morrison e Jon King nas horas quentes.

Uma *demo* já circula nas alternativas cariocas, como "Idade Média", "Quadrinhos" e "Carne e Osso", todas bastante pedidas ao final das apresentações, cada vez mais freqüentes e concorridas. A fita foi produzida por Alvin L., ex vocalista dos extintos Rapazes de Vida Fácil, agora agitando no Brasil Palace.

Do rock ao funk, do blues ao reggae, os Picassos Falsos pintam todas.

Uma semana antes de chegar às lojas, o álbum duplo **Bring on the night**, *de* **Sting**, *vendeu mais de 150 mil cópias por antecipação. Isso significa que* **Bring on the night** *já é Disco de Ouro. Uma questão de lógica. Gravado ao vivo (sistema digital) na Europa,* **Bring on the night** *é uma* **jam session** *de* **Sting** *à frente de uma banda de jazz contemporâneo* mundialmente conhecida. Tudo isso sob o signo de um dos maiores trios da história do rock,* **The Police**, *que* **Sting** *liderava até dois anos atrás. É por essas e por outras que* **Bring on the night** *deve ser "sorvido" devagar, como os melhores vinhos.*

PolyGram

SLEDGEHAMMER

(Peter Gabriel)

PETER GABRIEL

COM PANDA VOCÊ VIRA FERA.

PANDA®
ALTA PERFORMANCE EM ESPORTE E LAZER

Adote um Panda. Você vira fera na hora. Panda é gostoso, bonito, colorido. Mais do que tudo, Panda é Vulcabrás. O solado exclusivo a palminha de borracha natural, é para você pisar manso e macio. Panda é diferente de tudo o que existe por aí, uma verdadeira fera na resistência, durabilidade e qualidade. Experimente um Panda. Temos certeza de que ele vai ser a sua marca de estimação.

Qualidade

AIRTO MOREIRA

Airto em uma de suas apresentações com Flora Purim, em agosto último, em São Paulo

Para os americanos, ele é o maior percussionista de todos os tempos. Aqui, ele dá a sua receita.

Neto de cantor lírico italiano e boêmio, Airto Moreira já deixava sua mãe desentendida quando sequer dava os primeiros passos. "Ela me sentava no chão e eu ficava batendo com a mão no assoalho e virando a cabeça. Ela achava que eu era retardado! Um dia, na casa da minha avó, repeti a mesma coisa. E minha mãe disse para ela, 'Olha, ele começou de novo. Que coisa horrível'", conta. E a velhinha: "Deus me perdoe! Outro músico!"

Com esta história nem é preciso dizer de onde veio a fascinação pelos pratos, peles e afins. Aos quatro anos de idade Airto substituía o chão de casa pelo pandeiro. Aos seis já tocava com um santoneiro em bailes, casamentos, batizados... Mas foi aos catorze que ele se iniciou na bateria. E, aos vinte, já formava o Quarteto Novo, grupo onde participavam, além de Airto, Theo de Barros, Hermeto Paschoal e Heraldo do Monte.

Depois do Quarteto Novo comecei a desenvolver o que veria a ser a técnica de percussão mista. Na verdade, até então, ela era dividida: percussão de um lado, bateria do outro. A típica — agogô, triângulo, caxixi — era relegada ao Carnaval, Nordeste e berimbau. Misturei tudo. Inclusive inventei a coisa de tocar bateria e percussão ao mesmo tempo. E fui pichado por isso. Os outros percussionistas diziam que eu estava quebrando com a tradição. Mas foi dessa mistura de estilos e instrumentos que renasceu a percussão no Brasil. Foi o que ditou para o meio musical que percussionista também é músico.

"Estudei piano aos três anos de idade e violão aos seis, na Academia de Ponta Grossa, Paraná. Não aprendi nada. Embora estudasse piano, quando chegava em casa pegava o pandeiro e cantava... A única influência forte para mim foi quando vi um show do Luis Gonzaga, ainda nos ombros do meu pai. E tinha uma mulher com ele, a Zezinha, tocando um agogô, dançando e, ao mesmo tempo, cantando. Aquilo me impressionou muito. Outra pessoa importante foi o Geraldo Vandré, para quem formei o Quarteto Novo, e que dizia: 'Vocês são brasileiros! Não façam jazz. Peguem seus instrumentos e façam algo próprio'."

No final de 68 Airto foi aos EUA buscar Flora Purim, cantora brasileira e, também, sua mulher. "Quando cheguei lá a percussão estava praticamente morta. Isso foi uma vantagem e desvantagem — eles não sabiam o que era isso. A percussão americana era cubana e eles tinham cortado relações com este país. Portanto, músico cubano não conseguia emprego. Quando apareci com essa 'miscelânea' eles acharam: 'Podemos ter percussão sem cubanos'."

Sobre a "miscelânea", Airto acrescenta: "Eu tenho uma mesa em forma de asa delta onde eu distribuo todas as peças. Toco como se estivesse numa bateria, com as baquetas. Tem até um bumbo embaixo da mesa. Deixo os sons agudos à direita e os graves à esquerda. Os instrumentos são, em sua maioria, preparados. Nunca compro um instrumento novo. Prefiro os velhos, que várias pessoas já tocaram e já tem uma vibração. Tenho alguns africanos que têm centenas de anos."

Algum recado para os aspirantes? "Por se tratar de um instrumento primitivo — o primeiro som foi a voz, depois a percussão —, acho importante que o percussionista tome cuidado para que, ao experimentar a eletrônica, não troque a percussão por ela. O perigo está em ele passar a ser um técnico e engenheiro de som em vez de percussionista..." *S.M.*

PEÇAS TRADICIONAIS, PRIMITIVAS E EXCLUSIVAS

Airto diz que os instrumentos percussivos que vêm da China são os melhores. De lá ele tem um prato enorme que deixa atrás de todos as outras peças, os woodblocks *– blocos de madeira de tamanhos distintos — e os gongos.*

Caxixis — originalmente usados como parte integrante do berimbau. Airto mandou fabricar alguns enormes e os usa como peças avulsas.

Tumbadora, timbales, tumbor e bumbo de bateria. Pios de passarinho do mundo inteiro, geralmente usados para caça. Airto tem paixão por estes instrumentos e ressalta que tem todos os de Murillo, um brasileiro que os fabrica à mão.

Sincerros, que são instrumentos feitos de metal grosso e de vários tamanhos.

Triângulo, agogô, cuíca e berimbau. Este último Airto usa muito pouco. "Deixo para o Naná (Vasconcelos) que é o melhor para nisso."

Peças de metal, que não são instrumentos. "Trabalho nelas, faço. Não têm nem nome."

E, finalmente as cascas, que são frutas da África, de casca bem dura, em pencas... "Bato uma na outra. É bem terra, muito primitivo. Servem como um tapete, cobertura do som."

AIR MAIL

Pepe Escobar

Morrissey, o homem que mais sofre no mundo, continua provocando polêmicas no imperio do novo brutalismo. Por causa da letra de "Panic", o ultimo *single*, onde condena DJs indiscriminadamente à forca, o mais *dandy* amante de Oscar Wilde está sendo boicotado em todas as frentes. Diz a moçada que roda os vinis em London, seja nas *discos* ou nas rádios: "Nenhum DJ que se preze bota Smiths para uma massa dançante". Enquanto isso, nos trópicos...

Os anos 50 continuam vivos e passando bem em outro filminho extraclean, *Desert Hearts*, com uma trilha sonora da pesada onde entra **Buddy Holly, Elvis, Gene Vincent** e a divina *country singer* **Patsy Cline.** Uma professora de Nova York com uma vertigem de traumas emocionais vai para Reno, Nevada, onde termina sendo envolvida por uma jovem lesbica que trabalha em um dos cassinos locais. E um amor impossivel tratado pela diretora independente **Donna Deitch** com alta sensibilidade. O romance original também é de uma mulher, e a maior parte da equipe é feminina. *Desert Hearts* tem ainda a mais bela sequência de amor entre duas mulheres já aparecida na tela. Emocionante.

O *Limelight* londrino — ainda novinho — anda arrasando nas noites de Shaftesbury Avenue com altas produções, tipo "Feras de Chicago". O publico fica demais no dominio dos metidinhos — problema mundial, so resoluvel com uma revolucao espiritual (não vai ter). E as outras **discos** londrinas continuam mandando ver. O ***Fridge,*** na ultrablack Brixton, ao sul da cidade, esta matando com seus sábados de soul e funk pesado, onde o DJ é ***Jay Strongman,*** figura que tambem assina uma coluna na **Face.** Levei um ***Paralamas*** para Strongman botar na pista. Botou, a moçada dançou. Comentario de Strongman: "Bom pra pista, mas falta baixo e tem muito prato".

Fot. Jemma Biga

Coisas que só acontecem em London Town. Uma *double bill*, de madrugada, com dois filmes supostamente *beat*. *The Subterraneans* é uma produção de 1960 baseada no livro homônimo de **Kerouac.** Está mais para *blue movie* do que para *Blue Note*. *Pull My Daisy* foi filmado por **Robert Frank** em 58. É um exercício pré-Warhol, onde amiguinhos *beat*, como Kerouc e **Ginsberg** (foto), ensaiavam teatrologias. O título vem de um dos poemas mais arrasadores de Ginsberg. Tudo carrega um interesse histórico. Quando é que um distribuidor sem miopia aguda etc. etc. etc...?

Os anos 60 continuam vivos e passando bem em um filminho extraclean [illegible] com uma trilha sonora da pesada [illegible] **Steppenwolf, Byrds, Buffalo Springfield, Hendrix** e companhia. [illegible] do meio oeste americano e expulso de [illegible] por [illegible] macanha [illegible] para a [illegible] o melhor amigo [illegible] briga com a [illegible] o amigo [illegible] de um ataque cardíaco e [illegible] uma saída [illegible] no Exército e [illegible] para o Vietnã. No [illegible] caminho do quartel [illegible] da [illegible] gravata no oficial [illegible] e [illegible] campos [illegible] Spangled [illegible]

O notorio *mastermix Arthur Baker* volta a aprontar agora em selo proprio, a Criminal Records. Baker anda dizendo por aí que 90 por cento da *black music* atual, com suas remixagens ad infinitum em computadores intergalaticos, não passa de puro lixo. Vai atacar numa linha minimal-criminal. Sua mini majestade libidinal Prince que se cuide.

Saiu fogo do carnaval de Notting Hill Gate este ano. Mais de um milhão de alucinados alucinaram ao som de steel bands, bandas de reggae, soca, funk, calipso, rumba, ju-ju, high life e cerca de 60 *sound systems* jamaicanos "oficiais" (fora os piratas), tocando o mais ton truante reggae, dub, lovers rock, e com os *toasters* entupidos de ganja improvisando mensagens politicas de arrebentar o sistema nervoso. Não deu briga como nos velhos tempos do punk, quando os fascistas apareciam para provocar. E apareceram umas feras altamente venenosas, como **Unidivided Roots,** e o reggae só de gatinhas negras do **Abacush.** Quando algum empresário brasileiro sem miopia aguda vai apresentar à garotada tropical um verdadeiro banquete da terra de Jah?

E, para terminar, vai um *Air Mail* daí mesmo. São Paulo, Brazil. Estive aí e ouvi — ou fui obrigado a ouvir — algumas coisinhas. O **Paralamas** ao vivo já se habilita a tocar no carnaval de Notting Hill. O **Camisa,** ao vivo em disco, já dá pra segurar no Hammersmith Odeon. **Cabine C** e **Heróis do Brasil** podem ter um tremendo futuro. Mas quase tudo que ouvi deu sono. Muito sono. E saudade dos pretinhos de New Orleans, ou Jamaica, ou Gana. **Replicantes** e **Garotos Podres,** ao ataque! Passem fogo nos popinhos sintetizados de butique. Popinhos, escutem de verdade **James Brown** e a bateria da **Mangueira.**

Fotos Jorge Hossenberg/AP

Buscando os ídolos do século XXI
RÁDIO
CIDADE
FM
DE JANEIRO — SÃO PAULO — CAMPINAS — PORTO ALEGRE — JELEM — BELO HORIZONTE — CUIÁBIA —
SALVADOR — RECIFE — MANAUS — VITÓRIA

CARTAS SERVIÇOS

METAL VERSUS PUNK

Amigos, não é minha intenção criar atritos ou gastar palavras vas, mas tem certas coisas que precisam ser ditas. Falo sobre o pessoal do Ratos de Porão e suas ideias *(o manifesto dos Ratos foi publicado no Showbizz. BIZZ 12 N. da R.)*. Primeiro como em todos os movimentos, no heavy metal também houve infiltrações de pessoas que não têm nada a ver com a verdadeira ideologia metálica, como vocês, punks, tão bem o sabem. Isso não quer dizer que todos os heavies sejam satânicos, místicos e tal. Isso é uma generalização bem besta, como se, por exemplo, disséssemos que todos os punks são violentos e burros. Segundo: vocês, Ratos, são engraçados. Vivem na burguesia paulista, lançam um disco atrás do outro e até agora eu não vi nada de palpável nessa sua tão considerada "revolta". Com um material desses (discos, estúdio, dinheiro), qualquer grupo que estivesse realmente a fim de se erguer já o teria conseguido. Terceiro: vocês fazem "trash" (lixo) para se confundirem ao "thrash" (porrada), que é uma corrente heavy. Pelo que se sabe, o objetivo disso é arrebanhar apenas mais público, já que o heavy está em alta. Quem costuma fazer isso é o Olho Seco, que, quando vai tocar pelo interior ou em outros Estados, diz que o grupo é "power metal". Isso é ter fé no estilo que escolheu? **Aryx, São Bernardo do Campo — SP.**

Passamos sua carta para os Ratos que responderam: "Fazemos 'trash' (hardcore americano que apareceu em 83). Não negamos tendências metal, embora 'thrash' para nós seja outra coisa (informe-se). Dinheiro: ha! ha! ha! ha! Nossas profissões: Jabá, marceneiro desempregado; Jão é funileiro; João é auxiliar de laboratório, e Espaguetti é vagabundo. Burguesia? Ora, somos espertos. Temos a boiada. PS: nossa banda predileta é Exodus"

CONEXÃO INTERNACIONAL

Pena que aqui em Moçambique não se venda a BIZZ, senão comprava-a todos os meses. A vossa edição especial *Letras Traduzidas* está uma maravilha! Gostaria que publicassem meu endereço para quem estiver interessado em trocar correspondência comigo sobre assuntos musicais e outros. Responderei a todas as cartas e poderemos trocar posters e revistas. **Henrique E. Mano, jornalista da revista *Tempo*, Rua João de Barros, 166, B/Sommerchield, Maputo-3 — Moçambique.**

Sou um português leitor assíduo da revista BIZZ. Pena é que chegue tão atrasada aqui à ponta mais ocidental da Europa. Pelo que tenho lido, há muitos leitores brasileiros interessados na MPP (música popular portuguesa) e também no rock português. Então lembrei-me de dar uma sugestão: haverá aí algum leitor da BIZZ que esteja interessado em fazer um intercâmbio comigo? Trocávamos discos ou cassetes e assim ficaríamos a conhecer melhor a música dos dois países. Um abraço. PS: faço parte de uma rádio livre, a *Horizonte de Estarreja*, e seria muito bom tocar música brasileira inédita em Portugal. **Severiano D'Oliveira, Ladeiras de Baixo, Salreu, 3860, Estarreja — Portugal.**

A redação da BIZZ manda um grande abraço para o Henrique, o Severiano e a todos os nossos leitores d'além mar. Escrevam sempre!

BAUHAUS E ADJACÊNCIAS

Gostaria de saber a discografia do Bauhaus e os endereços de sebos em São Paulo onde discos fora de catálogo possam ser encontrados. **Sérgio de Mendonça, Campinas — SP.**

O Bauhaus surgiu das sombras em 79, com o famoso compacto "Bela Lugosi Is Dead", música utilizada no filme Fome de Viver. *In the Flat Field (80), Mask (81) e The Sky's Gone Out (82) são os três primeiros álbuns da banda. Este último, em sua primeira edição, vinha com um LP bônus ao vivo, depois lançado separadamente como* Press the Eject and Give Me the Tape *(82). O LP seguinte é* Burning From the Inside *(83), antecedido pelo EP* Ziggy Stardust, *provavelmente o mais interessante entre os inúmeros singles e EPs da banda: além da música de Bowie, ele traz versões de "Third Uncle", de Brian Eno, e "Waiting For My Man", de Lou Reed/Velvet Underground, gravada ao vivo com a participação de Nico nos vocais. As compilações* The Singles 1981-1983 *e* 4AD *(ambas EPs, de 83) dão um apanhado nos hits do grupo. A coletânea dupla* Bauhaus 1979-1983, *lançada no ano passado, praticamente esgota o assunto, colecionando as faixas mais conhecidas dos LPs e material dos quinze EPs e compactos da banda. O guitarrista Daniel Ash e o baterista Kevin Haskins, após o fim do Bauhaus, formaram o Tones on Tail, que gravou dois álbuns (a coletânea com seus primeiros compactos,* Tones on Tail, *e o LP* Pop) *e seis singles. O baixista David Jay (ou David J) lançou seis compactos e dois LPs solo, desde antes do fim do grupo (*Etiquette of Violence *e* Crocodile Tears and the Velvet Cosh *são os álbuns), além de dois EPs, um mini-LP (*Sex And Travel*) e um LP (*A Scandal in Bohemia*), em colaboração com Jazz Butcher. Jay lançou ainda um compacto com a banda* The Sinister Ducks. *Ash, Haskins e Jay se reuniram novamente no grupo* Love and Rockets, *que já tem vários singles e um LP (*Seventh Dream of Teenage Heaven*). O vocalista Peter Murphy juntou-se a Mick Karn (ex-baixista do Japan) no grupo* Dalis Car, *que deixou um LP (*The Waking Hour*) e um compacto, partindo depois para a carreira solo. Depois de três singles, ele lançou há três meses o LP* Should the World Fail to Fall Apart *(em tempo: veja os vídeos do Bauhaus na página 22). As melhores lojas especializadas em discos fora de catálogo e/ou importados em São Paulo são: Baratos Afins (av. São João, 439, loja 318, tel. 223-3629); Bossa Nova (rua Sete de Abril, 356, loja 12), Wop Bop (rua Barão de Itapetininga, 255, loja 25), Matavsia (al. Tietê, 43, loja 14, tel. 852-3063), e Eric Discos (rua Artur de Azevedo, 1813, tel. 881-8252).*

Foto Estúdio Abril

ROXY MUSIC *(1972)*

"Muita gente discordará de que o Roxy Music tenha definido os anos 70; ao contrário, todos estarão de acordo com que a importância dos Beatles para os anos 60 tenha sido básica e radical. Não devemos estranhar. Os 60 foram anos de esperança, os 70, de confusão. Os 60, anos de unidades; os 70, anos de dispersão."

Como Ramón de España — que o enunciou em um interessante livrinho sobre a banda (Ediciones Jucar, Madri, 82) —, acho que essa é a chave da compreensão da importância do Roxy Music para o rock contemporâneo. O *conceito Roxy*, tal como foi formulado por Bryan Ferry, ataca o nó cultural daquela década obscura em muitas das suas variantes: consumo versus arte, melodia versus ruído, saída pessoal versus solução coletiva.

Bryan andou metido em uma escola de artes (foi aluno do pintor David Hamilton) antes de decidir que o rock era um suporte mais adequado para as suas aspirações estéticas. Descobriu isso por acaso — ele era *crooner*, por hobby, em uma banda soul de Newcastle, Inglaterra, por volta de 67. E sabia tocar o "bife", ou pouco mais, ao piano. Mudou para Londres. Comprou um piano (!). Suas exposições de pintura não foram muito bem-sucedidas, mas em 70 ele já tinha diversas composições, competentes o suficiente para não escandalizarem Andy Mackay, um novo amigo, saxofonista com trânsito na música experimental.

Com Mackay e um velho parceiro do grupo de soul, o baixista Graham Simpson, trabalharam o repertório enquanto experimentavam colaboradores: Dexter Lloyd, depois Paul Thompson na bateria, David O'List (ex-Nice), depois Phil Manzanera para a guitarra. Mas o achado foi um jovem vanguardista, apaixonado pela eletrônica, que além do mais era a única pessoa conhecida capaz de tocar o sintetizador ("Meu Deus, o que é isso?!") que Mackay tinha comprado: Brian Eno.

Eis que, em 72, a EG Records e o letrista/produtor Peter Sinfield, recém-rompido com o King Crimson, resolvem lançá-los. Nesse meio tempo, as primárias canções de Ferry foram rearranjadas, reagindo magnificamente com suas letras cultas, entre o surreal, o irônico e o romântico. Da parte interna da capa do primeiro LP (por fora a modelo Kari-Ann se espalha numa colcha de cetim, em um apelo sensual) cinco figuras exóticas, topetes pontudos, óculos de homem-mosca, jaquetas de oncinha, lançavam seu manifesto: re-faça, re-modele.

"Re-Make/Re-Model", a primeira faixa, começa com ruídos de festa. É esse o sentido da exuberância dos rapazes: celebração, e não bichice. O som evoca, freqüentemente, o rock dos anos 50. Mas este é um disco de idéias, mais do que música. O primeiro compacto, com a faixa "Virginia Plain"*, já tinha posto a banda em evidência. Os trinados de Ferry tratavam de uma de suas obsessões, o glamour do cinema hollywoodiano ("o real e confiável/é que Baby Jane está em Acapulco/e todos estamos voando para o Rio"), de um jeito provocador (Baby Jane Holzer foi estrela em alguns filmes *underground* de Andy Warhol). Sintetizador, sax e guitarra festejavam.

No LP, esses motivos estão expandidos. Além da profusão de efeitos eletrônicos futuristas, o trabalho de Eno no sintetizador amplia a noção de *textura*, até então pouco presente no rock. Os timbres de teclados, guitarras, sax (e oboé, o outro instrumento de Mackay) se combinam em camadas, se distribuem em solos rápidos, num certo sentido de música visual, gráfica.

Mas sobretudo é Mr. Ferry derramando-se em charme, ao piano, nos vocais brincalhões ou ressentidos, nas letras ricas em imagens, apaixonadas e apaixonantes — não fosse o nome Roxy inspirado naquelas salas de cinema onde se assistiam aos doces encontros e desencontros do amor. "Parece que foi ontem/que te vi pela primeira vez.../Como podia esquecer um dia assim?"

Alex Antunes

* "Virginia Plain" está incluída na segunda edição americana e na edição brasileira do LP Roxy Music.

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

BIZZ

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Diretor: Carlos Arruda

REDAÇÃO
Editoria: José Augusto Lemos, José Emilio Rondeau.
Redação: Alex Antunes
Reportagem: Sônia Maia
Coordenação: Vera Mondin

ESTÚDIO DE ARTE
Editora de Arte: Cristina Canabrava Arruda
Chefe de Arte: Rodolfo Tucci
Diagramadores: Cleber V. Garcia, Jorge Toth, Moema Figueiredo

Atendimento ao Leitor: César Garcia Lima
Colaboradores: Texto: Alexandre Dines, Alfredo Borba Jr., Alita Sá Rego, Arthur G. Couto Duarte, Bia Abramo, Claudette Poodle, Eva Joory, Gisela Hakim (tradução), Hermano Jr., Jean-Yves Neuville (tradução), José Eduardo Mendonça, Lauro Machado Coelho, Leopoldo Rey, Luisa de Oliveira, Marcel Plasca, Márcia Alvaro, Marco Antonio de Menezes (New York), Mariana Simonsen (tradução), Pepe Escobar (Londres), Peter Price, Silvano Michelino (Paris), Thomas Pappon, Tom Leão; **Fotos:** Angelo Pastorello, Claudia Dantas, Geraldo Luis Gomes, Irineu Barreto Filho, José Augusto Varella, Mauricio Valladares, Rui Mendes, Tucci

PUBLICIDADE
Diretor: Carlos Alberto F. de Araujo
Supervisor: Ricardo Côrte Real (São Paulo)
Contatos: Jandir Benetti, Márcia Andrade (São Paulo) e Lidia Camarate (Rio)
Produção Gráfica: Paulo Luchesi

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press - Escritórios - Milão: International Business Centre, Corso Europa, 12, Phone: 02-54-56301 e 54-56212-20122, Milano, Telex: 331585 e 332809; **Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Telex: 237570, Phone: (212) 5990-5993; **Paris:** 33, av. Champs Elysées, 2° Bureaux 213 bis 214, Paris 75008, Phone: 42 25 58 65, Telex ABRILPA 660731f
Departamento de Documentação - Dedoc - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex: (011) 22115

COMERCIAL
Gerente de Promoções: Alfredo Nastari
Supervisores: Vani Pien (São Paulo), Fernando Mendonça (Rio)
Gerente de Circulação: Rogério Casale

EDITORA AZUL
Diretores: Carlos Arruda, Nivaldo Montingelli e Pedro Frazão
Diretora Responsável: Lúcia de Lima Dória Castelli
Diretor Escritório Rio: Carlos Alberto F. de Araujo

BIZZ é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** r. Marquês de São Vicente, 1771, CEP 01139, tel.: (011) 826-6777. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8° ao 11° andares, CEP 22290, tel.: (021) 295-5282, Telex: (021) 22674, Telegramas Editabril/Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Ferais, 2685, Camarate, Lisboa. Ninguém está credenciado a angariar assinaturas, se for procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. Esta revista vai às bancas mensalmente no dia 03. Pedidos pelo correio: DINAP - Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

RAYCES
Moda jovem para gente jovem.
Malha 100% algodão.

Entre nesta moda e conquiste quem você ama.

Camisetas por apenas **Cz$ 89,00** cada

FAÇA JÁ o seu pedido por carta ou telefone: (011) 520-0611 c/ Idalina.

GARANTIA: Você receberá sua camiseta bonita, como na revista. Caso contrário poderá devolvê-la, que restituímos seu dinheiro.

Envie o seu cupom para: JR SOUSA RIBEIRO - CAIXA POSTAL 66.088 - CEP 05390 - SÃO PAULO - SP

À JR SOUSA RIBEIRO - CAIXA POSTAL 66.088 - CEP 05390 - São Paulo - SP

TAMANHOS P.M.G.

De 1 a 5 peças, apenas pelo preço à vista.

CONDIÇÕES ESPECIAIS - Para pedidos de 6 ou mais peças

☐ Anexo Cheque Nominal à JR Sousa Ribeiro com 10% de desconto ☐ Anexo Vale Postal à JR Sousa Ribeiro com 10% de desconto ☐ Prefiro pagar ao retirar a mercadoria no Correio de minha cidade. Pagarei + Cz$ 25,00 de despesas com remessa.

REF	QUANT.	TAM	PREÇO
VALOR DO PEDIDO			
DESCONTO ESPECIAL			
VALOR A PAGAR			

Nome .....
End ..... n°
Bairro .....
CEP ..... Cid. .....
Est .....

Para receber sua encomenda sem atraso, ESCREVA o CEP corretamente no cupom resposta.

Preços especiais para REVENDEDORES E ATACADISTAS, fale com MIRIAM pelo tel.: (011) 520-0611
Peça, também, **catálogos** com as últimas novidades

BIZZ 25

Claudette Poodle ©

& SUA POLAROID

E as cartas continuam chegando, para a verdejante inveja do resto da redação! Desta vez é a tiete assumida **Andrea Sarcinelli**, de Vitória-ES, mais uma vítima do olhar 4300 do Pedro Rodrigo, quer dizer, **Paulo Ricardo**. Em sua deliciosa carta, ela protesta contra a "perversidade" do PRM de andar por aí com sua aliança à vista. "Será que ele não sabe que as alianças estão para as tietes como as cruzes estão para o vampiros?", pergunta a jovem, contribuindo com mais uma máxima lapidar para a minha cademeta *Pérolas Aforísticas*.

Pois a carne de primeira sumiu das prateleiras, mas o Paulinho continua pendurado em tudo que é banca e jornaleiro... Que achou você do encontro de tiás promovido pela contrafria televisionada *Chico & Caetano*? O autor de "London, London", parecendo mais um gigolô porto-riquenho subnutrido com seu *new* bigode, e o intérprete de "London, London" não se contentaram em retocar este velho/novo hit, como se juntaram aos srs. Buarque de Holanda e Matogrosso para uma sofridíssima versão de "Chega de Mágoa", clássico do conhecido grupo *We Are the Worst* (copyright Rita Lee). É claro e ululante que o grande momento deste patético TV show foi o grande mestre **Tim Maia**, que rasgou o protocolo e deu a oportunidade aos pobres telespectadores de saborear um pouco de espontaneidade, garra e MUSICA!

Opa, opa, se não aterrissa em minha mesa uma missiva do fã-clube *Blues Boys & Girls*, furiosa com a depreciação do emérito blueseiro nas páginas desta revista e — em especial — na coluna desta que vos aplica cursos intensivos e sabedorias milenares. Para provar que o garotão **Celso Blues Boy** pertence à linhagem de **Robert Johnson, Memphis Slim** e outros ídolos do **Pepe Escobar**, o f.-clube envia fotos do garoto nos braços do grande **B.B. King**. Pois é, que a gente pode fazer quando o genial velhinho começa a apresentar sintomas de senilidade? No mais, atenção para a ortografia: é *rhythm'n'blues*, e não *nith'm blues*. Continuem lendo esta revista que vocês não cometem mais esses erminhos.

Com certeza, você leu — nesta mesma revista — sobre a acolhida londrina que recebeu, recentemente, nosso velho colega **Gilberto** "Domingo no Parque com a Raça Humana" **Gil**...

Eu, porém, que não usei babador nem nos verdes e tenros anos de infância, fiquei profundamente chocada com a entrevista do GG à revista de moda & estilo & frescuras em geral *I-D*. O venerável baiano não só colocou o tropicalismo como rebento do seu próprio ventre, como — ao explicar o embasamento teórico do movimento — sentenciou: "É o que chamo de antropofagia..."

Contatos com mediuns que desfrutam da minha intimidade indicam, porém, que o fantasma de **Oswald de Andrade** — o autêntico pai da criança — não ligou a mínima. Diz o grande e velho Oswald que não mais lhe interessam as veleidades terrestres em geral nem as passarelas londrinas em particular.

O grande forrobodó travestido de batalá no meio musical ocorreu, em agosto, por ocasião da entrevista de **Serginho Dias Baptista** a um diário carioca, em que o ex-Mutante classifica o rock (rock?) nacional de "analfabeto" para baixo. Se eu fosse irmã do **Arnaldo Baptista**, provavelmente teria dito o mesmo. Aliás, eu não sou nem prima em quinto grau dele, mas toco uma tecla parecida. Aliás II, eu só não assino embaixo porque lembro muito bem de quando Serginho andou por aí com uma banda que de **Mutantes** só tinha o nome, pendurado vergonhosamente na carótida do **Yes** e suas masturbações progressivóides...

JOGO DOS SETE ERROS

MÊS QUE VEM NA BIZZ

- EXCLUSIVAS COM *TINA TURNER, PLEBE RUDE* E *CAETANO!*
- O HISTÓRICO DO *BAUHAUS*
- A NOVA GERAÇÃO DAS TELAS!
- AS MUITAS MÁSCARAS DE BOY GEORGE
- POSTER *ECHO & THE BUNNYMEN!*

TOTALMENTE DEMAIS
JÁ É TOTALMENTE OURO

INCLUINDO:
VACA PROFANA
O QUERERES
NOSSO ESTRANHO AMOR
DOM DE ILUDIR
E MUITO MAIS...
TOTALMENTE DEMAIS

Caetano mais uma vez surpreendeu a tudo e a todos. E novamente brilhou. Resgatou o violão como parceiro e por onde passa deixa o povo inteiro extasiado com sua voz, música e emoção.

Shows com lotação esgotada no Rio e São Paulo.

Apenas inesgotável parece ser a fonte onde Caetano bebe seu caminho e intuição. E segue.

O LP "TOTALMENTE DEMAIS" já é totalmente ouro.

Mais de 100 mil cópias vendidas em 60 dias.

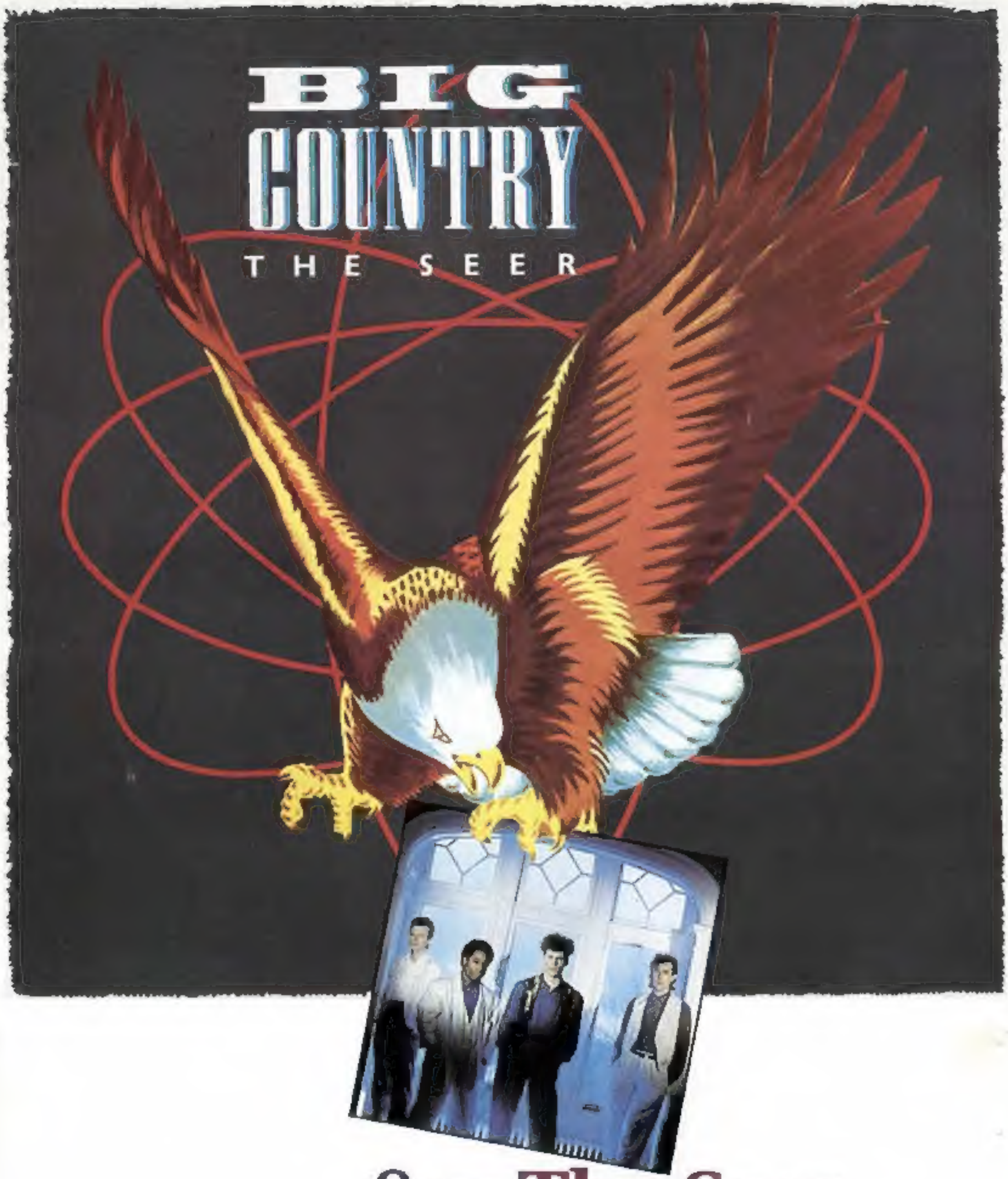
Parabéns Caetano. Mais uma vez a gente te aplaude de pé.

MAIS UM SUCESSO EM DISCO E FITA

PolyGram

HEAVY

JUDAS PRIEST



Ouça The Seer
e saiba por onde anda
o rock de amanhã.

PolyGram